



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LUANA CAMILA COSTA

**A EXPRESSÃO DA LOCATIVIDADE NO KAINGANG DA TI
APUCARANINHA**

Londrina
2021

LUANA CAMILA COSTA

**A EXPRESSÃO DA LOCATIVIDADE NO KAINGANG DA TI
APUCARANINHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

C837 Costa, Luana Camila.

A expressão da locatividade no Kaingang da T.I. Apucarantina / Luana Camila Costa. - Londrina, 2021.

124 f. : il.

Orientador: Marcelo Silveira.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Kaingang - Tese. 2. Locativo - Tese. 3. Funcionalismo - Tese. I. Silveira, Marcelo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

LUANA CAMILA COSTA

**A EXPRESSÃO DA LOCATIVIDADE NO KAINGANG DA TI
APUCARANINHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dr.^a Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Maxwell Gomes Miranda
Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT

Londrina, 08 de setembro de 2021.

Dedico este trabalho aos povos indígenas, principalmente, aos Kaingang da TI Apucarantina. Aos meus pais e avó, que me foram fonte de força e companheirismo para que pudesse ser realizado. E, também ao meu tio, Newton Rogério Costa e ao linguista Laklanõ, Dr. Nanblá Gakran, que nos deixaram recentemente e hoje estão em minhas memórias.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a Deus, sem ele este trabalho não teria sido realizado, ele é fonte de toda minha força. Obrigada por sempre ser um pai amoroso e sensível às minhas angústias.

Aos meus pais, Juciene e Nilsérgio, que sempre compreenderam o poder que a educação tem, buscando-a depois de adultos e não mediram esforços para que eu pudesse estudar e chegar até aqui.

A minha avó Neuza, minha maior inspiração como mulher e profissional. Obrigada!

Aos meus irmãos, Silvia e Luiz Henrique, por todo apoio e por entenderem quando não pude estar junto a eles. Vocês sempre acreditaram em mim, obrigada.

Aos meus sobrinhos, Bernardo, Lucas Gabriel, Raul e Diovanna, obrigada por serem incríveis e fazerem dos momentos mais difíceis felizes, vocês são minha motivação de vida.

Às minhas grandes amigas, Ana Cristina, Ellen e Lislíe, que não saíram do meu lado e sempre vibram com minhas realizações. Obrigada.

Ao meu professor e orientador, Marcelo Silveira, grande linguista, que se dedica dia e noite ao trabalho e aos seus alunos. Estendo este agradecimento à sua família, esposa e filhos, que sempre alegraram os momentos em que estivemos juntos.

À minha amiga de todo o percurso da graduação à pós-graduação, Isabella Ferro, obrigada por ser uma ótima companheira de pesquisa, apresentações em congressos e viagens.

À ilustre professora Maria José Guerra, linguista nata, que me ensinou tanto desde a graduação. Obrigada por ser tão amorosa mesmo nos momentos de puxões de orelha.

A todos os professores que fazem parte da minha formação, da educação infantil à pós-graduação no PPGEL, aqui não listarei seus nomes para não esquecer ninguém, mas tenho guardado os melhores e maiores ensinamentos que me transferiram com tanto amor e dedicação. Sempre serei grata.

Aos indígenas moradores da TI Apucarantina, aos professores e funcionários das escolas bilingues. Aos participantes e colaboradores ativos da minha pesquisa Damaris, Thiago, Leia e Débora, sem vocês este trabalho não seria possível. Obrigada!

Aos colegas de pesquisa dos grupos “Gramática, bilinguismo e multietnia” e “Cadernos de teorias da linguagem”, sou grata pelas conversas, debates e contribuições ao meu trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro, mesmo em meio ao caos dos cortes de bolsas enfrentado no atual governo federal.

COSTA, Luana Camila. **A expressão da locatividade no kaingang da TI Apucarantina**. 2021. 124 f. Dissertação (Mestre em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em descrever como ocorrem as expressões locativas na língua Kaingang, da família Jê, tronco Macro-Jê, do dialeto falado na Terra Indígena Apucarantina em Tamarana-PR. As expressões locativas indicam a noção de lugar e podem ocorrer de forma morfológica, sintática e semântica. Devido a essa amplitude, nesta dissertação o foco foi dado para os verbos posicionais, as posposições locativas e os advérbios de lugar. Foram usadas como base teórica a linguística descritiva de Gleason Jr. (1978) e Dixon (2007), o funcionalismo de Payne (1997) e Givón (2001) e a semântica de Kracht (2002) e Mel'čuk (2006). Foram analisadas, *a priori*, as ocorrências encontradas em falas naturais, usando como *corpus* narrativas gravadas *in loco* com falantes nativos da TI Apucarantina; a estas análises se somaram as ocorrências coletadas por meio de elicitación, uma vez que os dados coletados nas narrativas não se mostraram suficientes para abranger as numerosas formas de ocorrências das expressões locativas.

Palavras-chave: kaingang; locativo; funcionalismo.

COSTA, Luana Camila. **A expressão da locatividade no kaingang da TI Apucarantina**. 2021. 124 p. Dissertação (Mestre em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

ABSTRACT

The objective of this research is to describe how the locative expressions occur in the Kaingang language, of Jê family, Macro-Jê branch, of the dialect spoken in Apucarantina Indigenous Land in Tamarana-PR. Locative expressions indicate the notion of place and can occur morphologically, syntactically and semantically. Due to this breadth, in this dissertation the focus was given to positional verbs, locative postpositions and place adverbs. The theoretical basis used was the descriptive linguistics of Gleason Jr. (1978) and Dixon (2007), the Functionalism of Payne (1997) and Givón (2001) and the semantics of Kracht (2002) and Mel'čuk (2006). *A priori*, the occurrences found in natural speeches were analyzed, using as *corpus* narratives recorded *in loco* with native speakers of the TI Apucarantina; occurrences collected through elicitation were added to these analyses, since the data collected in the narratives was not sufficient to cover the numerous forms of occurrences of locative expressions.

Keywords: kaingang; locative; functionalism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Demonstrativos da Língua Laklanõ	38
Quadro 2: Posposições da Língua Laklanõ.....	39
Quadro 3: Circunstâncias.....	67
Quadro 4: <i>Onde</i>	68
Quadro 5: <i>Atrás, depois</i>	71
Quadro 6: Indicadores de Circunstância	74
Quadro 7: Posposição <i>dentro de</i>	75
Quadro 8: Posposições <i>em cima, por cima</i>	80
Quadro 9: Posposição <i>embaixo</i>	82
Quadro 10: Posposições <i>antes, na frente, no outro lado</i>	83
Quadro 11: Posposições <i>atrás, após</i>	85
Quadro 12: Posposição na direção de	85
Quadro 13: Posposições <i>perto, por baixo de</i>	87
Quadro 14: Traços das posposições que indicam localização dos seres no espaço em Kaingang.....	92

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Terras Indígenas Kaingang	19
Figura 2: Portal de entrada da Terra Indígena Apucarantina.....	20
Figura 3: Visão aérea do Salto do Apucarantina, TI Apucarantina, Tamarana, Paraná.....	22

LISTA DE ABREVIações

1	1ª pessoa
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
AG	agente
CIR	circunstância
DEM	demonstrativo
ERG	ergativo
EXIST	marcador de existência
F	feminino
FUT	futuro
HAB	habitualidade
IMP	imperativo
IND.A	indicador de aspecto
IND.CIR	indicador de circunstância
IND.FUT	indicador de futuro
IND.S	indicador de sujeito
INT	interrogativa
INTENS	INTENSIFICADOR
M	masculino
MS	marcador de sujeito
NOM	nominativo
PL	plural
OD	objeto direto
PERG	pergunta
PFV	perfectivo
POSP	posposição
POSS	possessivo
SG	singular
TÓP	tópico
VERBALIZ	verbalizador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O POVO KAINGANG	16
2.1	TERRA INDÍGENA APUCARANINHA.....	20
2.2	A LÍNGUA KAINGANG	22
3	PERCURSO METODOLÓGICO	25
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
4.1	O ESTUDO DO LOCATIVO EM LÍNGUAS INDÍGENAS DA FAMÍLIA JÊ: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	32
4.2	O LOCATIVO.....	40
4.2.1	Sintaxe.....	41
4.2.2	Semântica.....	46
5	LOCATIVO NA LÍNGUA KAINGANG	53
5.1	Verbos	55
5.2.1	Verbos posicionais.....	56
5.2	Verbos auxiliares	61
5.3	Advérbios.....	65
5.4	Posposições	73
	CONSIDERAÇÕES	93
	REFERÊNCIAS	95
	ANEXOS – Narrações de experiências pessoais (junho de 2019)	99
	Anexo 1 – K67	100
	Anexo 2 – K19	103
	Anexo 3 – K34	107
	Anexo 4 – K28	115
	Anexo 5 – K23	118
	Anexo 6 – K33	120

1 INTRODUÇÃO

O espaço é uma ideia bem compreendida tanto pelos seres humanos quanto pelos animais, por ser uma noção amplamente tangível (KRACHT, 2004). Todo evento ocorre em um determinado lugar que pode ou não ser apresentado com clareza no enunciado. Mas, considerando os estudos que envolvem a composição de lugar no que tange à descrição de línguas, não há um desenvolvimento amplo, principalmente em línguas minoritárias. A noção de locatividade apresentada nos enunciados são fontes importantes para a compreensão linguística e cultural dos falantes. Além das análises sintáticas e morfológicas, é importante compreender também a semântica dos marcadores e expressões locativas.

Apesar de o Estado Brasileiro ter como línguas oficiais apenas a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), estima-se que são faladas em seu território cerca de 274 línguas. Rodrigues (1999) realizou uma projeção em que chegou a um número de cerca de mil línguas faladas em território brasileiro na época da chegada dos portugueses no Brasil. Atualmente, segundo o levantamento Atlas das Línguas do Mundo em Perigo da Unesco, no país há cerca de 190 línguas em perigo de extinção. Essas línguas são ameaçadas de extinção por diversos fatores, conflitos e doenças que causam a morte de muitos falantes, além de questões econômicas e culturais.

Entre as línguas ameaçadas de extinção no país está a língua Kaingang. Ela é falada pelo povo homônimo que atualmente habita somente em terras brasileiras¹ e tem a terceira maior população indígena do país. O número de pessoas autodeclaradas indígenas da etnia Kaingang, segundo levantamento do IBGE (2010), é de cerca de 37.400 pessoas. Mas, esse dado não é consensual, uma vez que o Ministério da Saúde (2014) estima que são cerca de 45.620 Kaingang. Esses números se referem a dados confiáveis mais recentes. Essa língua está sujeita, assim como todas as demais, às variações, que podem ser: sociais (diatráticas), regionais (diatópicas), históricas (diacrônicas) e estilísticas (diafásicas). Desse modo, entendo que, mesmo não havendo um levantamento

¹ No passado já habitaram terras argentinas, na divisa com o noroeste do Rio Grande do Sul.

sociolinguístico que discorra sobre a situação da língua em todas as comunidades falantes dela, esta dissertação fará referência ao dialeto falado por homens e mulheres de diferentes idades, moradores somente da TI Apucarantina.

A língua Kaingang até os anos 1970 era considerada ágrafa, e sua recente grafalização, realizada pela linguista e missionária Ursula Wiesemann junto aos monitores bilíngues formados pela Escola Clara Camarão, é um dos fatores que a tornam carente de descrição e materiais que, além de descrever, auxiliem no seu ensino específico para as escolas indígenas bilíngues, as quais atualmente contam com materiais amplos para o ensino do Português, mas têm déficit de trabalhos realizados na língua materna dos alunos. É importante ressaltar que estudos sobre a língua foram realizados antes da década de 70, mas foram realizados por não linguistas e não tinham cunho descritivo. Essa demanda foi apresentada pelos professores indígenas ao professor Ludoviko dos Santos, que começou a trabalhar em prol de atender a essa demanda. Atualmente, o projeto de pesquisa “Gramática, Bilinguismo e Multietnia”, coordenado pelo professor Dr. Marcelo Silveira, da Universidade Estadual de Londrina, do qual fiz parte ao longo da minha graduação em Letras Português e mestrado em Estudos da Linguagem, vem trabalhando com a descrição da língua Kaingang, para a elaboração de uma Gramática Pedagógica da língua em questão. Com isso, esta dissertação também tem objetivo auxiliar na descrição da língua Kaingang para colaborar com a elaboração de materiais pedagógicos em prol dessa Gramática.

Levando em consideração os preceitos funcionalistas da linguagem, que veem a língua como um objeto da comunicação que é autônomo e maleável (MARTELOTTA; KENEDY, 2015), serão apresentadas informações que contextualizam a língua Kaingang culturalmente para que sejam compreendidas as questões que envolvem a expressão da locatividade.

No primeiro capítulo desta dissertação, o povo Kaingang é apresentado, com discussão voltada para os habitantes da TI Apucarantina e da língua Kaingang; no capítulo segundo, falo sobre o percurso metodológico pelo qual passou a pesquisa que gerou este trabalho. A fundamentação teórica é apresentada no terceiro capítulo, com um breve estado da arte e a apresentação de teorias sobre as expressões de localização a partir da Sintaxe e da Semântica.

No capítulo quatro é iniciada a explanação específica acerca do locativo na língua Kaingang, focando nas classes gramaticais verbo, indicador de aspecto posicional, advérbio e posposição, momento este em que realizo a apresentação e análise dos dados coletados relativos às expressões de locatividade no Kaingang falado na TI Apucarantina. No capítulo 5, estão as considerações sobre o trabalho realizado. E, por fim, as referências e os anexos do texto.

2 O POVO KAINGANG

Neste primeiro capítulo, apresento algumas informações sobre o povo indígena Kaingang, sobre a Terra Indígena Apucarantina e informações sobre a língua falada pelo povo Kaingang.

Segundo o Siasi/Sesai², no Brasil habitam hoje 305 povos indígenas, dentre eles está a população denominada de Kaingang (Kanhgág, conforme a grafia na própria língua).

A história que conta como foi o surgimento do povo Kaingang não é única e certa, como é comum acontecer com mitos de origem. Tommasino (1995) discorreu brevemente sobre alguns mitos que fazem referência à origem da sociedade Kaingang. Alguns desses mitos foram coletados por Wanda Hanke durante seus trabalhos com os indígenas na década de 40. Nessa mesma época, Schaden (1947) também apresentou um outro mito, mas, antes disso, em 1882, Telêmaco Borba apresentou o resultado da sua coleta, o Mito do Dilúvio. Há, também, um outro mito muito difundido entre os Kaingang, que explicaria as divisões exogâmicas.

As metades exogâmicas que distinguem o povo Kaingang em dois grupos, são chamadas de *Kamẽ* e *Kanhru*.

[...] a tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão [...] Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome Kañerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que Kañerú e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções" (NIMUENDAJÚ, [1913] 1993, p. 58-59).

Em cada uma dessas metades estão classificados os seres e objetos do mundo natural. Essa distinção se dá conforme as características/propriedades físicas que tenham para os Kaingang os objetos, coisas e animais: se são redondos (proporcionalmente semelhantes nas suas dimensões de altura e

² Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena (SIASI) da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), Ministério da Saúde.

largura) são classificados como *ror* (*Kanhru*) e se são compridos (desproporcionais nas dimensões de altura e largura) são *téj* (*Kamě*).

A identificação dos seres humanos em cada uma dessas metades acontece patrilinearmente, ou seja, lado clânico é passado de pai para filho(a). Além disso, o mito diz que os casamentos só poderiam acontecer entre um *kamě* e uma *kanhru* e vice-versa, para que ambas as gerações continuassem existindo.

Os Kaingang, juntamente com os Xokleng/Laklanõ, formam o povo Jê meridional, que habita o Sul e parte do Sudeste do país. Depois, os Kaingang se separaram em mais grupos, sendo que uma parte foi para a região da Província de Misiones na Argentina e a outra se dividiu entre os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Por meio do “método de reconstrução”, Urban fez um levantamento de hipóteses para a localização dos povos indígenas no passado.

O método da reconstrução não só nos diz que um grupo de línguas modernas deriva de uma ancestral comum, como também quais línguas estão mais próximas entre si, dentro desse grupo, e quais mais distantes. Desse modo é possível construir uma *stammbaum* ou árvore genealógica de uma família linguística, indicando em termos relativos quando as línguas de uma família se diferenciaram umas das outras (URBAN, 1992, p. 88).

Nesta pesquisa, Urban (1992) aponta que, a julgar pelas semelhanças internas da língua, a família Jê se formou há cerca de 3 mil anos ou mais, já o tronco Macro-Jê, data provavelmente de uns 5 ou 6 mil anos. No mapa apresentado pelo pesquisador, vê-se que

[...] toda a rede de línguas geneticamente filiadas ao tronco Macro-Jê está concentrada na parte oriental e central do planalto brasileiro. O grupo central dos Jê, cuja radiação supomos ter-se iniciado há uns 3 mil anos, está localizado entre populações com relações mais afastadas a leste e a oeste. Da distribuição depreende-se que esse grupo de Jê propriamente dito teria se originado em algum lugar entre as nascentes dos rios São Francisco e Araguaia, possivelmente nas proximidades do grupo Jê Central atualmente extinto, conhecido como Xiikriabá (URBAN, 1992, p. 90).

Depois de os Jê estarem todos juntos, separaram-se primeiro os Meridionais (Kaingang e Xokleng) do restante dos povos. Estima-se, então, que foi nesse momento, há cerca de 3 mil anos, que os Meridionais iniciaram a

migração para a região Sul do país. Mas, não se sabe quando nessa região chegaram e nem os motivos da mudança.

Tommasino (1995) apontou que há indícios de que os Kaingang, depois de saírem da área central do país, habitaram primeiro a região litorânea do Sul do País e depois interiorizaram-se. Essa suposição da pesquisadora deve-se, além de outros motivos, pela ocorrência de palavras como *mar*, *areia*, *costa*, *praia*, no dicionário de Wiesemann (2011). Todavia, deve-se ter cuidado com tal afirmação pautada no dicionário de Wiesemann, que contém palavras que não faziam parte do vocabulário dos indígenas no tempo de sua escrita, como a palavra “*Topẽ tỹ jẽnẽ jafã*”, que significa anjo, que, por sua vez, tem origem cristã.

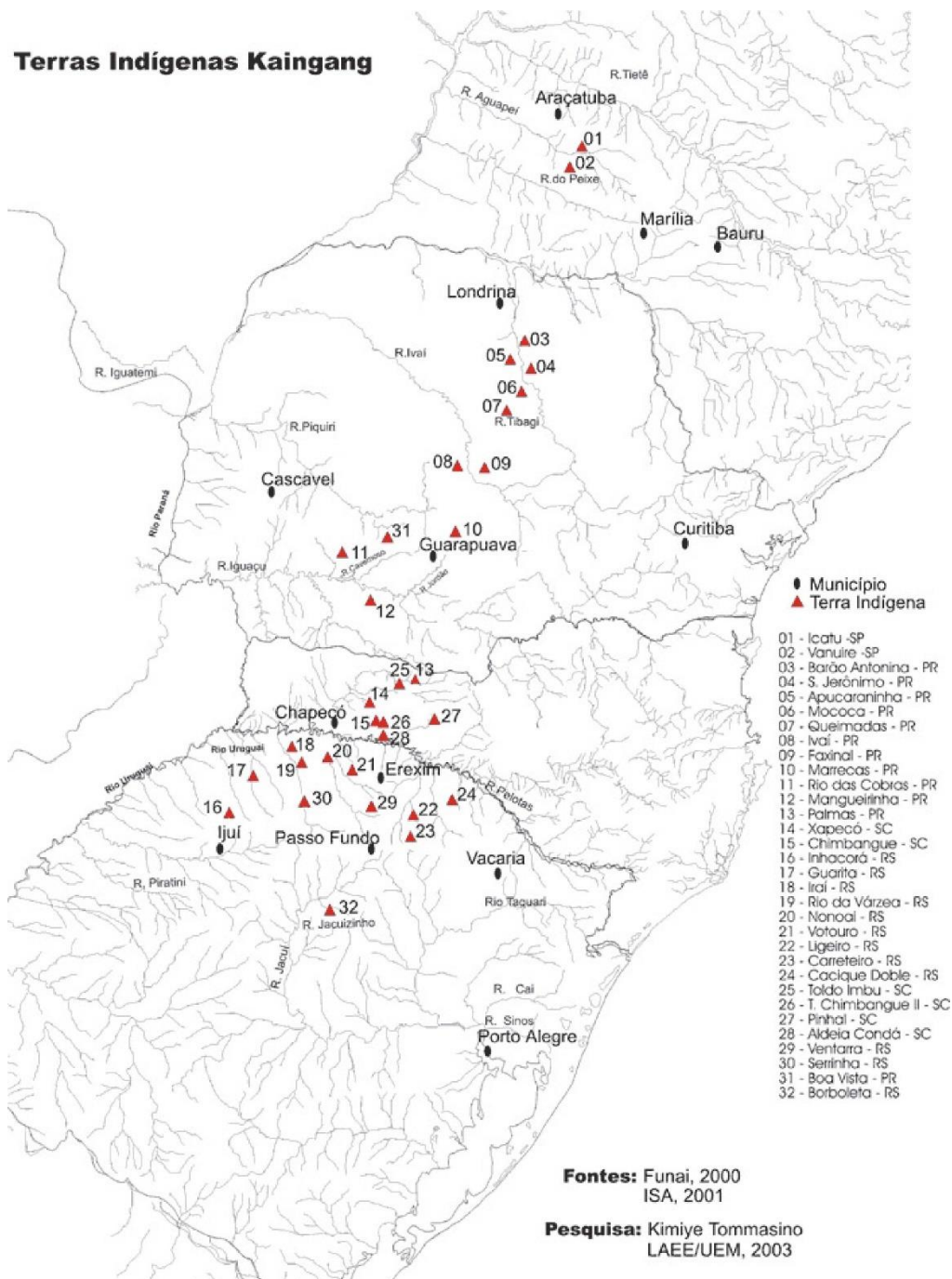
Os indígenas hoje chamados de Kaingang receberam ao longo do tempo algumas denominações distintas. Pelos padres jesuítas no século XVII eram chamados de Gualachos e Chiquis; na literatura histórica do século XIX e XX, Guaianás; ainda nesses séculos, foram chamados pelos agentes do Estado e por religiosos de Coroados; a nomenclatura conhecida hoje foi utilizada por viajantes que passavam pelos territórios indígenas no século XIX, por Telêmaco Borba (1882), Cimitile (1882) e Taunay (1886) (MOTA, 2004).

Até as primeiras décadas do século XX, as aldeias indígenas Kaingang eram relativamente isoladas. Acredita-se que os primeiros contatos realizados pelos portugueses com as comunidades Kaingang ocorreram nos Campos de Guarapuava (centro do Paraná) a partir de 1812 (D'ANGELIS, 1984).

Os dados do último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) estimaram que houvesse cerca de 37.400 pessoas autodeclaradas Kaingang. Já o Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena (SIASI) da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), do Ministério da Saúde (2014) estima que os Kaingang são cerca de 45.620 pessoas vivendo em terras indígenas e em áreas urbanas do Brasil.

Os Kaingang são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil e habitam hoje 32 Terras Indígenas demarcadas (Figura 1) entre os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, não estando mais presentes na Argentina.

Figura 1: Terras Indígenas Kaingang



Fonte: Tommasino (2003).

Depois de realizado esse histórico breve sobre o povo indígena Kaingang, apresento no próximo capítulo informações sobre a Terra Indígena (TI) Apucarantina, local em que meu trabalho foi realizado.

2.1 TERRA INDÍGENA APUCARANINHA

A pesquisa aqui apresentada foi realizada com o dialeto Paraná falado na Terra Indígena Apucarantina, número 5 no mapa da Figura 1, localizada na confluência dos rios Apucarana e Apucarantina com o Rio Tibagi na cidade de Tamarana, que foi emancipada de Londrina em 13 de dezembro de 1995 e tem cerca de 14.700 habitantes³, localizada no norte do Estado. Essa TI é composta por quatro aldeias (Sede, Barreiro, Água Branca e Serrinha), que somam cerca de 1.300 habitantes⁴.

Figura 2: Portal de entrada da Terra Indígena Apucarantina



(Fonte: FLEISCHMANN, 2019, p. 1)

A delimitação da área onde se encontra essa TI foi feita pelo Governo do Estado do Paraná em 5 de julho de 1900:

Ficam reservadas, para estabelecimento de colônias indígenas, as terras devolutas sitas entre os rios Tibagy, Apucarana,

³ Fonte: Prefeitura Municipal de Tamarana.

⁴ Dados do Centro de Referência, Memória e Cultura Indígena – Kaingang, da Prefeitura de Londrina.

Apucarantina e a serra do Apucarana, no município do Tibagy (TOMMASINO, 1995, p. 164).

O território da TI é de cerca de 5 mil hectares, mas na época de sua delimitação, no início do século XX, esse território era 90% maior. Mesmo sendo uma Terra Indígena de predominância da etnia Kaingang, vivem e passam por ela indígenas de outras etnias, como Guarani, Funi-ô e Xokleng, os quais são aceitos na comunidade por serem “parentes” indígenas e para que possam permanecer em terras demarcadas, fora do domínio do branco. Quanto aos não indígenas, atualmente, não é permitida a moradia deles na TI.

Das instituições públicas presentes na TI, a maior parte delas está localizada na aldeia Sede, onde estão: um posto de saúde, que leva atendimento de enfermagem e médico aos locais; duas escolas, sendo uma de responsabilidade do município de Tamarana e que atende crianças do Ensino Fundamental I, e a outra escola, estadual, destina-se ao Ensino Fundamental II e Médio; um posto da FUNAI, que realiza registros civis de casamento e nascimento dos habitantes da TI; há também uma cadeia; um salão de festas; e uma sede da Associação de Moradores. São encontrados ao longo das aldeias alguns campos de futebol.

Cimbaluk descreveu, em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social, como são as casas construídas na TI Apucarantina. Segundo o antropólogo, na TI são encontradas casas construídas pelo programa de habitação indígena do governo do Estado do Paraná, implantado em 2003. “As casas têm 52m², cobertas com telhas cerâmicas, com dois quartos, sala, cozinha, banheiro externo, varanda e um pequeno espaço coberto aos fundos” (CIMBALUK, 2013, p. 30). Há, também, as casas pré-fabricadas, com blocos de concreto, casas de tábuas e casas de pau roliço, a pique, amarradas com cipó.

Estão presentes na TI algumas igrejas de denominação Cristã Protestante e Católica. Além disso, há um cemitério afastado, que Cimbaluk (2013, p. 32) diz ficar “a mais de dois quilômetros em linha reta e a cerca de 3,5 km pela estrada” em relação à aldeia Sede.

Nas terras da TI Apucarantina está um dos principais cartões postais naturais do norte do Paraná, o Salto do Apucarantina, com uma queda d’água de 116 metros.

Figura 3: Visão aérea do Salto do Apucarantina, TI Apucarantina, Tamarana, Paraná.



Fonte: Fleischmann (2019, p. 1).

A energia elétrica da TI é fornecida pela Usina Hidrelétrica Apucarantina. Inaugurada em 1949, pela Empresa Elétrica de Londrina S.A., incorporada pela Copel em 1974; ela possui capacidade instalada de 10 MW (COPEL, 2020).

Na Terra Indígena Apucarantina há um predomínio do uso da língua Kaingang para a comunicação interna entre os indígenas que nela habitam, sobre a qual falo mais no próximo capítulo. Começo apresentando um panorama das línguas indígenas no Brasil e depois mais especificamente sobre a língua Kaingang.

2.2 A LÍNGUA KAINGANG

Segundo o Siasi/Sesai, no Brasil habitam 305 povos indígenas, os quais falam 274 línguas. Porém, o levantamento *Atlas das Línguas do Mundo em Perigo da Unesco* aponta que no país há cerca de 190 línguas em perigo de extinção.

Rodrigues (1999) fez um levantamento distinguindo as 180 línguas indígenas faladas no Brasil, as quais são organizadas em 41 famílias linguísticas. Dessas, dez integram o tronco linguístico Tupi e doze, o Macro-Jê. Há, além das famílias pertencentes a esses troncos, as que não possuem relacionamento linguístico suficiente para serem unidas em troncos. Somam-se, ainda, algumas línguas isoladas e não classificadas.

Assim como ocorreu com a maior parte das línguas indígenas na época da colonização brasileira, os Kaingang foram atingidos pela tentativa de catequização realizada pelos representantes da Igreja Católica. Em momento posterior, já no século XIX, representantes da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, ainda com fim religioso, trabalharam com os indígenas dessa etnia. Nesse tempo, o Frei Mansueto Barcatta de Val Floriania foi o responsável pelos primeiros trabalhos realizados sobre a língua Kaingang, uma gramática e um dicionário (1920).

Entre a década de 50 e 60 do século XX, vieram para o Brasil missionários e linguistas do SIL (Summer Institute of Linguistics; hoje, Sociedade Internacional de Linguística). Entre esses pesquisadores estava a alemã Ursula Wiesemann, e foi a partir do seu trabalho com os Kaingang que os estudos da língua se desenvolveram de modo mais contínuo.

Entre os anos de 1950 e 1960, Wiesemann publicou trabalhos sobre a língua e seus dialetos, formulou material de ensino de Kaingang para missionários, sugeriu uma ortografia oficial para a língua e produziu cartilhas para alfabetização em Kaingang. A pesquisadora desenvolveu para o povo Kaingang um dicionário bilíngue (Kaingang-Português / Português-Kaingang), o qual foi publicado, primeiramente, como uma lista de palavras, em 1971. Como dicionário, foi publicado pela Editora Evangélica Esperança em 2002, tendo sua 2ª edição em 2011. Como apêndice da obra, foram apresentadas pela linguista informações sobre a ortografia, pronúncia e sintaxe da língua.

Junto com a língua Xokleng, idioma muito próximo do Kaingang, elas compõem as línguas Jê do Sul – Jê Meridionais. As demais, a maior parte das línguas e povos da família Jê, vivem mais no Centro-Oeste, com terras indígenas também no Sudeste, Nordeste e Norte do país. A proximidade entre as duas

línguas Jê Meridionais é percebida com facilidade, e Wieseemann levantou uma hipótese de que eram todos o mesmo povo e língua, mas, depois do início da migração para o sul, o grupo que viria a se tornar os Xokleng se separou dos demais e chegou a Santa Catarina, mais próximos à serra do mar, não mantendo mais contato com aqueles que viriam a se tornar os Kaingang, que também continuaram seu curso e se estabeleceram em algumas localidades do sul, mais voltados para o interior dos estados (Figura 1).

Wieseemann classificou a língua Kaingang em cinco dialetos, que se diferem por questões estruturais (morfológicas e sintáticas), lexicais e fonológicas:

Dialeto de São Paulo (SP) – Entre Tietê e Paranapanema: P.I. Vanuíre, P.I. Icatu, P.I. Araribá
 Dialeto do Paraná (PR) – Entre Paranapanema e Iguaçu: P.I. Apucarana, P.I. Barão de Antonina, P.I. Queimadas, P.I. Ivaí, P.I. Faxinal, P.I. Rio das Cobras, P.I. Guarapuava
 Dialeto Central (C) – Entre Iguaçu e Uruguai: P.I. Manguieirinha, P.I. Palmas, P.I. Xapecó
 Dialeto Sudoeste (SO) – Ao sul do Uruguai, oeste de Passo Fundo: P.I. Nonoai, P.I. Guarita, P.I. Inhacorá
 Dialeto Sudeste (SE) – ao sul do Uruguai, leste do Passo Fundo: P.I. Votouro, P.I. Ligeiro, P.I. Carreteiro, P.I. Cacique Doble
 (WIESEMANN, 1978, p. 199-200).

As pesquisas que deram base ao trabalho realizado por Wieseemann foram conduzidas no dialeto falado na TI Rio das Cobras, que fica nos municípios de Espigão Alto do Iguaçu e Nova Laranjeiras.

Dadas essas considerações sobre a língua Kaingang no cenário das línguas indígenas no Brasil, passo agora para as informações sobre o percurso metodológico seguido para a realização desta dissertação.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste segundo capítulo são abordados aspectos que se referem à metodologia utilizada para a realização da pesquisa apresentada no presente trabalho, além das teorias utilizadas para a coleta de dados.

Para a realização deste trabalho dissertativo sobre os locativos na língua Kaingang, primeiramente foi realizado o levantamento juntamente com o grupo de pesquisa, ainda na época da minha graduação, acerca dos principais pontos que eram necessários serem destrinchados para colaborar com a descrição da língua e a elaboração de uma gramática e um dicionário pedagógicos.

Dentre tantos aspectos, escolhi delimitar a expressão da locatividade como meu tema de pesquisa e, já inserida no programa de pós-graduação, passei a pensar, então, em como seria a coleta do *corpus* da pesquisa, visto que, como pontuou Gleason (1978), um *corpus* deve ter máxima utilidade para a análise e descrição, ou seja, ele precisa ser representativo da estrutura da língua analisada, mas, ainda assim, não pode contemplar informações e dados excessivos que dificultem a análise específica.

O segundo passo realizado foi um levantamento sobre o Estado da arte das expressões locativas em línguas da Família Jê. Para a seleção dos trabalhos contemplados nesta pesquisa, primeiro distingi, juntamente com meu orientador, quais seriam os temas e as combinações entre eles que serviriam como estrada para a busca. Os termos *Macro-Jê*, *Macro-Gê*, *Kanhgág*, *Kaingang*, *Caingang* e *Caingangue* foram combinados com os termos *locativo* e *locatividade*, totalizando 12 buscas. A busca foi realizada com as aspas para que os termos fossem delimitados e a busca se tornasse mais precisa.

Optei por escolher, entre artigos, teses e dissertações de cada uma das entradas, os trabalhos que aparecessem com maior relevância no mecanismo de busca do “Google Scholar”, que reúne trabalhos acadêmicos e livros das mais distintas áreas. Essa delimitação de números foi importante para que não nos demorássemos analisando textos repetidos e de outros assuntos não relacionados com o objetivo da pesquisa. Mesmo assim, a maior parte dos trabalhos encontrados não tinha os termos *locativo* ou *locatividade* como

palavras-chave, ainda que falassem realmente sobre uma língua do Tronco Macro-Jê.

Dos resultados foram selecionados nesse mecanismo de busca 36 textos, sendo que, desses, três se repetiram durante a coleta. O total somou, portanto, 33 obras, entre artigos (19), monografia (1), dissertações (6), teses (5) e livros (2). As obras selecionadas foram publicadas desde 1959 até meados de 2019.

Depois da busca por meio desse primeiro critério, também optei por acessar o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, que reúne trabalhos científicos defendidos junto a programas de pós-graduação do Brasil. Usando os mesmos termos de busca, encontramos 148 resultados com a aplicação dos filtros “Linguística” e “Letras” nas áreas do conhecimento, sendo 98 dissertações e 47 teses.

Em primeiro lugar, deve ser ressaltado que um número exponencial de obras encontradas não tinha como intuito discorrer de forma específica sobre a expressão semântica de localização em qualquer língua do tronco Macro-Jê, ou especificamente da família Jê; ainda, em grande parte dos trabalhos, não havia uma explanação clara sobre os locativos, mas apenas menções em análises que buscavam abordar outros aspectos descritivos das línguas. Com as pesquisas realizadas, pude ver que o método de busca não foi eficiente para me levar a trabalhos relevantes sobre o estudo do locativo nas línguas da família Jê, sendo que tais trabalhos podem, talvez, ser encontrados em outros bancos de dados ou ainda não foram publicados e disponibilizados na internet até o final desta parte da pesquisa. Por isso, ainda não há um material relevante em relação ao locativo nas línguas do tronco Macro-Jê.

Depois de ter contato com textos de diferentes gêneros em Kaingang, levando em consideração em qual deles a ocorrência de expressões locativas poderia ser recorrente, escolhi realizar a pesquisa por meio de narrativas contadas por falantes nativos Kaingang da Terra Indígena Apucaraniha, visto que historicamente apreende-se que a narrativa é um gênero presente na convivência entre todos os povos, principalmente em povos que detêm apenas a cultura oral. Sobre esse assunto, Dixon (2007) pontuou:

Idealmente, os textos devem ser de tipos diferentes – lendas tradicionais, narrativas de acontecimentos históricos, memórias autobiográficas, instruções sobre como dedicar-se à jardinagem, ou à pesca, ou à caça, ou à manufatura de artefatos e assim por diante (DIXON, 2007. p. 19).⁵

Devido à brevidade da realização desse trabalho de dissertação, não pude coletar todos os tipos de narrativa, por isso optei por deixar os entrevistados livres para escolherem a narrativa que gostariam de contar, não delimitando nenhum tipo específico.

Decidido isso, passamos então, eu, meu orientador e uma colega de pesquisa, para a seleção da pergunta ou situação que serviria de partida para que os entrevistados pudessem narrar uma história. Sendo assim, resolvemos pedir-lhes que escolhessem contar alguma situação que aconteceu com eles e poderiam começar no momento que se sentissem à vontade em falar para nós, pesquisadores não indígenas. Determinamos, ainda, que essas narrativas seriam coletadas em campo, na Terra Indígena (TI) Apucarantina, que está situada a 100 km da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e que precisaríamos do auxílio de um colaborador indígena bilíngue para o contato com os indígenas que se dispusessem a participar da nossa coleta, visto que os relatos poderiam ser gravados não somente de entrevistados bilíngues, mas também monolíngues.

Para tanto, conversamos com duas de nossas colaboradoras do projeto de pesquisa⁶, que se dispuseram a nos ajudar com a seleção de entrevistados, como entrevistados de referência. Segundo Bigot, “É importante ter um ou dois informantes de referência com os quais o material coletado com informantes ocasionais é confrontado, analisado e comentado” (BIGOT, 2010, p. 146)⁷.

Além disso, elas nos auxiliaram no primeiro contato com os entrevistados, na conversa com eles, na escolha dos lugares em que as coletas das narrativas seriam realizadas e na explicação sobre a pesquisa que realizaríamos, para que não houvesse dúvidas acerca da colaboração dos participantes na pesquisa. A

⁵ Tradução livre de “Ideally, the texts should be of varying types – traditional legends, accounts of historical events, auto-biographical reminiscences, instructions on how to garden or fish or hunt game or manufacture artefacts, and so on.”

⁶ Leia Sagan da Silva de Oliveira e Damaris Kanĩnsãnh Felisbino.

⁷ Tradução livre de “Es importante tener uno o dos informantes de referencia con los que se confronta, analiza y comenta el material recogido con informantes ocasionales.”

limitação com a compreensão da língua era o primeiro problema para a pesquisa, visto que, mesmo com estudos sobre a língua Kaingang, meu conhecimento é extremamente limitado, não me permitindo ter um diálogo diretamente com os entrevistados para uma maior proximidade com o pesquisador.

Sobre a escolha dos entrevistados, não pudemos realizar a forma ideal de pesquisa, a saber, com falantes de ambos os sexos, de quatro ou cinco faixas etárias, escolaridades e níveis sociais, como prevê a Sociolinguística. Esse foi mais um problema enfrentado na realização desta pesquisa, pois tivemos contato apenas com os entrevistados selecionados por nossas colaboradoras previamente, pois houve receio, por parte de alguns indígenas, em fazer parte das gravações, o que diminuiu o número de gravações.

Pretendia, inicialmente, realizar uma pesquisa de cunho funcionalista, levando em consideração os preceitos da sociolinguística. A pesquisa de cunho sociolinguístico prevê algumas regras para a obtenção de dados com entrevistados que combinem todos os fatores variáveis sociais mencionados anteriormente. Porém, no trabalho com línguas minorizadas, pouco estudadas e com um número reduzido de falantes, como a Kaingang, tais fatores podem ser inviabilizados, podendo não ocorrer do mesmo modo como acontece com outras línguas.

A visita à TI ocorreu no dia 11 de junho de 2019, em que fomos eu, meu orientador e a pesquisadora Isabella Medeiros Ferro, levados por um motorista e veículo disponibilizados pela Universidade; chegamos à TI por volta das 10h e rapidamente nos encontramos com a primeira colaboradora participante do nosso projeto, que nos levou para conversar com 3 pessoas. Na sequência, passamos a andar pela TI com a segunda colaboradora, que nos apresentou a mais 9 entrevistados que se dispuseram a participar do nosso trabalho. Todas as conversas foram grafadas com aparelhos celulares pelos três pesquisadores para garantir que, havendo falhas, as gravações não se perdessem. Assim fizemos, por entender que “A única maneira de compreender a estrutura gramatical de uma língua é analisar textos gravados nesse idioma” (DIXON, 2007, p. 22).⁸

⁸ “The only way to understand the grammatical structure of a language is to analyse recorded texts in that language”

Passado o dia de visita à TI, contatamos novamente uma de nossas entrevistadas de referência, Damaris Kanĩnsãnh Felisbino para realizar o trabalho de transcrição e tradução dos textos coletados; ela trabalhou por algum tempo arduamente ouvindo repetidas vezes cada um dos áudios gravados e transcrevendo-os, fazendo uma versão correspondente à forma considerada padrão da língua, para depois traduzi-los.

Sobre essa experiência da tradução, Felisbino comentou:

Às vezes dá trabalho porque você tem que procurar uma palavra que encaixe na tradução e que às vezes tenho que recorrer ao Google para ver a tradução para depois traduzir para o português. Acontece o mesmo com a língua Kaingang, mas o importante é estar estudando, ver como a língua Kaingang se comporta e registrando sempre para os que irão estudar futuramente. Enquanto professores, isso ajuda muito na sala de aula (informação pessoal).

Após as transcrições e traduções, foram iniciadas as análises, que serão posteriormente apresentadas nesta dissertação.

Como a pretensão inicial deste trabalho de pesquisa seria reunir apenas textos advindos de histórias contadas pelos entrevistados, reunindo um recorte da sociolinguística para tal, precisaríamos de mais contatos com os indígenas para sua realização.

Contudo, no início do segundo e último ano de pesquisa, a Organização Mundial da Saúde declarou oficialmente a existência de uma pandemia em decorrência da COVID-19. Fechou-se tudo, universidades, escolas, serviços não essenciais e, também, as terras indígenas, nas quais não podíamos entrar e das quais os prováveis entrevistados não podiam sair.

Gleason (1978), a respeito do trabalho de campo, já ressaltava a importância da habilidade do pesquisador em se adequar às adversidades e imprevistos que podem ocorrer ao longo da pesquisa e que podem prejudicar a coleta de dados.

Diante de tal cenário e incertos com a realização da pesquisa, tivemos que modificar, depois de reuniões remotas, o *corpus* deste trabalho, que contaria com gravações de outros gêneros textuais; assim, ficamos apenas com as narrativas já coletadas, bem como com textos formais produzidos em Kaingang e questionários respondidos pelos entrevistados, por meio de eliciações. Contamos

também com materiais como dicionários, gramáticas, artigos científicos, dissertações e teses.

Payne (1997) aborda a coleta de dados por meio de textos e de elicitões, ressaltando que ambos “são essenciais para uma boa linguística descritiva” (PAYNE, 1997, p. 366)⁹; cada um desses modos de coleta de dados tem as suas vantagens e desvantagens. O autor considera:

[...] usarei a palavra "texto" para significar qualquer amostra de linguagem que realize uma tarefa comunicativa não hipotética. Por outro lado, "elicitação" (ou "dados elicitados") refere-se a amostras de linguagem que realizam tarefas comunicativas hipotéticas (PAYNE, 1997, p. 366).¹⁰

Foram coletadas para a elicitão todas as ocorrências de “indicadores de circunstância” e de “circunstanciais” apontados por Wiesemann (2011) em seu Dicionário Kaingang-Português Português-Kaingang. Depois dessa coleção, foram selecionados apenas os itens que remetem à locatividade e a partir dessas entradas foram formuladas frases, as quais foram traduzidas pela colaboradora Kaingang.

A organização desses dados foi realizada, e os dados foram dispostos de forma ordenada para manutenção de um padrão com base nas regras de glosagem de Leipzig (2015): alinhamento de palavra por palavra verticalmente, correspondência morfema por morfema, categorias gramaticais abreviadas, separação por pontos em casos em que um único elemento de linguagem é representado por vários elementos de metalinguagem (palavras ou abreviações).

Na primeira linha está, em itálico, a oração grafada conforme a ortografia Kaingang; na segunda linha, estão as glosas e, na terceira linha, a livre tradução em português. Esse *corpus* está alocado na análise realizada no capítulo 6 deste texto.

As ocorrências elicitadas são situações sem referencial, que servem para sanar as lacunas deixadas na pesquisa realizada com os textos. Ambos os tipos de *corpus* podem ter tamanhos variados.

⁹ Tradução livre de “are essential to good descriptive linguistics.”

¹⁰ Tradução livre de “I will use the word "text" to mean any sample of language that accomplishes a non-hypothetical communicative task. By contrast, "elicitation" (or "elicited data") refers to samples of language that accomplish hypothetical communicative tasks.”

Depois de apresentado o percurso metodológico seguido nesta dissertação, o próximo capítulo do texto apresenta a teoria funcionalista da linguagem, a qual embasa este trabalho.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, discorro sobre as informações-base a respeito do Funcionalismo Linguístico, o qual serve como base do trabalho realizado.

4.1 O ESTUDO DO LOCATIVO EM LÍNGUAS INDÍGENAS DA FAMÍLIA JÊ: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, detenho-me a falar sobre como ocorreram os estudos que permeiam a marcação do caso locativo nas línguas que compõem, juntamente com o Kaingang, a família Jê. Busca-se, com essa revisão bibliográfica, fazer um levantamento sobre o que já foi produzido/publicado e quais foram os aspectos linguísticos ressaltados em cada uma dessas línguas.

Ao iniciar esta pesquisa, deparei-me com um artigo publicado em 2018 e escrito por Cabral, Miranda e Gakrán, denominado “*Verbos posicionais em línguas da família Jê (Tronco Macro-Jê)*”. Tal trabalho também mostra o desejo dos autores em realizar uma revisão bibliográfica acerca dos estudos dos verbos locativos nas línguas da família Jê. Primeiramente, buscam apresentar uma conceituação acerca da classe dos verbos posicionais, que funcionam como

[...] verbos plenos, com seus respectivos significados lexicais de posições [...] como auxiliares de outros verbos na expressão de aspecto, como elementos copulativos [que fazem] referência à posição dos referentes de nomes em função argumental [e, também,] referência à forma redonda, alongada/comprida/horizontal e alta/vertical desses referentes (CABRAL; MIRANDA; GAKRAN, 2018, p. 16).

Adiante, é abordada a ocorrência dos verbos posicionais nas línguas dos três sub-ramos da família Jê: Meridional, Central e Setentrional, em que os autores discorrem sobre como ele funciona em uso. Iniciando pelo Setentrional, são mencionados estudos em sete línguas (Krahô, Xikrín, Apinajé, Parkatêjê, Tapayuna, Canela-Apãniekrá e Panará); depois, sobre o Jê Central, apenas uma (Xerente) e, por fim, sobre o Meridional, são abordadas duas línguas (Kaingang e Laklãnô).

Os estudos foram realizados por: Miranda (2014)¹¹; Costa (2015)¹²; Oliveira (2005)¹³; Ferreira (2003)¹⁴; Camargo (2015)¹⁵; Castro Alves (2004)¹⁶; Dourado (2001)¹⁷; Cotrim (2016)¹⁸; Gonçalves (2011)¹⁹; Gakran (2016)²⁰.

Os trabalhos mencionados foram publicados entre 2001 e 2016; portanto, meu levantamento neste capítulo ficou voltado para a complementação da pesquisa anterior, buscando trabalhos que pudessem não ter sido abordados por eles e ter surgido depois de sua publicação. Além disso, darei um enfoque maior para os estudos sobre a língua Kaingang, a qual é o meu foco de trabalho.

Como visto com a pesquisa de Cabral, Miranda e Gakrán mencionada acima, não é diversificada a pesquisa sobre os locativos nas línguas da família Jê. Por isso, nos subtópicos a seguir, discorro especificamente sobre as pesquisas voltadas para esse aspecto na Língua Kaingang.

Solange Aparecida Gonçalves – “Tempo, aspecto e modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê)” (2011)

Neste trabalho de tese de doutorado, Gonçalves realiza uma descrição sobre o funcionamento das categorias temporais, aspectuais, de modo e de modalidade na língua Kaingang Sul (Jê). Sua pesquisa parte de observações do emprego em contextos discursivos orais e escritos.

No primeiro capítulo da obra, depois de apresentar as informações contextualizadoras sobre a língua Kaingang, a autora apresenta brevemente as formas lexicais *nĩ* (sentar, estar sentado), *nỹ* (deitar, estar deitado), *jẽ* (em pé, estar em pé) e *sa* (pendurar, estar pendurado), que são verbos posicionais.

¹¹ *Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (família Jê, tronco Macro-Jê)*

¹² *Uma descrição gramatical da língua Xikrín do cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)*

¹³ *The Language of the Apinajé People of Central Brazil.*

¹⁴ *Morfossintaxe da língua Parkatêjê.*

¹⁵ *Tapayuna (Jê): Aspectos Morfossintáticos, históricos e sociolinguísticos.*

¹⁶ *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê.*

¹⁷ *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê).*

¹⁸ *Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê Central)*

¹⁹ *Tempo, aspecto e modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê).*

²⁰ *Elementos fundamentais da gramática Laklãnõ.*

Já, no capítulo quinto, a autora faz uma discussão abordando os diferentes conteúdos semânticos associados à utilização desses verbos posicionais e de suas formas gramaticalizadas. Seus exemplos demonstram que os verbos posicionais podem indicar, dentro de determinado contexto, não somente as “posições” ou “posturas” (1), mas também se apresentam como verbos “existenciais” (2).

- 1) *Gĩr vỹ nỹ tĩ.*
 Criança MS deitar HAB
 ‘A criança deita’.

(GONÇALVES, 2011, p. 181).

- 2) *Gĩr hã nỹ.*
 Criança parecido, assim EXIST
 ‘É a criança’.

(GONÇALVES, 2011. p. 182).

Gonçalves também fala sobre o caráter da imperfectividade que, em determinadas ocorrências, o uso da forma *nỹ* ou de sua forma plural *nỹtĩ* dá ao texto.

Adiante, a autora ressalta alguns exemplos em que os verbos posicionais não são os principais da oração, mas fazem referência à localização espacial, à posição do referente. Eles ocupam as posições finais da oração (entre a última e a penúltima posição, à esquerda de um marcador aspectual e ou modal):

- 3) *Fi tỹ kaga ka nĩ nĩ.*
 3SG.F MS doente então POSIC:sentado ASP
 ‘Ela está doente’

(GONÇALVES, 2011. p. 189).

- 4) *Fi tỹ kaga ka nỹ nĩ.*
 3SG.F MS doente então POSIC:deitado ASP
 ‘Ela está doente’

(GONÇALVES, 2011. p. 189).

- 5) *Fi tỹ kaga ka nĩ nỹ.*
 3SG.F MS doente então **POSIC**:sentado ASP
 ‘Ela está doente’

(GONÇALVES, 2011. p. 189).

Esses exemplos sobre as posturas do sujeito apresentam marcadores diferentes, com significados diferentes, que são de verbos auxiliares que assumem a função de expressar valores aspectuais: em (3), o enunciado diz que a pessoa está doente, mas permanece ‘sentada’; já em (4), ‘a pessoa está doente e de cama, deitada’; enquanto em (5), a informação é que ela também está doente, mas ‘sentada’. Contudo, acerca do marcador final, que nos dois primeiros casos trata-se do *nĩ* e no terceiro do *nỹ*, a autora acredita tratar-se de aspectuais e ou modais. Semanticamente, em (3), além de dizer que a pessoa está doente, mas permanece sentada, a presença de *nĩ* ao final expressa um sentido de duração do evento ‘estar doente’; a ideia é que ‘ela estava doente e continua (até o momento)’. Enquanto a oração (5), com a utilização de *nỹ*, diz que ela estava doente, continua de certa forma nesse estado, mas não está mais ‘tão doente’.

Essa breve exposição acerca da descrição realizada por Gonçalves, por ser apenas uma parte do trabalho da pesquisadora, não apresenta uma descrição ampla, contudo é importante para a compreensão dos verbos posicionais que são as mesmas formas, mas com uma nova função gramatical, a de indicar diversos valores aspectuais.

Gislaine Domingues – “Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang” (2013)

Ao realizar a descrição sobre as classes do nome e do verbo em sua dissertação de mestrado, Domingues se baseia em trabalhos de pesquisadores de línguas indígenas para realizar uma análise da Língua Kaingang.

Ao discorrer sobre a classe dos verbos e mencionar todas as denotações que semanticamente eles podem assumir em uma língua (PAYNE, 1997), Domingues menciona, dentre os outros tipos de verbos, os de posição, os quais “são verbos que descrevem a posição estática de um objeto [e] tendem a ter

propriedades morfossintáticas semelhantes às dos verbos de movimento” (DOMINGUES, 2013, p. 81).

Domingues também menciona os verbos posicionais/locativos no Kaingang, que são: *jě* (em pé), *nĩ* (sentado), *nỹ* (deitado), *sa* (pendurado). Segundo a pesquisadora, tais unidades “são consideradas verbos nas construções posicionais/locativas quando ocupam o núcleo do sintagma verbal” (DOMINGUES, 2013, p. 88) e menciona alguns exemplos para ilustrar:

- 6) *Ludoviko* *vỹ* *jě* *nĩ*
 N.PRÓPRIO MS em pé (VERBO POSIC) M.ASP
 ‘O Ludoviko está em pé.’

(DOMINGUES, 2013, p. 89).

A pesquisadora também discorre sobre as ideias de Payne (1997) acerca das construções tipicamente existenciais, as quais, segundo ele, requerem um locativo ou um adjunto temporal, o que para Domingues valida o emprego de verbos posicionais/locativos com sentido de existência. O emprego de *nĩ* ao final da oração 6 funciona como um marcador de aspecto.

- 7) *Ludoviko* *vỹ* *jě*
 N.PRÓPRIO MS EXIST (LOC)
 ‘O Ludoviko está aqui.’

(DOMINGUES, 2013, p. 89).

As orações 6 e 7 apresentadas por Domingues (2013) se distinguem apenas pelo marcador *nĩ*, o que é relacionado à hipótese de Payne (1997) sobre “possibilidade de posicionais/locativos serem fontes para existenciais na língua” (DOMINGUES, 2013, p. 90).

Diante disso, o trabalho de Domingues foca, então, em apresentar

[...] as hipóteses de essas unidades lexicais desempenharem, na língua, função de verbos posicionais/locativos, de serem fontes para existências e, também, de realizarem marcação aspectual de estado permanente ou temporário em orações estativas descritivas (DOMINGUES, 2013, p. 90).

- 8) *Mĩg vỹ jũ jě*
 onça MS brava M.ASP
 ‘A onça é brava.’

(DOMINGUES, 2013, p. 90).

- 9) *Pedro vỹ jũ nĩ*
 n.próprio MS bravo M.ASP
 ‘Pedro está bravo.’

(DOMINGUES, 2013, p. 90).

Para a pesquisadora, no exemplo (8), *jě* tem função de aspecto, por sua posição pós-verbal e emprega sentido permanente ao estado. Já, em 9, *nĩ* também tem função de aspecto e acompanha o verbo, porém o estado tem caráter temporário²¹.

Nanblá Gakran – “Elementos fundamentais da gramática Laklãnõ”

Gakran, em sua tese de doutorado, realizou uma descrição geral sobre os aspectos da gramática Laklãnõ, além de abordar o alinhamento, as classes de palavras e os classificadores.

Ao discorrer sobre a classe gramatical dos Demonstrativos, Gakran ressaltou que na língua Laklãnõ há três, “os quais contrastam em termos de distância do elemento indicado e de sua visibilidade com relação ao centro dêitico, que é o falante” (GAKRAN, 2015, p. 107). São eles *tóg, hã ta, ã ta*.

²¹ Essas conclusões foram revistas em artigo submetido ao livro em comemoração aos 20 anos do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. O artigo intitula-se “A locatividade em *Brilhos na Floresta*” (SILVEIRA *et al.*, 2021, no prelo), obra (ISHIKAWA *et al.*, 2019) traduzida para o Kaingang por Damaris Kanĩnsãnh Felisbino (ISHIKAWA *et al.*, 2020) e que conta uma história baseada em fatos reais, que se passa na floresta amazônica e que visa, com isso, à divulgação científica relacionada a fungos bioluminescentes da Amazônia. Às mesmas conclusões que Silveira *et al.* (2021) chegou Jéssica Brandet Alves, em monografia de Especialização em Língua Portuguesa (2021), intitulada “Verbos copulativos em Kaingang: um estudo na TI Apucaraninha”. O uso desses marcadores de aspecto tem relação, primeiramente, com a cosmologia Kaingang (*kamẽ* e *kanhru*, que se referem ao não redondo e ao redondo, respectivamente). Caso não se relacione com a cosmologia (que é o caso de *onça*, que deveria ser *kanhru*, mas está com aspecto de *kamẽ*), então entende-se como um aspecto intermediário entre o temporário e o duradouro, visto que a *onça* não é necessariamente brava o tempo todo (e nem há como sabê-lo). Para o sentido de duradouro, adiciona-se o aspecto *tĩ* (habitualmente) ao verbo posicional, tornando-os, nos casos de 8 e 9, *jěgtĩ* e *nĩgtĩ*, respectivamente.

Quadro 1: Demonstrativos da Língua Laklanõ

+ perto do falante, + visível	- perto do falante, + visível	- perto do falante, +/- visível, entre outros
tóg	hã ta	ũ ta

Fonte: Gakran (2015. p. 107).

Em uma expressão nominal, seguem imediatamente o núcleo ou o atributo.

- 10) *kózy* **tóg** *vũ* *tapel* *ně*
 pedra **DEM** MS chato AUX.2
 ‘esta pedra é chata’

(GAKRAN, 2015, p. 107)

O demonstrativo *tóg* segue o núcleo nominal *kózy* e descreve que a pedra está + perto e + visível em relação ao falante.

- 11) *kózy* **hã ta** *vũ* *tapel* *ně*
 pedra **DEM** MS chato AUX.2
 ‘aquela pedra era chata’²²

(GAKRAN, 2015, p. 109)

O emprego do demonstrativo *hã ta* segue o núcleo *kózy* e delimita que o objeto está - perto do falante, mas + visível.

- 12) *ugby* **hã ta** *vũ* *tag* *jã*
 porco **DEM** MS gordo AUX.1
 ‘aquele porco era gordo’

(GAKRAN, 2015, p. 109)

Assim como no exemplo em que o objeto está - perto do falante, mas + visível, aqui também acontece com o porco, que está - perto do falante, mas + visível para ele.

- 13) *zug* **ũ ta** *vũ* *katě*
 branco **DEM** MS vir
 ‘aquele branco está vindo’

(GAKRAN, 2015, p. 111)

²² Acredito que houve um equívoco na tradução de Gakran, que assim versou: ‘aquela pedra era bonita’, glosando, contudo, a palavra *tapel* como *chato*.

O demonstrativo *ũ ta*, empregado depois de *zug*, descreve que visualmente o elemento está - perto do falante, +/- visível.

Gakran afirmou que, na língua Laklãnõ, “nomes modificados por demonstrativos podem ser determinantes de posposições” (GAKRAN, 2015, p. 112), assim como ocorre no Português.

14) *ulé tóg ki ta kutã kũ ty mũ*
 lagoa DEM POSP 3M cair CJ morrer PERF
 ‘ele caiu nesta lagoa e morreu’

(GAKRAN, 2015, p. 112)

Ao discorrer sobre as Posposições na língua Laklãnõ, Gakran (2015) pontuou que são fundamentais “traços +/- movimento, +/-plural, +/- distante, +/- animado, +/- localidade”.

Aqui, organizei em uma tabela as posposições e a descrição realizada pelo autor para cada uma delas.

Quadro 2: Posposições da Língua Laklanõ

Posposição	Descrição
<i>ban</i>	sem movimento e ao redor de objetos em geral
<i>pégjën</i>	ao redor de algo, em movimento
<i>blé</i>	associativo.1 Essa partícula locativa expressa associação interativa e dinâmica
<i>dun</i>	associativo.2 denota uma associação dinâmica, mas com distância temporal
<i>du</i>	associativo.3 aplica-se a complementos cujos referentes são singulares e inanimados
<i>la</i>	proximativo
<i>ka</i>	inessivo estático e singular
<i>ki</i>	inessivo dinâmico e/ou plural
<i>klãm</i>	embaixo de algo ou alguém
<i>klë</i>	em cima de algo ou alguém
<i>jy</i>	atrás de
<i>jo</i>	por
<i>like</i>	similar a
<i>ló</i>	diretivo.1 implica um deslocamento na direção de um lugar distante
<i>to</i>	diretivo.2 corresponde a um deslocamento em direção um lugar próximo
<i>jé</i>	dativo dinâmico
<i>mõ</i>	dativo estático
<i>tá</i>	locativo difuso
<i>tà</i>	locativo difuso/ablativo

<i>tõ</i>	translativo
	instrumentivo
	atributivo

Fonte: Baseada em Gakran (2015).

Depois de discorrer sobre essas posposições, Gakran encerra afirmando: “As posposições do Laklãnõ mostram como a cultura Laklãnõ concebe a localização dos seres no espaço – dinâmico/estático, singular/plural/, animado/inanimado, embrenhante/não embrenhante” (GAKRAN, 2015, p. 149).

No item seguinte, são apresentadas algumas definições de *locativo* na literatura, posteriormente à apresentação de teorias que tratam da indicação de localização na sintaxe e na semântica.

4.2 O LOCATIVO

Neste capítulo farei uma primeira explanação geral sobre as definições de *locativo* encontradas na literatura do campo da linguística. Depois, em subcapítulos, serão apresentados trabalhos que desenvolveram o assunto nas áreas da sintaxe e da semântica.

Etimologicamente, a palavra *Locativo* vem do Latim “*locatu, de locare, colocar c suf. ivo*” (NASCENTES, 1955, p. 303). Nos dicionários gerais da língua, de uso popular, a expressão ganha diferentes significados: como adjetivo, tem dois sentidos, “relativo a locação (aluguel)” e aquilo “que indica a localização”; como substantivo masculino, “Diz-se de ou caso que exprime a noção de lugar em certas línguas que possuem declinações” (MICHAELIS, 2020, s.v. *locativo*).

A primeira acepção não faz parte de uma área específica; já a segunda e a terceira são delimitadas como parte da área “Linguística”. A acepção de “indica a localização” é referente ao aspecto mais geral da expressão, não havendo uma delimitação mais específica ou referente a outras noções referentes à ideia de localização. Acerca da definição de Michaelis (2020), “noção de lugar em línguas que têm declinações”, a teoria sobre as declinações não é desenvolvida de modo mais específico e nem mesmo o dicionário menciona outros casos ou línguas que se encaixam em tal definição, ficando apenas nessa afirmação superficial.

Ainda sobre as acepções relacionadas ao termo *locativo*, Crystal apresenta o seguinte:

Nas línguas que expressam relações gramaticais por meio de inflexões, esse termo refere-se à forma adotada por uma frase substantiva (geralmente um único substantivo ou pronome), quando tipicamente expressa a ideia de localização de uma entidade ou ação (CRYSTAL, 2008, s.v. *locative*).²³

Conceitua-se também como referente à localização a classe de palavras dos Advérbios que denotam lugar.

Sobre os verbos posicionais, Crystal, em sua definição, aproxima as duas acepções mencionadas do dicionário de Michaelis. Ela trata da ideia de localização de uma entidade ou ação, especificando mais sobre quem é o referente que “está localizado” e, ao mesmo tempo, faz referência à noção de declinação.

4.2.1 Sintaxe

Sintaticamente, as expressões locativas, ou posicionais, as quais indicam a localização e/ou a posição do referente na sentença, podem acontecer por meio de verbos, advérbios, substantivos, posposições que carregam sozinhos o sentido da localização pretendida ou que formam uma expressão locativa juntamente com outros elementos da sentença.

Payne (1997), ao tratar dos predicados não verbais, aborda os *Predicados Locativos* e diz que alguns idiomas, como o inglês e as línguas fino-úgricas, faladas na Estônia, “usam o verbo copular ou morfema em cláusulas locacionais” (PAYNE, 1997, p. 121)²⁴.

15) *raamat on laual*

book be:3sg table

"The book is on the table."

(PAYNE, 1997, p. 121).

Na língua inglesa, um segundo tipo de construção locativa ocorre com o emprego do verbo *have*, que significa *possuir*, como em “The table has a book on it”, ou seja, literalmente, “A mesa tem um livro sobre ela”. Nessa relação entre

²³ Tradução livre de “In languages which express grammatical relationships by means of inflections, this term refers to the form taken by a noun phrase (often a single noun or pronoun), when it typically expresses the idea of location of an entity or action”.

²⁴ Tradução nossa de “use the copular verb or morpheme in locational clauses.”

possuidor e localização, a localização é equivalente a um possuidor inanimado. “Esse meio secundário de formar predicados locativos é baseado no modelo de cláusulas possessivas” (PAYNE, 1997, p. 121)²⁵, diferentemente de outras línguas, como o russo, em que “as cláusulas possessivas são construídas com base no modelo de localizações, mas com uma localização animada” (PAYNE, 1997, p. 122)²⁶.

Em línguas como o mandarim, por sua vez, “a palavra locativa em uma construção locacional é a mesma que uma adjunção locativa” (PAYNE, 1997, p. 122)²⁷.

16) Mandarin

Shu zai zhuo-zi shang

Book be:at table on

"The book is on the table."

(PAYNE, 1997, p. 122).

Payne (1997) continua a explanação mencionando o trabalho de Clark (1978), que, em uma pesquisa sobre tipologia linguística, incluiu as cláusulas existencial (E), possessiva (P) e locativa (L) nas construções locacionais, pois todas apresentam um locativo (LOC) e um nominal (NOM). Neste caso, o que distingue as cláusulas possessivas das locacionais é a ordem das palavras. Vejamos os exemplos do autor, traduzidos para o português, sem perda de sentido:

E: Há uma abelha no seu boné.

NOM LOC

P: Lucrecia tem dezenove gatos.

LOC NOM

L: O gato está debaixo da cama.

NOM LOC

²⁵ Tradução nossa de “Hence this secondary means of forming predicate locatives is based on the model of possessive clauses”

²⁶ Tradução nossa de “possessive clauses are built on the model of locationals, but with an animate location.”

²⁷ Tradução nossa de “the locative word in a locational construction is the same as a locative adposition.”

Parece estranho, nas palavras de Payne (1997, p. 122), que o “*possuidor* em uma cláusula possessiva seja considerado um *local*”, mas é o que ele é, visto que quem possui algo, esse algo está literal ou figurativamente em algum lugar, seja “dentro de”, “em” ou “com” o possuidor, mesmo que seja implicitamente, diríamos, pois, na cláusula P, os dezenove gatos da Lucrecia têm, necessariamente, que estar em algum lugar: literalmente, na casa dela, por exemplo; figurativamente, no coração dela, como outro exemplo, e ambos não aparecem na cláusula, ou seja, estão implícitos.

Givón (2001), por sua vez, ao discorrer sobre o locativo na língua inglesa, afirma que

Alguns verbos sintaticamente transitivos estendem o protótipo de objeto do paciente a um participante locativo, que normalmente é codificado como objeto indireto na cláusula simples. Por extensão metafórica, o objeto locativo se torna semelhante ao paciente, parecendo ser mais afetado pelo evento²⁸ (GIVÓN, 2001, p. 131).

Os exemplos que o autor dá esclarecem sua explicação:²⁹

- (75) a. Ela se aproximou da casa
(> Ela se moveu em direção da casa)
- b. Ela nadou o canal
(> Ela nadou através do canal)
- c. Eles entraram na casa
(> Eles foram para dentro da casa)

²⁸ Tradução nossa de “Some syntactically-transitive verbs extend the patient-object prototype to a locative participant, one that is ordinarily coded as indirect object in the simple clause. By metaphoric extension, the locative object becomes patient-like, appearing to be more affected by the event.”

²⁹ (75) a. She approached the house
(> She moved toward the house)
b. She swam the channel
(> She swam across the channel)
c. They entered the house
(> They went into the house)
d. He rode the horse
(> He sat on the horse)
e. They breached the walls
(> They moved through the walls)
f. They penetrated the fort
(> They moved into the fort)
g. She escaped him
(> She escaped from him)
h. They deserted her
(> They moved away from her)
i. She left him
(> She moved away from him)

- d. Ela andou a cavalo
(> Ela se sentou no cavalo)
 - e. Eles romperam a parede
(> Eles se moveram através da parede)
 - f. Eles penetraram o forte
(> Eles se moveram para dentro do forte)
 - g. Ela o fugiu (Ela o evitou)
(> Ela fugiu dele)
 - h. Eles a abandonaram
(> Eles se afastaram dela)
 - i. Ela o deixou
(> Ela se afastou dele)
- (GIVÓN, 2001, p. 131).

O autor também discorre sobre os verbos com um objeto indireto locativo, que são, segundo Givón (2001), os verbos intransitivos acompanhados de um objeto indireto:

O sujeito é um agente ou um paciente e seu objeto indireto é um locativo. Alguns desses verbos codificam eventos de movimento, nos quais o sujeito se move na direção do objeto locativo ou se afasta dele. Outros codificam estados de localização, nos quais o sujeito está em, sobre, sob, dentro, fora, na frente ou atrás do objeto locativo. O objeto locativo é, portanto, o ponto de referência espacial em relação ao qual o sujeito se move (evento) ou no qual está localizado (estado)³⁰ (GIVÓN, 2001, p. 137).

Os exemplos do autor elucidam o que explicou teoricamente:³¹

- (88) Eventos de movimento espacial
- a. Ela entrou *no* quintal
 - b. Ele veio *de* Buffalo (nome de cidade)
 - c. Ela chegou *em* casa
 - d. Eles foram *ao* mercado
 - e. Ele pulou *por sobre* a cerca

³⁰ Tradução nossa de “Their subject is either an agent or a patient, and their indirect-object is a locative. Some of these verbs code events of motion, where the subject moves toward or away from the locative object. Others code states of location, whereby the subject is at, on, under, in, outside, in front of, or behind the locative object. The locative object is thus the spatial reference point vis-a-vis which the subject either moves (event) or is located (state).”

³¹ (88) **Events of spatial motion**

- a. She walked *into* the yard
- b. He came *from* Buffalo
- c. She arrived *at* the house
- d. They went *to* the market
- e. It jumped *over* the fence
- f. She slid *under* the couch
- g. They ran *up/down* the street
- h. He swam *across* the river
- i. They climbed *up* the slope
- j. She descended *down* the ladder

- f. Ela deslizou *para baixo* do sofá
- g. Eles correram *para cima/para baixo* na rua
- h. Ele nadou *através* do rio (*atravessou* o rio)
- i. Eles foram ladeira *acima*
- j. Ela desceu *para baixo* pela escada³²

Da mesma forma, o autor apresenta uma lista de estados de localização espacial:

- (89) Estados de localização espacial
 - a. O livro está *sobre a/ sob a/ atrás da/ na frente da* mesa
 - b. Ela está *em/ dentro da/ fora da* casa
 - c. Eles se sentaram *sobre o/ sob o/ atrás do/ em frente do* sofá
 - d. Ela se deitou *sobre a/ sob a/ dentro da/ perto da/ longe da* caixa
 - e. Ele ficou *em cima da/ próximo à/ dentro da* casa
 - f. Eles permaneceram *no* estado
 - g. Ele flutuou *na* água.³³

As expressões locativas podem ocorrer também com o emprego dos advérbios. Segundo Perini (2005), as palavras classificadas como advérbios recebem uma subclassificação baseada na semântica e têm uma função sintática. Enquanto modificador, classificação dada ao advérbio pela Gramática Tradicional, Perini (2005) diz tratar-se de uma mistura de sintaxe e semântica, mas que uma definição precisa e geral sobre os advérbios ainda não foi formulada.

A denotação de locatividade também pode ocorrer na sentença por meio do emprego dos advérbios de lugar. Nogueira (2007), ao dissertar sobre os advérbios locativos no Português popular brasileiro, parte do princípio de Mira Mateus (1989), de que o advérbio é o núcleo do sintagma adverbial, sendo este composto por uma única palavra ou uma locução, ou seja, trata com igualdade as expressões *advérbio* e *locução adverbial*. Especificamente sobre os locativos, a

³² Este exemplo em português usa de redundância, comum no falar popular; em inglês *descend* já significa *descer*, mas o uso muito comum de verbos frasais (verbos que podem ganhar novo sentido quando seguidos de preposições) não aponta para uma redundância.

³³ (89) **States of spatial location**

- a. The book is on/under/behind/in front of the table
- b. She is at/inside/out/near the house
- c. They sat on/under/behind/in front of the couch
- d. She lay on/under/inside/next to/away from the box
- e. He stood on top of/next to/inside the house
- f. They remained in the state
- g. It floated on the water

autora analisa o uso dos advérbios *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*, observando o emprego de tais expressões e a sua posição (inicial, antes do verbo, depois do verbo e depois do objeto).

Dadas as considerações acerca das abordagens sintáticas sobre a expressão da locatividade, na próxima subseção apresento algumas considerações realizadas com base na abordagem semântica.

4.2.2 Semântica

O papel semântico é “termo usado na sintaxe e na semântica para se referir às relações semânticas que ligam o PREDICADO aos seus ARGUMENTOS na descrição de uma situação” (CRYSTAL, 2008, s.v. *semantic role*)³⁴, ou seja, designa o tipo de relação semântica que se encontra associada aos argumentos de um predicador, como se pode ver no exemplo:

17) *Pedro foi para casa*

Pedro é o agente, executor da ação de *ir*; ele age porque realizou a ação voluntariamente; a casa, por sua vez, é um argumento locativo, o lugar espacial para onde Pedro foi.

Payne diz que, “idealmente, papéis semânticos são os papéis que os participantes desempenham nas situações do mundo da mensagem, independentemente da codificação linguística dessas situações” (PAYNE, 1997, p. 47)³⁵.

Os papéis mais utilizados geralmente são *Agente*, *Tema*, *Fonte*, *Experienciador*, *Locativo* e *Alvo* (CANÇADO, 2009):

Agente: entidade controladora, tipicamente humana;

Tema: entidade que muda de lugar, de posse ou de estado, podendo ter sido criada pela atividade expressa pelo verbo ou afetada por ela;

³⁴ Tradução livre de “term used in syntax and semantics to refer to the semantic relations that link a predicate to its arguments in the description of a situation”.

³⁵ Tradução livre de “Ideally, semantic roles are the roles that participants play in message world situations, quite apart from the linguistic encoding of those situations.”

Fonte: faz parte da origem de uma situação, mas não pode controlá-la. Geralmente, a entidade com esse papel temático está ligada a uma força da natureza, um lugar ou um ser animado que desencadeia uma mudança de forma não intencional;

Experienciador: entidade que é a sede psicológica ou física de uma dada propriedade ou relação;

Locativo: exprime a localização espacial de uma entidade;

Alvo: representa o receptor, animado ou locativo, para o qual algo foi transferido; ou seja, ocorre em uma situação de transferência.

O papel temático locativo é, segundo Cançado, um dos papéis temáticos mencionados mais utilizados por, logicamente, fazer referência ao local onde o evento proferido ocorre; ele indica que toda ação ocorre em um determinado local e pode ser dado ou oculto. A autora ressalta que “todo evento ocorre em um tempo, em um lugar e de um determinado modo” (CANÇADO, 2009, p. 50).

O caráter de locativo dado ou oculto mencionado acima foi descrito por Corrêa e Cançado (2006) a partir dos verbos de movimento do português brasileiro. As autoras partem do princípio de que cada predicado verbal tem sua rede temática, que é estabelecida a partir das propriedades semânticas que compõem os papéis temáticos dos argumentos do verbo.

Esses argumentos estão pressupostos em verbos que não têm sentido completo. Cançado (2009, p. 44) diz que os argumentos do verbo são “as informações de sentido, ou propriedades semânticas, acarretadas lexicalmente por esse verbo para que seu sentido se sature”.

Como exemplo, as autoras mencionam o item lexical *colocar*:

18) *O professor colocou o livro na estante*

(CORRÊA; CANÇADO, 2006, p. 374).

Nesse exemplo, o verbo *colocar* acarreta um desencadeador: *o professor*, um afetado deslocado: *o livro*; e um locativo afetado: *na estante*. O verbo *colocar*, para ter seu sentido saturado, precisa de três argumentos.

No exemplo seguinte,

19) *Ele dança*

O verbo *dançar* precisa de um desencadeador e de um local, já que assumimos anteriormente que toda ação ocorre em um lugar. Porém, comparando os verbos de 13 e 14, o primeiro, *colocar*, precisa que os três argumentos sejam dados explicitamente, pois o ato de *colocar* necessita de uma apresentação específica de um lugar onde a ação acontece; por sua vez, o verbo *dançar* só precisa de um argumento para que seu sentido seja completo, uma vez que o locativo não é uma necessidade para que a ação se realize, sendo ele uma inferência, e não um acarretamento do predicado verbal.

Corrêa e Cançado, ao distinguirem essas duas ocorrências de locativo, os denominam como *locativo do evento*, “que seria derivado do evento no mundo” e *locativo do predicador*, o qual “seria acarretado pelo predicador” (CORRÊA; CANÇADO, 2006, p. 379).

As autoras exemplificam com o verbo *cantar*:

- a. João cantou em BH.
 - b. João cantou num clube.
 - c. João cantou em cima da mesa.
 - d. João cantou em cima da mesa num clube em BH.
- (CORRÊA; CANÇADO, 2006, p. 379).

Em todas as sentenças há o locativo de evento; então, assim como o verbo *dançar*, o verbo *cantar* não tem necessidade de acarretar um argumento locativo, e o apagamento do locativo não é prejudicial para o entendimento da sentença. Por isso, o ato de cantar permite que seja apresentado um lugar em que a ação ocorra.

Corrêa e Cançado (2006) ressaltam, ainda, uma gradação entre os locativos apresentados nos exemplos: em (a), o locativo é mais amplo que em (b), que é mais amplo que em (c), enquanto em (d) todas as ocorrências anteriores são apresentadas juntas. Em (d) vê-se, ainda, que os locativos mais específicos são apresentados primeiro em relação aos mais amplos.

Outro aspecto que envolve a classificação do locativo de evento é que, ao ser deslocado, o locativo não prejudica o entendimento da ideia proferida na sentença.

No caso do locativo do predicador, o locativo é um argumento acarretado pelo verbo, que “faz parte do sentido lexical do verbo” (CORRÊA; CANÇADO, 2006, p. 380), por isso seu apagamento é prejudicial para o entendimento completo da sentença. Na sintaxe, figura na posição de adjunto, acompanhando uma preposição que “lhe atribua caso e denote lugar” (CANÇADO, 2009, p. 51). O locativo do predicador está relacionado com verbos que remetem a movimento, a um percurso no espaço, indicam lugares específicos e são relacionados ao campo semântico do sentido dos outros argumentos do predicado verbal:

- a. Maria imergiu o saquinho de chá na xícara.
 - b. Pedro sentou o filho na cadeira.
 - c. Maria recolheu a roupa do varal.
- (CORRÊA; CANÇADO, 2006, p. 380)

O locativo do predicador não tem o caráter modificador livre como o de evento, e, em caso de tentar mudar a sua posição em relação ao verbo, a sentença tende a não ser aceita.

Outros estudos sobre a gramaticalização pontuam que há ocorrências na Língua Portuguesa que inserem os locativos nesse fenômeno, quando unidos aos verbos. Em uma abordagem semântica, Teixeira e Oliveira (2012), ao discorrerem sobre a tipologia funcional dos marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional Verbo Locativo, tratam de expressões da língua portuguesa, como: “(es)t(á) aí, (es)tamo(s) aí, cheg(a) aí, chega[r] lá, dig(a) aí, diga lá, escuta aqui, (es)per(a) aí, espera lá, olh(a) aí, olh(a) aqui, olha lá fal(a) aí, quero lá, segur(a) aí, sei lá, sabe lá, vá lá, vamos lá, vem cá, vê lá” (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 20).

Ainda para Teixeira e Oliveira (2012), nas ocorrências mencionadas acima, o locativo auxilia na função de anáfora que as expressões verbo-locativas assumem nas ocorrências do Português.

Kracht (2002) também realizou uma abordagem semântica acerca das expressões locativas. Baseando-se no *continuum* espaço-tempo, o autor apresenta sua ideia de que o locativo é composto em duas camadas: “a primeira camada define um local e a segunda um tipo de movimento em relação a esse

local” (KRACHT, 2002, p. 1).³⁶ Segundo o autor, essa distinção é vista universalmente, sendo que a primeira camada seria a da configuração e a segunda a do modo.

A configuração descreve a maneira pela qual vários objetos são posicionados um em relação ao outro. As configurações podem ser correspondidas com preposições que não indicam mudança de local. Os exemplos são: *at, in, on, between, in front of etc.* O modo, por outro lado, descreve a maneira como um objeto se move em relação à configuração nomeada. Embora não exista um limite plausível para o número de configurações que uma língua distingue, o número de modos parece ser limitado: há evidências para os modos estático, cofinal, coinitial, transitório e aproximado (KRACHT, 2002, p. 3).³⁷

Kracht (2002) apresenta uma breve definição para os modos existentes: o modo *estático* ocorre se o objeto for mantido no mesmo local durante o tempo de ocorrência do evento; o modo *cofinal* ocorre se o objeto se mover para a configuração durante o tempo de ocorrência do evento; o modo é *coinitial* ocorre se o objeto se mover da configuração durante o tempo em que ocorre o evento; o modo *transitório* ocorre se o objeto entrar e sair novamente da configuração; e, por fim, o modo *aproximado* refere-se a um movimento que se aproxima de uma configuração. Nesses casos configuração funciona como sinônimo de localização.

Sobre os aspectos da semântica e da sintaxe da expressão locativa, Kracht (2002) apresenta uma organização estrutural: [M [L DP]].

Em que M é um modalizador (especificando o modo), L um localizador (especificando a configuração) e DP um sintagma determinante. Pode ser o caso de L preceder DP (como em inglês) ou segui-lo, e o mesmo para M (KRACHT, 2002, p. 4)³⁸

Já morfologicamente, não é comum que L e DP estejam juntos e excluam M.

³⁶ Tradução livre de “the first layer defines a location and the second a type of movement with respect to that location.”

³⁷ Tradução livre de “The configuration describes the way in which several objects are positioned with respect to each other. Configurations can be brought into correspondence with prepositions which do not indicate change of location. Examples are: at, in, on, between, in front of etc. The mode on the other hand describes the way in which an object moves with respect to the named configuration. While there is no plausible bound on the number of configurations that a language distinguishes, the number of modes seems to be limited: there is evidence for the static, the cofinal, the coinitial, the transitory and the approximative mode.”

³⁸ Tradução livre de “where M is a modaliser (specifying the mode), L a localiser (specifying the configuration) and DP a determiner phrase. It may be the case that L precedes DP (as in English) or that it follows it and the same for M.”

Continuando sua explanação, Kracht (2002), ao mencionar o trabalho de Bierwisch (1988) realizado sobre a língua alemã, aponta que os locativos podem ser distinguidos entre predicados, argumentos e adjuntos.

Alfred ist in der Schule. (predicado)
Alfred is at school.

Der Brief liegt auf dem Tisch. (argumento)
The letter is lying on the table.

Ich kaufe das Buch in Berlin. (adjunto)
I am buying the book in Berlin.³⁹

(KRACHT, 2002, p. 7).

A expressão locativa é apresentada morfologicamente. Kracht também discorre sobre o caso locativo, terminologicamente:

Os nomes de casos locativos são formados tipicamente por uma preposição mais o sufixo *-essivo* ou o sufixo *-lativo* (ver [6]). O sufixo *-essivo* é usado exclusivamente para o modo estático, enquanto os outros devem ser expressos pelo sufixo *-lativo*. Todas as outras informações são fornecidas pela preposição (KRACHT, 2002, p. 5)⁴⁰

Essa concepção terminológica é descrita em algumas línguas em que há a distinção entre os casos locativo.

Haspelmath (2009, p. 515), ao discorrer sobre os casos que expressam relações espaciais, ressalta que “podem ser agrupados em quatro classes direcionais amplas: casos que expressam localização (‘em’), objetivo (‘para’), fonte (‘de’) e caminho (‘através de, ao longo’)”⁴¹, sendo os três primeiros chamados de *locativo*, *alativo* e *ablativo*; para o último não há um consenso, mas chamá-lo de *perlativo* é mais comum.

Mel’čuk, por sua vez, detalha mais os *casos semânticos locais*, diferindo-os em *localizações* e *movimentos/orientações*. “Um caso local expressa a localização de algo com respeito ao objeto denotado pelo radical nominal no qual

³⁹ Alfred está na escola; A carta está sobre a mesa; Eu compro o livro em Berlim.

⁴⁰ Tradução de “The locative case names are formed typically by a preposition plus the suffix *-essive* or the suffix *-lative* (see [6]). The suffix *-essive* is used exclusively for the static mode, while the others must be expressed by the suffix *-lative*. All other information is provided by the preposition.”

⁴¹ Tradução de “expressing spatial relations can be grouped into four broad directional classes: cases expressing location (‘at’), goal (‘to’), source (‘from’), and path (‘through, along’).”

c está marcado” (MEL’ČUK, 2006, p. 155)⁴². Ele listou nove localizações comuns que são designadas por prefixos latinos: 1) *in-* (dentro do objeto); 2) *super-* (em cima/acima do objeto (do lado de fora)); 3) *sub-* (embaixo/abaixo do objeto (do lado de fora)); 4) *ad-* (ao lado do objeto (do lado de fora)); 5) *ante-* (em frente do objeto); 6) *post-* (atrás do objeto); 7) *apud-* (próximo do objeto); 8) *circum-* (em torno do objeto); 9) *inter-* (entre dois objetos); e acrescentamos 10) *ab-* (de, originado de).

Além disso, Mel’čuk (2006) discorre sobre a ideia de a localização ser especificada em relação ao movimento ou orientações. Há seis tipos comuns, designados por termos latinos, indicando a raiz da palavra: 1) *-essivo* (mesmo sentido de estático, em repouso); 2) *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele); 3) *-diretivo* (quando se move em direção a um ponto sem entrar em contato com ele); 4) *-terminativo* (quando o objeto se move até o ponto final e quase entra em contato com ele); 5) *-elativo* (o objeto se move para fora); 6) *-prolativo* (que se move através de).

Dadas essas informações levantadas por Mel’čuk (2006), a combinação de nove localizações com seis orientações produz 54 casos locais possíveis.

Essa nomenclatura, resultado da combinação entre localizações e orientações, se dá unindo o prefixo (preposições latinas) com raízes latinas (e.g. *inessivo, ilativo...*, *superessivo, superlativo...*, *subessivo, sublativo...*). Optei pelo uso da classificação de Mel’čuk (2006) em minha análise como forma de desenvolver análises sobre os diversos meios de expressar locatividade.

No capítulo 5, a seguir, são apresentadas as classes descritas nesta dissertação que funcionam na língua Kaingang como expressão de locatividade: os verbos, os indicadores de aspecto, as posições e os advérbios, bem como as análises de sentenças da língua que exemplificam essa expressão.

⁴² Tradução de “A local case.1b c expresses localization of something with respect to the object denoted by the nominal stem on which c is marked”

5 LOCATIVO NA LÍNGUA KAINGANG

Este capítulo tem foco apresentar análises específicas das classes que funcionam, na língua Kaingang, como expressões de locatividade. Inicialmente, há uma breve conceituação sobre as classes de palavras e, depois, especificamente são desenvolvidos os verbos, as posposições e os advérbios.

Na língua Kaingang, as ocorrências de expressões que remetem à locatividade são diversificadas. Neste trabalho serão analisadas as que se dão por meio dos advérbios, das posposições e dos verbos.

Cabe discorrer inicialmente sobre as classes de palavras, das quais essas categorias fazem parte. Payne (2010) diz o seguinte sobre as classes gramaticais ou classes de palavras:

A Classe de Palavra é simplesmente um grupo de lexemas que têm conjuntos semelhantes de propriedades morfossintáticas (forma), semânticas (significado) e de pragmática discursiva (uso) [...] (PAYNE, 2010, p. 68).⁴³

Givón (1997) distinguiu ainda as classes de palavras que aparecem amplamente nos idiomas. Ele realizou uma classificação entre as principais classes, compostas pelos Nomes, Verbos, Adjetivos e Advérbios.

Dos quatro, substantivos e verbos são classes lexicais principais em todas as línguas. Os adjetivos podem ou não aparecer em todas as línguas como uma classe de palavras distinta. No entanto, tanto sua ascensão diacrônica como uma subclasse dos substantivos ou verbos quanto seu comportamento semântico e sintático sincrônico quando não possuem sua própria classe, são até certo ponto previsíveis. Os advérbios são a classe lexical menos universal (GIVÓN, 1997, p. 49).⁴⁴

Essas classes de palavras, segundo Givón, são as categorias naturais, e a associação das palavras em cada classe não é definida por uma única

⁴³ Tradução livre de “A WORD CLASS is simply a group of lexemes that have similar sets of morphosyntactic (form), semantic (meaning), and discourse pragmatic (use) properties [...]”

⁴⁴ Tradução livre de “Of the four, nouns and verbs are major lexical classes in all languages. Adjectives may or may not appear in all languages as a distinct word-class. Nonetheless, both their diachronic rise as a sub-class of either nouns or verbs, or their synchronic semantic and syntactic behavior when lacking their own class, are to some extent predictable. Adverbs are the least universal lexical class.”

característica (a qual o autor se refere como “platônica”), mas sim por três critérios:

- Critérios semânticos: os tipos de significados (“características semânticas”) que tendem a ser codificados por palavras de uma classe específica.
- Critérios morfológicos: os tipos de morfemas ligados – gramaticais e derivacionais – que tendem a ser afixados a palavras de uma classe particular.
- Critérios sintáticos: a(s) posição(ões) típica(s) na cláusula que as palavras de uma classe específica tendem a ocupar (GIVÓN, 1997, p. 49).⁴⁵

Assim, há uma flexibilidade na categorização das palavras, sendo que algumas dessas classes são mais prototípicas do que as outras.

Sobre o assunto, Dik (1997) distinguiu os conceitos de categoria e função. Para ele as categorias especificam propriedades intrínsecas dos constituintes, enquanto as funções especificam as relações dos constituintes com as construções em que ocorrem.

As expressões linguísticas são redes complexas, caracterizadas por relações funcionais operantes em diferentes níveis. Funções de diferentes tipos são um meio poderoso de capturar essas relações. As funções também são necessárias (ao lado das categorias) porque as funções e as categorias não estão em uma relação direta umas com as outras. A mesma categoria pode ocorrer em funções diferentes, e a mesma função pode se aplicar a constituintes com propriedades categóricas diferentes (DIK, 1997, p. 26).⁴⁶

Dik (1997) distingue as relações funcionais também em três níveis:

- (i) As junções semânticas (Agente, Meta, Destinatário, etc.) especificam as funções que os referentes dos termos envolvidos

⁴⁵ Tradução livre de “Semantic criteria: The kind of meanings (‘semantic features’) that tend to be coded by words of a particular class.

Morphological criteria: The kind of bound morphemes — both grammatical and derivational — that tend to be affixed to words of a particular class.

Syntactic criteria: The typical position(s) in the clause that words of a particular class tend to occupy.”

⁴⁶ Tradução livre de “Generalizing from this we can say that categorial statements specify intrinsic properties of constituents, while functional statements specify the relations of constituents to the constructions in which they occur. Linguistic expressions are complex networks, characterized by functional relations operative at different levels. Functions of different types are a powerful means for capturing these relations. Functions are also needed (alongside categories) because functions and categories do not stand in a one-to-one relation to each other. The same category may occur in different functions, and the same function may apply to constituents with different categorial properties.”

desempenham dentro do Estado de Negócios designado pela predicação em que esses termos ocorrem.

(ii) As junções sintáticas (sujeito e objeto) especificam a perspectiva da qual um estado de coisas é apresentado em uma expressão linguística.

(iii) Junções pragmáticas (Tema, Tópico, Foco, etc.) especificam o status informativo de um constituinte dentro do ambiente comunicativo mais amplo em que ocorre (isto é, em relação à informação pragmática de S e A no momento do uso) (DIK, 1997, p. 26).⁴⁷

Essas junções apresentadas por Dik (1997) são a base para as análises da descrição linguística, as quais podem ser realizadas em conjuntos de combinações entre uma e outra, ou com foco apenas em uma delas.

5.1 Verbos

Para Payne, a “classe de verbos em qualquer idioma é a categoria gramatical que inclui lexemas que expressam os conceitos menos estáveis no tempo, por exemplo, eventos como morrer, correr, quebrar, etc.” (GIVÓN 1984, p. 51, 55 *apud* PAYNE, 1997, p. 47)⁴⁸, sendo, assim como os nomes, definidos prototipicamente pelo *continuum estabilidade-temporal*.

Morfossintaticamente, os verbos se distinguem em duas propriedades: distribucionais (ou configuracionais) e estruturais. A primeira delas tem a ver com “o modo como as palavras funcionam em frases, orações e textos”; já a segunda, tem “a ver com a estrutura interna do próprio verbo” (PAYNE, 1997, p. 47).

Na teoria dos Papéis Semânticos, os verbos seriam o centro da oração que precisam dos “argumentos”, os quais são os participantes e os papéis semânticos dele, para serem associados a ele. Payne (1997) discorre sobre o exemplo do verbo “comer”: para ele ser completo, seriam necessárias duas informações

⁴⁷ Tradução livre de “(i) Semantic junctions (Agent, Goal, Recipient, etc.) specify the roles which the referents of the terms involved play within the State of Affairs designated by the predication in which these terms occur.

(ii) Syntactic junctions (Subject and Object) specify the perspective from which a State of Affairs is presented in a linguistic expression.

(iii) Pragmatic junctions (Theme, Topic, Focus, etc.) specify the informational status of a constituent within the wider communicative setting in which it occurs (that is, in relation to the pragmatic information of S and A at the moment of use).”

⁴⁸ Tradução livre de “The class of verbs in any language is the grammatical category that includes lexemes which express the least time-stable concepts, e.g., events such as die, run, break, etc. (Givon 1984: 51, 55).”

“quem comeu” e “o que foi comido”, portanto esse verbo precisa de dois argumentos.

5.2.1 Verbos posicionais

Rodrigues (2016, p. 1) discorreu sobre como “um grande número de verbos estabelece uma relação de localização entre os seus constituintes”. Aqui, extraí algumas frases de seu trabalho sobre o Português, adaptei para o contexto cultural e solicitei à professora bilíngue que fossem traduzidas para o Kaingang, tal ação tem o intuito de testar a hipótese de haver formas verbais correspondentes ou com significados aproximados aos do português.

20) *Pedro vỹ Londrina tá **ẽmã**.*

Pedro MS Londrina lá **morar.em**

“O Pedro morou em Londrina.”

O exemplo 20, formado pelo verbo *ẽmã* apresenta uma relação de locatividade com um complemento estático, como afirmou Kratch (2008), *Londrina*. No tempo em que Pedro morou em Londrina, ele esteve localizado naquele lugar. O advérbio *tá* está posicionado entre os dois elementos, unindo o verbo e seu complemento locativo. A localização é dentro de (*in-*) e a orientação é estática (*-essivo*), portanto *inessivo*.

Nos exemplos que vão do 21 ao 28 não há uma relação estática com um locativo, pois os verbos empregados apresentam dinamicidade. Em 21 e 22, ambos os verbos requerem um argumento locativo: o primeiro é destino e o segundo origem, sendo o primeiro um modo cofinal e o segundo coinitial (KRACHT, 2002). Assim, o argumento (*sala*) dos verbos *rã* (21) e *kutẽ* (22) são regidos, respectivamente, pelas posposições *kãra* e *ki*, que têm o sentido de *para dentro de* e *em/por dentro de*.

Partindo para a terminologia proposta por Mel'čuk (2006), as localizações são *in-* (dentro do objeto) em 21 e *ad-* (ao lado do objeto (do lado de fora)) em 22. Enquanto as orientações são *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele) em 21 e *-elativo* (o objeto se move para fora) em 22, respectivamente, então, *inlativo* e *adelativo*.

21) *Pedro vỹ sala kãra rã*
 Pedro MS sala dentro+para **entrar**
 “O Pedro entrou na sala”.

22) *Pedro vỹ sala ki kutẽ*
 Pedro MS sala em **sair**
 “O Pedro saiu da sala”.

No exemplo 23, em que há o emprego do verbo *vyr*, há o sentido de trajetória, uma vez que o próprio emprego do advérbio *mĩ* carrega o sentido de que a ação não se deu de modo estático, mas no sentido transitório da passagem de Pedro por Tamarana. A localização, nesse caso, é *in-* (dentro do objeto) e a orientação *-prolativo* (que se move através de), ou seja, *improlativo*.

23) *Pedro vỹ Tãmãrỹnỹ mĩ vyr*
 Pedro MS Tamarana dentro (se movendo) **passar**
 “O Pedro passou por Tamarana”

Os exemplos 24 e 25 foram apresentados por Rodrigues para explicitar como na língua portuguesa “há casos nos quais é o objeto direto que ocupa um lugar” (RODRIGUES, 2016, p. 1). Em Kaingang, o que chama a atenção nessas mesmas orações são os empregos dos verbos *mã* e *vyn*, que significam *carregar*, ambos suportam o sentido de transportar um objeto de um lugar para outro (origem e destino), o primeiro sendo usado para objetos não compridos, redondos (*livro*), e o segundo para objetos muito compridos (*pirá*, peixe).

24) *Pedro vỹ mějã kri livro ma*
 Pedro MS mesa em cima livro **carregar**
 “O Pedro retirou o livro da mesa”

Em 24, ao retirar o livro da mesa, Pedro o segura consigo, visto que não há uma informação de para onde este livro foi levado; segundo Kratch (2002), seria um modo cofinal.

Em 25, os peixes são levados de um lugar delimitado para outro também explícito na oração (rio, casa), mas nesse caso o modo é coincial. Porém, os verbos ressaltados são empregados em sentidos diferentes, visto que são, para a

língua, verbos classificatórios que têm base na propriedade semântica do sujeito ou do objeto direto.

25) *Pedro vỹ goj tá pirã vyn kỹ ti ãn ra tĩg.*
 Pedro MS rio lá peixe **carregar** então ele casa para andar
 “O Pedro transportou o peixe do rio para a casa” (lit. ‘Pedro carregou o peixe do rio então ele andou para casa’)

Na oração 24, o objeto *livro* não foi descrito para a colaboradora da pesquisa; não estando de posse, então, dessas informações semânticas que fazem referência à forma ou ao tamanho, a apreensão de ser algo não comprido é uma imagem própria do entrevistado Kaingang, em consonância com a imagem geral do que é um livro, com formato retangular não comprido, próprio da categoria dos Kanhru, fazendo jus ao uso do verbo *ma*.

O mesmo ocorreu em 25, mas desta vez a apreensão de ser um objeto “muito comprido” deve-se ao fato de Pedro ter se dado o trabalho de ir para casa levando apenas um peixe, que era muito comprido, próprio dos Kamẽ, o que faz jus ao uso do verbo *vyr*.

Em 25, como são duas as orações em Kaingang, temos duas classificações: a localização *ab-* (de, originado de) e a orientação *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele), referindo-se ao *rio*, gerando o *ablativo*; a segunda oração, pode ser assim vista: a localização sendo *in-* (dentro do objeto) e a orientação também *lativo*, referindo-se a *casa*, gerando o *ilativo*; ambas expressam bem o objeto saindo de um lugar e indo até outro, completando, assim, o movimento.

Na elicitación, a colaboradora de pesquisa traduziu a oração 25 para o Kaingang como uma oração coordenada. Assim, vemos um verbo tetravalente em português ser traduzido em duas orações com verbos bivalentes.

No exemplo 26, há o emprego do verbo *entrar* com o sentido de *invadir*, sentidos esses somente identificados pelo contexto e pelo modo como a história foi contada. A configuração *casa (ãn)* nesse exemplo é modificada pelo modo cofinal. A localização é *in-* (dentro do objeto) e a orientação é *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele), *inlativo*. Cabe

ressaltar que a expressão *invadir* foi dada ao colaborador tradutor na elicitación e ele optou pelo emprego de *rã* (*entrar*).

- 26) *Pedro vỹ ã ãn kãra rã*
 Pedro MS 2SG.POSS casa para.dentro **entrar**
 “O Pedro invadiu a sua casa”.

Na ocorrência 27, o verbo *nĩfénh* (*prender*) foi empregado para dar o sentido de *enjaular*, visto que culturalmente os indígenas não têm o costume de enjaular animais, apenas para manterem sob domínio. Ocorre ainda no final da oração o emprego do verbo *nĩm*, que tem o sentido específico de *deixar, colocar*.

- 27) *Pedro vỹ kajónh nĩfénh kỹ ti nĩm.*
 Pedro MS papagaio **prender** então 3sg.OD deixar/colocar
 “O Pedro prendeu o papagaio, então o deixou” (lit. “Pedro deixou-o preso, o papagaio”).

Nesta oração, 27, a colaboradora também traduziu a oração, como em 25, em orações coordenadas. Assim, a configuração de “jaula” (pressuposta pelo verbo) tem localização *in-* (dentro do objeto) e sua orientação é *-lativo*, gerando o locativo *inlativo*. Como se pode ver pela glosa, o verbo *enjaular* foi traduzido usando o verbo *prender*, que também pressupõe o lugar da prisão, mas não especifica o objeto ao qual o papagaio ficou preso.

Por último, Rodrigues (2016) apresentou a oração 28, que tem o verbo *apimentar*. Esse verbo tem seu sentido questionado por autores como Batista (2013) e Cançado (2013), pois o primeiro defende ser ele um verbo locativo e a segunda um verbo de posse. Em caso de construção verbal locativa, o verbo *pĩmêta tỹ* depende do objeto locativo, pois a pimenta é colocada na comida. O emprego do morfema *tỹ* atribui ao substantivo a função de verbo. Se expressão locativa, a comida é a configuração alterada pela pimenta; sendo assim, o modo, segundo Kratch (2002), é cofinal.

- 28) *Pedro vỹ vỹjên ki pĩmêta tỹ ké.*
 Pedro MS alimento em **pimenta** VERBALIZ PASS
 “Pedro apimentou a comida”.

D'Angelis, ao discorrer sobre a concordância verbal de número em Kaingang ressaltou

A concordância de número, no verbo, realiza-se morfologicamente por dois modos: alguns verbos podem ser reduplicados (reduplicação da última sílaba) enquanto outros possuem uma forma própria para o singular e outra para o plural (D'ANGELIS, 2004, p. 71).

D'Angelis (2004, p. 72), afirma, ainda, que “não existe concordância no Kaingáng, mas sim a expressão da noção semântica de ação múltipla (repetida ou recorrente) versus ação única”. Nas orações 30 e 31, fica clara a ideia de ação realizada várias vezes, pela imagem de várias pessoas realizando a ação de se sentar.

Com ocorrências de verbos transitivos, como nos exemplos 32 e 33 extraídos do dicionário de Wiesemann, a pluralidade faz referência ao objeto.

32) *Ka gŷn ěg tĩ.*
 Árvore **derrubar**.SG nós HAB

“Derrubamos árvores.”

(WIESEMANN, 2011, p. 23).

33) *Ka gŷngŷn ěg tĩ*
 Árvore **derrubar**.PL nós HAB

“Derrubamos muitas árvores”.

(WIESEMANN, 2011, p. 23).

Os verbos que indicam posição podem também indicar diferentes valores aspectuais. Como verbos plenos se distinguem por ser o núcleo do sintagma verbal, assim como ressaltou Domingues (2013). São os verbos posicionais próprios do Kaingang: *jě* (estar em pé), *nĩ* (estar sentado), *nỹ* (estar deitado), *sa* (estar pendurado).

Sob a classe dos indicadores de aspecto posicionais discuto no próximo capítulo.

5.2 Verbos auxiliares

Outra classe de palavras empregada na língua Kaingang para a referência a locatividade são os Indicadores de aspecto posicionais. Wiesemann (2011, p. 156) diz que “Os indicadores de aspecto terminam a oração, mas podem ser

seguidos por certos indicadores de opinião. Muitos indicadores de aspecto são homófonos com verbos, dificultando a análise”. A pesquisadora listou os vários indicadores de aspecto da língua Kaingang em seu dicionário: *jě, jěgtĩ, jě nĩ, mũ, mũgtĩ, mũ nĩ, nĩ, nĩgtĩ, nĩ nĩ, nỹ, nỹgtĩ, nỹ nĩ, nỹtĩ, nỹtĩgtĩ, nỹtĩ nĩ, rã nĩ, sa, sagtĩ, sa nĩ, tĩ, tĩgtĩ, tĩ nĩ*, e apontou que esses morfemas indicam a forma *realis*, a qual pode se transformar em *irrealis* com o emprego da expressão *vě* seguindo os indicadores de aspecto (WIESEMANN, 2011, p. 156).

Chama atenção a presença dos indicadores de aspecto, pois eles são apresentados nas orações que fazem referência tanto a pessoas, animais, quanto a objetos, lugares. Uma hipótese que se tem sobre esses indicadores é o fato de a comunicação na língua ser até pouco tempo feita apenas por meio da oralidade, por isso era muito importante que informações mais descritivas fossem apresentadas nas narrativas contadas pelos mais velhos, por exemplo. Esse modo de falar sobre algo foi mantido na língua ao longo dos anos e adaptado para que pudesse descrever todas as informações necessárias de determinada situação.

Guerra, Silveira e Felisbino, ao discorrer sobre o emprego dos indicadores de aspecto em Kaingang, afirmam que

Isso acontece quando o enunciador sabe da posição física do sujeito do enunciado. Quando, porém, o enunciador não viu o fato que levou a produzir esse enunciado, então ele usa os indicadores de aspecto *nĩ* ou *jě*, de acordo com um colaborador; um segundo colaborador disse que se usa somente *jě*; já um terceiro disse que se usa *ně* – indicador de opinião (ind. o.) – antes do indicador de aspecto final (GUERRA; SILVEIRA; FELISBINO, 2020, p. 296).

Os autores ainda afirmam que os indicadores “são mecanismos que estabelecem o diálogo entre enunciação e enunciado” (GUERRA; SILVEIRA; FELISBINO, 2020, p. 296-297).

Dos indicadores de aspecto, há os que indicam para ouvinte/leitor a posição que se encontra o sujeito do enunciado:

34) *Hě tá Maria fi jě?*

Onde Maria MF ASP. **em pé?**

“Onde está a Maria?”

(elicitada)

Em 34, há uma pergunta que questiona o local onde o referente está, mas, mesmo não se tendo essa informação de localidade, o enunciador menciona a posição dele com o verbo *jě*. O emprego desse verbo não pode ser uma afirmação contundente na sentença em questão, dizendo que a pessoa está em pé, mesmo porque o enunciador nem mesmo sabe onde a pessoa está. Uma interpretação possível é que na ausência do referente seria indicada uma posição *default* (padrão), conforme suas propriedades semânticas inerentes [+/- animado], [+/- humano] etc. Trata-se da eleição de um indicador de aspecto para preencher essa posição aspectual; o uso de *nỹ* e *nĩ* também é possível, porém seu uso acontece quando o enunciador que fez o questionamento tem ideia de onde a pessoa está: se de madrugada, provavelmente em casa deitada (*nỹ*); se docente em horário de intervalo, provavelmente *nĩ* (sentada); se docente em horário de aula, provavelmente em pé (*jě*), este coincidindo com o uso geral da oração 34.

No breve diálogo apresentado no exemplo 35, há o emprego do verbo *nĩ* em dois momentos. Ambos fazem descrição clara da situação posicional do sujeito no local em que está; sentado. Situação semelhante é o emprego na sentença *estou em casa*, pois o fato de o sujeito estar em sua própria casa dá a ele a possibilidade de estar em qualquer posição; por isso, dizer que está sentado é uma informação relevante.

35) *Priscila, hỹn ã?*

Priscila onde 2SG

“Priscila, onde está você?”

Õnĩmu kãkã inh nĩ!

Ônibus dentro eu **sentado**

“Estou dentro do ônibus”

Jo ã?

E 2SG

“E você?”

inh ãn ka inh nĩ

1SG.POSS casa dentro 1SG **sentado**

“estou em casa”

(WhatsApp da colaboradora bilíngue)

Em 36, o emprego do indicador *nĩ nĩ* se justifica pelo contexto em que o participante narra um momento em que estava assistindo a um jogo de futebol; esse ato de estar na plateia assistindo é realizado na posição sentada, não exclusivamente, mas neste caso foi assim que o enunciador descreveu a cena, que certamente ocorreu, pois esse exemplo faz parte de uma das narrativas coletadas.

36) *kỹ inh ne sir fag vég nĩ nĩ*
 então eu IND.S (originador) assim elas ver **sentado**
 “então, eu estava assistindo elas”

(Anexo 2)

Esses indicadores podem também não marcar uma posição clara do sujeito, como se pode ver na ocorrência 37, em que há o emprego do marcador *nĩ*, mas a tradução não aponta para ideia de “estar sentado”, havendo nela o sentido de “andar”; neste caso, não se refere a uma posição física, mas à ideia de “estar junto, acompanhado de outro, ter com ele uma relação”. Quando se diz que as amigas andam juntas, elas não necessariamente estão andando literalmente.

37) *Há tóg sir ěg mỹ sér tĩgtĩ,*
 Bem MS.ag então 1PL para alegre HAB

ěg tỹ jágně mré mũ kar nĩ kỹ.
 nós MS.ERG um ao outro acompanhar todos **sentado** quando

“Mas é porque ficamos felizes, quando andamos todas juntas.” (Anexo 4)

Na oração 38, há o emprego do indicador de aspecto *nỹ*, que tem o significado de *deitado*. Neste caso, o indicador faz menção ao estado da grama plantada, que, por ser na superfície da terra e ocupar um espaço horizontal, carrega uma imagem de “estar deitada”.

38) Tá kafej ag e tĩ gé,
Lá flor 3PL muito HAB também

kỹ re vỹ rã krãn kỹ nỹ gé.
e grama MS perto plantar então **deitado** também

“Também existem muitas flores por lá, também tem uma grama plantada.”

(Aula de Kaingang)

A ocorrência de locativo também pode ser realizada na língua Kaingang por meio do emprego dos advérbios, que desenvolvo no capítulo seguinte.

5.3 Advérbios

Wiesemann (2011) discorre sobre os Constituintes e dentre eles estão as que ela chama de *Circunstâncias*:

Circunstâncias são substantivos ou construções substantivais seguidas por um indicador de circunstância. Pode ocorrer em qualquer lugar precedendo o objeto, não pode intervir entre objeto-predicado-modo-(sujeito)-aspecto (WIESEMANN, 2011, p. 169-170).

Fazem parte das circunstâncias “o que normalmente é chamado objeto indireto” (WIESEMANN, 2011, p. 170). Sendo o *mỹ* (para), segundo Wiesemann, o indicador de circunstância próprio.

Wiesemann (2011) afirma que “existem verbetes de circunstância (cir.) que são um tipo de advérbios”. Para formalizar a análise, tratamos essas expressões como Advérbios.

Pittner, Elsner e Barteld (2015) realizaram uma abordagem sobre a classe dos Advérbios, mencionando os trabalhos gramaticais desde Dionysius Thrax (1874), Schwarz (1982), van der Auwera (1998), Haspelmath (2001) e Eisenberg (2013), os quais reafirmam a falta de delimitação dessa classe. A classificação dos advérbios de modo pleno é difícil, por seu caráter amplamente indefinível; “é considerada uma categoria muito heterogênea, diversa e residual” (PITNER; ELSNER; BARTELD, 2015, p. 1)⁴⁹.

⁴⁹ Tradução livre de “‘adverb’ is still considered to be a very heterogeneous, miscellaneous, and residual category”.

Payne (1997, p. 69) classificou a categoria dos advérbios como uma categoria "pega-tudo", pois "qualquer palavra com conteúdo semântico que não seja claramente um substantivo, um verbo ou um adjetivo é frequentemente colocada na classe de advérbio". Ele diz ainda que, semanticamente, essa classe apresenta uma gama diversificada de formas que são classificadas como advérbios, não havendo um critério prototípico. Formalmente, os advérbios podem ser caracterizados por sua distribuição; "Além disso, eles normalmente funcionam no nível da oração ou do discurso, ou seja, seu efeito semântico é relevante para cláusulas inteiras ou unidades maiores, ao invés de simplesmente para frases" (PAYNE, 1997, p. 69).

Payne (1997) listou as categorias adverbiais que ocorrem no inglês, mas podem não o ser em outras línguas, bem como pode haver mais categorias que não ocorram na língua inglesa. São elas: modo, tempo, direção/localização, evidencial/epistêmico.

Do ponto de vista da Gramática Tradicional, Ilari discorreu sobre os três critérios que regem tradicionalmente o advérbio. Morfossintaticamente, há o caráter de palavra invariável e o caráter de palavra regida, aplicada tipicamente a não substantivos, normalmente relacionados aos verbos. Além disso, tem-se o critério da noção de modificação, "se define o advérbio como a palavra que modifica a idéia expressa pelo verbo ou denota as 'circunstâncias' em que se dá o processo a que ele faz referência" (ILARI, 2007, p. 152). Os advérbios são comumente classificados como advérbios de modo, intensidade, lugar, tempo, negação, afirmação, dúvida.

Classificados em seu dicionário como Circunstâncias e identificados por mim como expressões locativas, são 28 verbetes listados por Wiesemann.

Quadro 3: Circunstâncias

	Circunstância (Cir.)	Tradução
1	ẽprã	embaixo, na terra
2	fag tã ũ kã tá	direção oposta
3	fag tã ũ ra	para um outro lugar, para o outro lado
4	fag tã ũ tá	de lugar diferente
5	hẽ kã tá?	onde? de onde?
6	hẽ ki?	onde?
7	hẽ mĩ?	por onde?
8	hẽ ra?	pra onde?
9	hẽ tá?	onde?
10	hũ	lá
11	jakãnh	esquerdo
12	jẽgja kã	no lugar de
13	kakó	perto
14	katyg ja tá	lugar deserto
15	kynh há mỹ	bem alto.
16	kynhmỹ	alto, por cima.
17	mã mĩ	atrás
18	mã ra	para além.
19	mã tá	atrás, depois.
20	pãnĩ tá	atrás
21	raj tũg ja tá	fora da raia.
22	rã jur ja tá	nascente, oriente, leste.
23	rã krẽfĩn	norte, sul, atrás do sol.
24	rã pur ja tá	poente, ocidente, oeste.
25	tã mĩ	lá longe (indefinido).
26	tã ra	para lá longe.
27	tã tá.	lá longe (localizado).
28	vẽnh rã hã	perto

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

Na língua Kaingang, para expressar localização, os locativos dependem do contexto. No exemplo 39, para o enunciador, em “As *crianças estão sentadas no chão*”, essa informação é descrita com o advérbio *embaixo*, pois, no contexto da sentença, elas estão em um nível inferior a ele; com isso, tem-se a ideia de que ele esteja em pé, acima das crianças, então a localização delas é *embaixo (sub-)*, e a orientação é estática (-*essivo*), tem-se então um *subessivo*.

39) *Gĩr fag vỹ ěprã nĩgnĩ.*

criança 3PL MS **embaixo** sentado.PL

“As crianças estão sentadas no chão”

(elicitación)

Ao realizar a discussão sobre o advérbio que carrega o significado de *onde*, é importante ressaltar o caráter interrogativo dos empregos na língua Kaingang, visto que, em todas as ocorrências encontradas no trabalho de Wiesemann (2011), os exemplos são acompanhados do ponto de interrogação.

Quadro 4: *Onde*

hẽ kã tá?	onde? de onde?
hẽ ki?	onde?
hẽ mĩ?	por onde?
hẽ ra?	pra onde?
hẽ tá?	onde?

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

O advérbio de lugar *hẽ tá* tem localização interna (*in-*) e configuração estática (-*essivo*). Nas ocorrências 34 (repetida a seguir), 40, 41 e 42, essa referência a um lugar fixo, *inessivo*, é realizada e, como interrogativo, inicia a oração.

34) **Hẽ tá** *Maria fi jẽ?*

Onde Maria MF ASP

“Onde está a Maria?”

(elicitada)

40) **Hě tá** *ã* *ěmã* *jě* *e* *vě?*
Onde você morar em pé ASP(imperfeito) ASP.ERG
 “Onde você morava?” (elicitada)

41) **Hě tá** *ã* *ěmã* *jě?*
Onde você morar ASP
 “Você mora onde?” (elicitada)

42) **Hě tá** *João* *vỹ* *ěmã* *jě* *é?*
Onde subs MS.TÓP mora em pé ASP.imperfeito
 “Onde João morava?” (elicitada)

De 43 a 46, o mesmo advérbio *hě tá* é usado, porém tanto o morfema *ně* quanto o verbo *kãtĩ(g)* (vir) pressupõem um ponto de partida, cuja localização passa a ser *ab-* (de, originado de) e a configuração é *-lativo*, resultando no caso *ablativo*.

43) **Hě tá** *kafej* *ně* *nỹ?*
Onde flor ASP.pergunta ASP.sentado
 “De onde é esta flor?” (elicitada)

44) **Hě tá** *ã* *kãtĩ?*
Onde você vindo
 “De onde você está vindo?” (elicitada)

Nos exemplos (46) e (47), o emprego do advérbio *hě tá* não está presente no início das frases, mas no meio, seguindo o indicador de tópico *tỹ*.

45) *Kanhgág* *ag* *jamã* *tỹ* **hě tá** *ti* *kãtĩg?*
 Kaingang eles morar MS.TÓP **onde** ele chegar
 “De qual Terra Indígena ele veio?” (elicitada)

46) *Ã* *tỹ* **hě tá** *kãtĩg* *ně?*
 Você MS.TÓP **onde** chegando ASP.pergunta
 “Você veio de onde?” (elicitada)

O emprego do advérbio de lugar *hě kātá*, significando *para dentro de onde* não aparece no início da oração interrogativa em (42) e (43), mas segue o indicador de tópico. A pergunta já indica que o local de chegada é desconhecido, portanto difícil definir exatamente a qual das orientações que indicam movimento se refere o verbo, assim como é difícil indicar com precisão, sem o devido contexto, a localização do destino.

47) *Ā tỹ hě kātá tīg ně?*
 Você IND.TÓP **onde** andar ASP.PERG
 “Para dentro de onde você está indo?” (elicitada)

48) *Ěpy tag vỹ hě kātá tĩ mũ?*
 Caminho esse IND.TÓP **onde** ir ASP
 “Esse caminho vai para onde?” (elicitada)

49) *Hě ra inh vyr vě?*
onde 1SG ir ASP
 “Aonde eu fui?” (elicitada)

Os empregos de expressões adverbiais que remetem ao significado do demonstrativo “lá” foram listados no quadro seguinte. Porém, nenhuma das ocorrências coletadas no corpus desta pesquisa apresentou exemplos com esses empregos. Na terceira coluna do quadro 4 há, com base em termos semânticos, uma graduação entre contraste dos empregos da expressão *lá* no Kaingang. Tal oposição pode ser explorada em futuros estudos.

Quadro 4: *lá*

<i>hũ</i>	<i>lá</i>	+próximo +visível
<i>tã mĩ</i>	<i>lá</i> longe (indefinido)	-próximo -visível
<i>tã ra</i>	para <i>lá</i> longe	-próximo +/-visível
<i>tã tá</i>	<i>lá</i> longe (localizado)	-próximo +visível

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

As ocorrências listadas por Wiesemann (2011) como circunstanciais que carregam o sentido de *atrás de*, *depois de*, foram organizadas no quadro a seguir.

Quadro 5: *Atrás, depois*

mã mĩ	atrás
mã ra	para além
mã tá	atrás, depois
pãĩ tá	atrás

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

Nas ocorrências coletadas para a pesquisa foi recorrente apenas uma das expressões apresentadas pela linguista em seu dicionário: *mã tá*. Todavia, diferente do que se esperava para a expressão, ela não tem função de advérbio, mas de posposição que acompanha o substantivo *ĩn*, nos exemplos (49) e (50), e o pronome pessoal em (51).

Segundo Mel'čuk (2006), nesses exemplos a localização é *post-* (atrás do objeto). Mas em (49) a configuração é *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele), sendo um *poslativo*. Nas orações (50) e (51), a configuração dos objetos é de estáticos *-essivo, postessivo*.

49) *Ti ĩn mã tá inh tĩg ke jẽ isỹ goj ra tĩg jé.*
 3SG.POSS casa **atrás** 1SG. andar FUT ASP 1SG.MS rio lá andar FUT
 “Eu tenho que passar por trás da casa dele para ir ao rio.” (elicitada)

50) *Ĩn mã tá jágjánh jãfã vỹ jẽ.*
 Casa **atrás** banheiro TÓP ASP.em pé
 “Atrás da casa fica o banheiro.” (elicitada)

51) *Havé, ã mã tá ag nỹtĩ*
 IMP+ver 2SG **atrás** 2PL.M IND.A
 “Olhe, eles estão atrás de você” (elicitada)

Outro exemplo em que se viu o emprego do advérbio como uma posposição ao substantivo é com o emprego da palavra *jakãnh* que tem o significado de esquerdo na língua Kaingang. No exemplo (52), a posposição também segue um substantivo. Para a ideia da localização vê-se que o objeto está do lado de fora (*ad-*,) enquanto a sua configuração é estática (*-essivo*).

52) *Īn jakānh tá ka vỹ jě.*

Casa **esquerdo** lá árvore TÓP em pé

“Tem uma árvore do lado esquerdo da casa.”

(elicitada)

A expressão *jěgja kā* (*no lugar de*) ocorre apenas em uma oração do *corpus* (oração 53), a qual também foi apresentada de modo a cumprir o papel de uma posição.

53) *Īn jěgja tá ag kri posto han.*

Casa **no lugar de** esse em cima posto fazer

“O posto foi construído no lugar onde era a casa.”

(elicitada)

Em (54), pode-se ver o exemplo do emprego da expressão *tũgja tá*, posposta ao substantivo *ěpry*. Esse emprego chama atenção por não ter aparecido no dicionário de Wiesemann e por ser semelhante à expressão *raj tũgja tá* (*fora da raia*), que não apareceu no *corpus* desta pesquisa.

54) *Ĕpry tũgja tá tĩ tũg, tá ti sónh tĩ.*

caminho **fora do** andar NEG lá 3SG.M espinhos HAB

“Não ande fora do caminho porque tem espinhos”.

(elicitada)

55) *Leste tá Londrina vỹ nĩ.*

Leste lá Londrina MS.TÓP ASP.sentado

“Londrina fica no sentido leste?”

(elicitada)

56) *Rã vỹ leste kãtá mur tĩ.*

sol MS.TÓP leste **na direção de** nasce HAB

“O sol nasce do lado leste.”

(elicitada)

57) *Norte ra Tibaji vỹ tĩ tĩ.*

Norte **para** Tibagi MS.TÓP ir HAB

“O rio Tibagi vai para o norte.”

(elicitada)

58) *Londrina vỹ Tamarana norte kã nĩ.*

Londrina MS.TÓP Tamarana **norte dentro de** ASP.sentado

“Londrina fica ao norte de Tamarana.”

(elicitada)

59) **Oeste tá goj vř nř.**

oeste lá rio MS.TÓP ASP.sentado

“O rio fica para o oeste?”

(elicitada)

60) **Oeste kãtã rã vř pur ř.**

oeste na direção de TÓP escondido HAB

“O sol se põe do lado oeste.”

(elicitada)

A expressão circunstancial *katyg já tá* não foi apresentada em nenhuma das ocorrências em que se buscava o significado de *lugar deserto*. Do mesmo modo, não foram encontradas as palavras *kakó* e *věnh rã hã* para designar o advérbio *perto*. O mesmo ocorreu com os advérbios *kynh há mř* e *kynhmř*, que têm os significados de *bem alto* e *alto, por cima*, respectivamente, bem como com *rã pur ja tá*, que tem o significado de *poente, ocidente, oeste*, todos constantes do *Dicionário Kaingang-Português* (WIESEMANN, 2011). Não encontrar essas expressões podem decorrer de algumas hipóteses, sendo elas: idade da participante da pesquisa que realizou a tradução da elicitação, que é jovem e, por isso, podem desconhecer-las ou por estarem em desuso; o dialeto pesquisado ser o falado na TI Apucarantina e o estudado para o dicionário de Wiesemann ser da TI Rio das Cobras; os falantes preferirem o uso de um sinônimo em detrimento dessas expressões mencionadas.

5.4 Posposições

Há ainda os “indicadores de circunstância” descritos por Wiesemann, os quais, terminologicamente fazem referência às posposições, semelhantes às preposições do Português, as quais “sempre seguem o substantivo ou a frase que modificam” (WIESEMANN, 2011, p. 158).

Foram selecionadas as ocorrências de Indicadores de Circunstâncias referentes à localização apresentados no dicionário de Wiesemann (2011). Esses somaram 29.

Quadro 6: Indicadores de Circunstância

	Indicador de Circunstância (ind. cir.)	Tradução
1	jagfy	em lugar de, em favor de
2	jagma	(indo) ao longo de
3	jakrēm	abaixo
4	jāmī	na frente
5	jo	antes, na frente
6	jy	antes, em frente, em redor, ao lado
7	kakām	do outro lado do rio, do vale
8	kato	em frente de, no outro lado
9	katȳ	no outro lado do fogo
10	kā	dentro de
11	kā kā	dentro
12	kā ki	dentro
13	kā mī	por dentro
14	kā ra	para dentro
15	kā tá	dentro, na direção de
16	ki	em, por dentro
17	krēfīn	sentido contrário, ao encontro
18	krēm	embaixo
19	kri	em cima
20	krīgmỹ	por cima, mais alto que
21	mī	dentro (se movendo)
22	nón	atrás
23	pāte	atrás, após
24	pénīn	em torno de, em redor
25	ra	para, na direção de, apesar de
26	rā	perto, por baixo de
27	tá	lá
28	to	em direção de
29	vějy	frente

Fonte: Wiesemann (2011, p. 158).

Os 57 termos listados nos quadros 1 e 2, que foram extraídos de Wiesemann (2011), expressam noções de locatividade formal e lexical, por meio de preposições e locuções preposicionais, assim como por advérbios locativos.

Encontramos oito posições usadas para designar a situação de estar “na parte interior; interiormente”. São ocorrências encontradas no dicionário de Wiesemann (2011), que carregam o sentido da palavra “dentro” e foram traduzidas pela participante com esse sentido.

Quadro 7: Posposição *dentro de*

kã	dentro de
kākã	dentro
kãki	dentro
kãmĩ	por dentro
kãra	para dentro
kãtã	dentro, na direção de
ki	em, por dentro
mĩ	dentro (se movendo)

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

No dicionário de Wiesemann, morfologicamente, são palavras simples (*kã* ‘dentro’; *ki* ‘em’, ‘por dentro’; *mĩ* ‘dentro’ (se movendo)) e compostas (*kã* ‘dentro’ + *kã* ‘dentro’; *kã* ‘dentro’ + *ki* ‘em’, ‘por dentro’; *kã* ‘dentro’ + *mi* ‘para’; *kã* ‘dentro’ + *ra* ‘para’ ‘na direção de’; *kã* ‘dentro’ + *tã* ‘lá’)⁵⁰. Há um predomínio da palavra *kã* ‘dentro’ ao início da expressão, que tem seu significado tanto sozinha, como composta.

A posposição *kã*, expressão que é inicial entre as ocorrências de indicadores de circunstância compostos, não foi encontrada sozinha nas narrativas e elicitções com o sentido *dentro de*.

No exemplo 61, o emprego do indicador *mĩ* (na primeira linha) não faz referência clara a um lugar específico dentro da oração, mas, assim como ocorreu na segunda linha, há uma relação de tempo, em um “local no tempo”. O fato ocorreu “um dia” não especificado, mas também é um dia não único, por isso o emprego do *mĩ*, que tem o sentido de “se movendo dentro” (*-prolativo*). Na terceira linha, o emprego de *mĩ* já carrega a relação locativa de modo explícito, pois, ao dizer que se vive em algum lugar, se vive “dentro” dele (*in-*), neste caso não estaticamente, mas o emprego do *mĩ* carrega o movimento (*-prolativo*). As três orações fazem parte da mesma sequência narrativa, por isso a elipse do sujeito (*ẽg*) na segunda linha, o que só acontece em caso de o sujeito já ter sido explicitado anteriormente.

⁵⁰ Nossa colaboradora informa que a composição por justaposição no Apucarantina tem sido feita já com as palavras unidas. Em Wiesemann, os verbetes são grafados separadamente: *kã*, *kã ki*, *kã mi*, *kã ra*, *kã tã*.

61) *Hãra ěg tóg sir kejěn, sir tag ti mĩ*

Mas 1PL MS.AG então às vezes então DEM 2SG.M **dentro** (se movendo)
 “mas então nós um dia”

fóg ag ki kanhrãnrãn mÿr sir.

brancos 1PL.M **em, por dentro** conhecer.PL verdade então
 “conhecemos os brancos.”

kÿ ěg tóg sir tag ti mĩ mũ...

Então 1PL MS.AG então DEM 3SG.M **dentro** (se movendo) ASP
 “e por isso vivemos aqui”

(Anexo 1)

Para discorrer mais sobre o indicador *mĩ*, apresento os exemplos a seguir, do (da oração 62 à 66). Em todas essas orações, o emprego da expressão locativa é bem claro e delimitado pela posposição, pois há um lugar em que a ação do agente ocorre. Chama atenção o fato de, no momento, a tradução não haver menção para a circunstância *dentro* em nenhuma dessas ocorrências. Isso pode ser explicado pela ideia de que, para os falantes da língua portuguesa, essa informação de “estar dentro” nesses exemplos já é explicitada por outras expressões da oração. Já, na língua Kaingang, a posposição é fundamental para que a ideia de estar inserido em determinado local seja claramente apresentada para o enunciador. Além disso, o emprego da posposição é específico para a ideia de movimento realizada pelo agente no local em questão. Em 62, quem está andando pelo caminho está claramente em movimento dentro (*in-*) desse local específico (*-prolativo*), assim como quem está indo pelo caminho; em 63, a localização é dentro de (*in-*) e a orientação é movimento através dele (*-prolativo*), ambas então têm locatividade improlativa.

62) *Vãsÿ ěg tóg mũn e tĩ,*

Faz tempo 1PL MS.AG mover PFV HAB
 “Faz muito tempo, nós andávamos,”

ón kŷ tag mĩ ěprŷ jagma,
brincando DEM dentro(se movendo) caminho ao longo de
“brincando, por esta estrada,” (Anexo 3)

63) Daniel vŷ ěpry tag mĩ tĩ mŭ.
Daniel TÓP caminho novo dentro (se movendo) ir ASP
“Daniel está indo por esse caminho” (elicitada)

Em 64, há ocorrência de duas localizações delimitadas por substantivos, a primeira localização é o *rio Tibagi (in-)*, por dentro dele, e a configuração *-prolativo* (que se move através de). A segunda localização é *in- (Londrina)*, pois o sujeito vai chegar à cidade; a configuração é *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele). Temos, então, os seguintes casos semânticos locais: *improlativo* e *inlativo*.

64) Tibaji mĩ ag mŭjĕg Londrina ra
SUBS dentro (se movendo) 3PL.M foram Londrina lá
“Eles foram a Londrina pelo rio Tibagi.” (elicitada)

Em 65, a localização é o rio, dentro dele (*in-*), o ponto final e a configuração *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele).

65) Inh hĕ mĩ tĩg isŷ goj tá jun jé?
Eu igual dentro (se movendo) andar 1SG.MS rio lá chegar para
“Por onde vou para chegar no rio?” (elicitada)

Nas sentenças 66 e 67, o emprego do *mĩ* indica que a localização é dentro de (*in-*) e a configuração de movimento através de (*-prolativo*). O movimento em 69 indica o caminho que se faz para chegar até a igreja, para, só estando lá, começarem a cantar.

66) Inh ěpry tŷ hĕ mĩ tĩg?
Eu caminho por onde dentro (se movendo) andar
“Vou por qual caminho?” (elicitada)

- 67) *mũ gé, Greja mĩ, ěg tỹ jãnjã jé.*
ir também Igreja dentro(se movendo) 1PL MS cantar para
 “fomos também para a igreja, para cantarmos.” (Anexo 4)

A posposição *kãkã* foi apresentada do exemplo 68 ao 70. Neles o sentido semântico de localização do sujeito é bem claro na oração, pois carrega a ideia de “estar dentro” (*in-*), em uma configuração estática (*-essivo*), que pode ser realizada tanto por seres animados (68 e 69) quanto por inanimados (70). Nas ocorrências 68 e 69, as informações de agente e locativo são anteriores à posposição, sendo apresentado depois dele apenas o indicador de aspecto. Já em 70, o sintagma locativo é a primeira informação, seguido do indicador de circunstância, indicador de aspecto e agente.

- 68) *Fi kósin fi vỹ goj kãkã jě.*
 3SG.F filho MF MS rio **dentro** ASP.em pé
 “A filha dela está (dentro) no rio” (elicitada)

- 69) *ljóg vỹ greja kãkã jě*
 1SG.POSS.pai MS igreja **dentro** ASP.em pé
 “Meu pai está dentro da igreja” (elicitada)

- 70) *Kre kãkã ti nĩ, inh gãr.*
 balaio **dentro** 3SG.M ASP.sentado 1SG.POSS milho
 “Meu milho está dentro do cesto.” (elicitada)

Nos exemplos que vão do 71 ao 74, há o emprego da posposição *kãra*, que carrega o sentido das locuções *por dentro* e *para dentro*, aumentando as acepções identificadas por Wiesemann (2011), que fez referência apenas à segunda acepção. Em 71 e 72, o indicador tem significado de uma ação de movimento que ocorre em determinado local, sendo, segundo Kracht (2002), uma ação cofinal. Em 71, quem caça por dentro do mato (*in-*) não fica parado (*-prolativo*) e em 72 o movimento é bem delimitado com o emprego do verbo *arrastar*, também com configuração de movimento através de (*-prolativo*).

71) *Mũ jé vānh kāra ěkrenh mũ jé.*
 ir FUT mato **por dentro** caçar ir FUT
 “Vamos ir caçar por dentro do mato” (elicitada)

72) *Ka nér raran ag mũjĕg gār kré kāra.*
 Árvore tronco arrastar 1PL.M ir.PL milho plantação **por dentro**
 “Eles arrastaram o tronco da árvore por dentro da roça de milho.” (elicitada)

Essa expressão *kāra* também é empregada em situações em que o movimento acontece até o local (*-lativo*), sendo uma ação coincidental, como em 73, que o sujeito vai para a escola, mas não há uma indicação de movimento nesse local (*-essivo*) e, em 74, o cachorro se movimento para entrar na casa (*lativo*), mas também não indica como ele se comportou estando dentro dela.

73) *Escola kāra genh jé.*
 Escola **para dentro** entrar FUT
 “Vamos ir para dentro da escola” (elicitada)

74) *Hoghog vỹ inh ĩn kāra rã.*
 Cachorro MS minha casa **para dentro** entrar
 “O cachorro entrou dentro da minha casa.” (elicitada)

A expressão *kamĩ*, vista no exemplo 75 também carrega o sentido de “por dentro”, e nesse caso o sujeito realizou uma ação passada que ocorreu habitualmente em um determinado período em um local, dentro do mato (*-in*).

75) *Kā ěg tóg sir vānh kāmĩ mũgtĩ vĕ mỹr*
 também 1PL MS.AG então mato **por dentro** fazer.HAB ASP verdade
 “Vivíamos sempre no mato” (Anexo 1)

Na oração 76, há um exemplo do emprego da posposição *ki*, que não se mostrou usual. Esse emprego é coerente e presente no significado da frase, marcando um reforço, uma ênfase na ideia expressa na oração, pois quem entra, “entra para dentro de” algum lugar. Seguindo Kratch (2006), a localização é *in-* (dentro) e a configuração *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele), sendo, então, um *inlativo*.

76) *Ag mré inh ki rãnh ke mũ”, he inh.*

3PL.M com 1SG **por dentro** entrar fut asp dizer 1SG

“vou entrar com eles, disse isso”

(Anexo 2)

A expressão *no outro lado*, apresentada nos exemplos 77 e 78 com o emprego da posposição *kato*, logo após ao pronome, aponta para o indicador de que algo está do lado oposto é apresentado em relação ao enunciador. A tradutora apresentou no início delas um pronome *Ěg* (nós) que não foi dado como informação na frase em português, mas que é necessário ser apresentado para o Kaingang para delimitar essa relação de oposição da expressão *kato*.

Em 77, levando em consideração as ideias de Mel’čuk (2006), quem mora na direção oposta está fora (*ad-*) e como não há uma configuração explícita de movimento, vamos admitir que esteja inerte (*-essivo*); adessivo, então.

77) *Ěg kato ti ěmã jě.*

Nós **no outro lado** 3SG.M mora ASP.em pé

“Ele mora na direção oposta” (lit. “ele mora do outro lado de nós”) (elicitada)

Já em 80, a direção oposta se mantém fora (*ad-*), mas tem-se uma configuração de movimento para fora de onde está o falante (*-elativo*).

78) *Ěg kato ti tě.*

Nós **no outro lado** 3SG voar

“Ele foi rapidamente na direção oposta”

(elicitada)

A expressão que faz referência ao que está na parte superior, à superfície em relação a algo ou alguém, foram apresentadas de dois modos, como apresentado no quadro 8.

Quadro 8: Posposições *em cima*, *por cima*

kri	em cima
křĩgmỹ	por cima, mais alto que

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

Nos exemplos 79 e 80, foi empregada a posposição *kri* seguindo os substantivos *ĩn* (*casa*) e *ka pẽ* (*galho*). Por ter o traço + superior, nos dois casos

há a mesma localização: *super-* (em cima/acima do objeto (do lado de fora). Mas a configuração em 79 é estática *-essivo*, *superessivo*, enquanto em 80 há um movimento *-prolativo* (que se move através de), *superprolativo*.

79) *Ká'ég ũ vỹ ĩn kri krỹg he kỹ nĩ.*
 Arara algum MS.TÓP casa **em cima** parada então sentado
 “Tem uma arara parada em cima da casa” (elicitada)

80) *Róprág ag vỹ ka pě kri mũ*
 Formiga 3PL.M MS.TÓP galho **por cima** andar
 “As formigas estão passando por cima do galho” (elicitada)

Em 81, “A menina está brincando sentada na terra”, o agente da oração, além de estar sentado, também realiza uma ação nessa posição; nesse caso, a posposição empregada faz referência à circunstância de “em cima”, seria então a posição em que a criança está; assim, *em cima* (*super-*) e a orientação estática (*-essivo*), *superessivo*.

81) *Gĩr fi vỹ ga kri kanhir nĩ.*
 criança 3SG.F MS.TÓP terra **em cima** brincando ASP.sentado
 “A menina está brincando sentada na terra” (elicitada)

A outra posposição que indica a posição de estar em cima de algo (*super-*) é empregada nas orações 82 e 83, em ambas acompanhando o substantivo *ĩn*. Em 84, o sujeito está em movimento *-diretivo* (quando se move em direção a um ponto sem entrar em contato com ele); lembrando a proposta de Kracht (2002), seria um modo aproximado.

82) *Sěsĩ ũ vỹ ĩn krĩgmỹ tě ģ*
 Passarinho alguém MS.TÓP casa **em cima** voar HAB
 “Tem um passarinho voando em cima da casa.” (elicitada)

Em 83, a localização é em cima (*super-*) e a *configuração* é um movimento *-prolativo* (que se move através de); assim como em 80, tem-se um *superprolativo*.

- 83) *Ka pě ěn vỹ ĩn krĩgmỹ vyr huri*
 Galho aquele MS.TÓP casa **por cima** passar já
 “Aquele galho já passou por cima da casa” (elicitada)

Para designar a localização de estar “embaixo”, em posição “inferior”, a língua Kaingang emprega a posposição *krēm*.

Quadro 9: Posposição *embaixo*

krēm	embaixo
------	---------

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

Exemplos do emprego dessa posposição estão presentes de 84 a 88; em todos eles a localização *sub-* (embaixo/abaixo do objeto (do lado de fora)), concorda com o próprio significado da palavra. Especificamente em 84, 85, 86 e 87, a configuração dos agentes da oração é estática, *-essivo*, sendo, portanto, exemplos de locativo *subessivo*.

- 84) *Kã e vỹ rán krēm nỹťĩ*
 árvore muito MS.TÓP morro **embaixo** ASP.sentado+HAB
 “Tem muita árvore abaixo do morro” (elicitada)

- 85) *Gĩr fag vỹ kã mág krēm nỹťĩ.*
 Crianças 3PL.F MS.TÓP árvore grande **embaixo** ASP.deitado+HAB
 “As crianças estão embaixo da árvore grande.” (elicitada)

- 86) *Pũte krēm pỹn vỹ nã⁵¹.*
 ponte **embaixo** cobra MS.TÓP ASP.deitado
 “Tem uma cobra embaixo da ponte” (elicitada)

- 87) *Pó vỹ inh pẽn krēm nĩ.*
 Pedra IND.S 1SG.POSS pé **embaixo** ASP
 “A pedra está embaixo do meu pé” (elicitada)

⁵¹ Na TI Apucarantina, a variante *nỹ* tem sido escrita *nã* pelo fato de assim também estar sendo pronunciada pelos jovens adultos, jovens, adolescentes e crianças.

Já na oração 88, além da localização *sub-*, o agente da ação está em movimento, mas sem ter uma localização final desse movimento. Por isso, supõe-se que há uma configuração *-prolativo* (que se move através de).

88) *Pũte krēm fag pajëg.*

Ponte **embaixo** eles sair.PL

“Elas passaram por baixo da ponte.”

(elicitada)

Abaixo, passo a discutir acerca das posposições que fazem referência à posição de estar *na frente*, *à frente*. Por terem esse sentido, os exemplos têm a localização *ante-* (em frente do objeto).

Quadro 10: Posposições *antes*, *na frente*, *no outro lado*.

jãmĩ	na frente
jo	antes, na frente.
jy	antes, em frente, em redor, ao lado
kakãm	do outro lado do rio, do vale
kato	em frente de, no outro lado

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

Nos exemplos 89 e 90, a posposição empregada foi *jo*. A configuração no caso de 89 é complexa, pois há um ponto final que é a chegada da corrida, mas ele não é explícito na oração, e há também a comparação entre o posicionamento dos dois corredores (um deles, o enunciador, que é a configuração em relação ao qual se fala do referente); assim, por um lado, poderíamos pensar que quem chegou antes na corrida entrou em contato com o ponto de chegada, sendo, então, *-lativo: antelativo*; porém, tendo por base o enunciador, teríamos que admitir uma estatiticidade em relação à qual o outro corredor está (*-ante*), gerando assim uma situação *antessiva*.

89) *Inh kohina jo fi jun.*

Eu corrida **antes** 3SG.F chegou

“Ela chegou antes de mim na corrida.”

(elicitada)

Na oração 90, não há um movimento do objeto em relação à sua configuração, pois quem a realizará, neste caso, é o sujeito agente, que age em relação ao referente rio. Assim, por ser antes do rio, a configuração *ante-*, tendo

assim o objeto ficado em repouso (-essivo), gerando o caso semântico local *antessivo*.

- 90) *Ka krãkrã jé inh ke mũ, goj jo.*
 Árvore plantar.PL FUT 1SG FUT ir.PL rio **antes do**
 “Antes do rio vou plantar algumas árvores.” (elicitada)

Abaixo estão listados três exemplos que tiveram o emprego de *kato*. Em 91, tem-se um *-diretivo* (quando se move em direção a um ponto sem entrar em contato com ele), isso porque o ponto final é o campo, mas “as coisas” serão deixadas na frente dele; antediretivo, portanto.

Uma curiosidade é a presença dos verbos *krãkrã* e *mũ* em sua forma plural, mesmo estando o sujeito no singular. Trata-se de ações repetidas, já que cada muda é plantada individualmente (*krãkrã*), caracterizando, assim, a pluralidade da ação; a interpretação da colaboradora foi também de que o enunciador não plantará todas as mudas em uma só ida até o local, mas, sim, ele irá até lá várias vezes para plantar (*mũ*).

- 91) *Kÿpu kato nÿ ěg tÿ nén ti vin.*
 Campo **em frente ao** ASP.deitado 1PL MS.TÓP coisa 3SG.M colocar
 “Em frente ao campo vamos deixar nossas coisas” (elicitada)

Em 92, a configuração é *-essivo*, pois o objeto está estático. E em 93, assim como em 91, essa configuração é *-diretivo*.

- 92) *Inh ãn kato mã pěn vÿ jě.*
 1SG.POSS casa **na frente da** jabuticaba pé MS.TÓP ASP.em pé
 “Na frente da minha casa tem um pé de jabuticaba.” (elicitada)

- 93) *Escola kato hã ěg jagně vég e tĩ.*
 Escola **na frente da** igual nós um ao outro ver ind.a
 “Nós sempre nos encontramos na frente da escola” (elicitada)

Para as designações de *atrás* foram encontradas duas palavras descritas por Wiesemann, as quais ocorreram nos exemplos do *corpus*.

Quadro 11: Posposições *atrás*, *após*

nón	atrás
pãte	atrás, após

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

94) *Rán pãte Maria fi ãn vỹ jě.*
 Morro **atrás** Maria MF. casa MS.TÓP. ASP.em pé
 “Atrás do morro está a casa da Maria” (elicitada)

95) *Pã ãn pãte róprág vỹ e nĩ.*
pedra DEM. atrás formiga MS.TÓP. haver muito ASP.sentado
 “Atrás daquela pedra está cheio de formigas” (elicitada)

Nos exemplos 96 e 97, pedimos para que a participante traduzisse as frases que têm o mesmo enunciado em português, mas com sentidos diferentes. Em ambas as ocorrências a oração em Kaingang foi a mesma, mesmo que em 97 se queria uma ideia de *atrás* não especificamente locativo, mas em 98, sim, era uma ideia locativa. Optamos por manter a oração 97, a título de alerta a pesquisadores para evitar ao máximo o uso de expressões próprias de sua língua materna, que não sejam denotativamente empregadas para fins de elicitación, visto que tal expressão muito provavelmente não aconteça na língua-fim.

96) *Ã jóg nó n tĩg*
 Você pai **atrás** ir
 Vá atrás do seu pai! (para procurá-lo) (elicitada)

97) *Ã jóg nó n tĩg!*
 Você pai **atrás** ir
 Vá atrás do seu pai! (não vá na frente) (elicitada)

Os exemplos que designam a ideia “*Na direção de*” foram apresentados nas ocorrências de 98 a 100.

Quadro 12: Posposição *na direção de*

Ra	para, na direção de, apesar de.
To	em direção de.

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

Nos exemplos 98 e 99, há o emprego da posposição *ra*, ambos com o sentido de *para*. Nelas, a localização final é *in-* (dentro) e a configuração *-lativo* (quando o objeto se move até o ponto final e entra em contato com ele); *inlativo*, portanto.

98) *Kỹ inh ne ti mré tĩ mũ gé, inh titija fi ãn ra.*

Então 1SG. MS 3SG.M com ir ASP também, 1SG.POSS tia MF casa **para**

“Então fui com ele para a casa da minha tia...”

(Anexo 2)

99) *Êmã ã ra ti vyr.*

Moradia um outro **para** 3SG.M ir embora

“Ele se mudou para um outro lugar”

(elicitada)

No exemplo 100 houve duas ocorrências da palavra *ra*. Na primeira delas ele inicia a oração, não sendo, portanto, uma posposição, mas sim um advérbio de lugar (*lá*); já na segunda ele segue o pronome demonstrativo.

100) *Ra inh tĩ tĩ, João ãn jẽ ên ra*

lá eu ir HAB João casa ASP.em pé DEM **para**

“Sempre vou lá onde fica a casa do João”

(elicitada)

Em apenas um exemplo (oração 101) ocorreu o emprego da posposição *to*, com sentido de *em direção de*, seguindo um substantivo e encerrando a oração. Nele não há uma localização explícita quanto à tradução para a língua portuguesa, mas para o Kaingang, admite-se que o campeonato é um lugar. Assim, pode-se dizer que ela é *apud-* (próximo do objeto) e a configuração *-terminativo* (quando o objeto se move até o ponto final e quase entra em contato com ele).

101) *Kỹ êg tóg, samano ên kã,*

Então 1PL MS sábado DEM **dentro**

mora he jé kãmũjẽg gé mÿr, kÿpeonãto to.

bola jogar para chegar.PL também certamente campeonato **em direção de**

“Então, naquele sábado, viemos para jogar bola, no campeonato”

(Anexo 5)

A posposição *rã* faz referência a duas ideias, *de perto* e *por baixo de*, mas no *corpus* desta pesquisa ela só ocorreu com o primeiro sentido e está apresentada nos exemplos de 102 a 104.

Quadro 13: Posposições *perto*, *por baixo de*

Rã	perto, por baixo de.
----	----------------------

Fonte: Baseada em Wiesemann (2011).

Em todas as ocorrências, o emprego dela seguiu o substantivo; nelas, a localização é *apud-* (próximo do objeto). A configuração em 102 aparenta ser *-elativo* (o objeto se move para fora), pois as crianças estão mais afastadas, saindo da casa; *apudelativo*, portanto. Em 103, é *-terminativo* (quando o objeto se move até o ponto final e quase entra em contato com ele), admitindo que ele “quase entra” em contato devido ao emprego do intensificador “bem”; *apud-terminativo*, portanto. Por último, em 104, não há uma configuração que remete à ação, por isso *-essivo* (mesmo sentido de estático, em repouso); *apudessivo*, portanto.

102) *Gĩr fag vỹ ĩn rã kanhinhir tũ nĩ.*
 Crianças 3PL.F MS.TÓP casa **perto** brincam não ASP.sentado
 “As crianças não brincam perto da casa” (elicitada)

103) *Inh ĩn rã hã ti jẽ ti.*
 Eu casa **perto de** INTENS 3SG.M estar em pé ele
 “Ele estava bem **perto** da minha casa” (elicitada)

104) *Goj rã hã ěg ěmã nỹĩ.*
 Rio **perto de** INTENS 1PL morar ASP.sentado+HAB
 “Moramos **perto** do rio” (elicitada)

Em 104, ocorreu o único emprego coletado com a expressão *pénĩn*, que carrega o significado de *em torno de*, *em redor*. Seguindo as ideias de Kracht (2006), a localização, nesse exemplo, é *ad-* (ao lado do objeto (do lado de fora)) e a configuração *-essivo* (mesmo sentido de estático, em repouso); *adessivo*, portanto.

105) *Pěngre fag vỹ ãn pėnĩn nỹtĩg tĩ.*
 Galinha MF.PL MS.TÓP casa **ao redor** existir.PL HAB

“As galinhas ficam ao redor da casa” (elicitada)

Viu-se no momento em que foram abordados os advérbios com sentido de localização que os empregos listados por Wiesemann (2011) para designar *lá* não foram recorrentes no *corpus* coletado para esta pesquisa. Todavia, enquanto posposição, a palavra Kaingang *tá* foi recorrente.

Nos exemplos 106, 107 e 108, a posposição segue os pronomes. Na oração 106, a localização a que a posposição faz referência é dentro *-in* e a configuração é estática, *-inessiva*.

106) *Maria fi vỹ ěn tá ěmã jě.*
 Maria MF MS.TÓP DEM **lá** mora ASP.em pé

“Maria mora pra lá.” (elicitada)

Já, nos exemplos 107 e 109, primeiro a localização é próxima do objeto, *apud-* e a localização *-diretivo*. Depois, em 107, pode-se compreender que o agente está entre dois objetos, *inter-* e a localização *-terminativo* (quando o objeto se move até o ponto final e quase entra em contato com ele).

107) *Ů nỹ ěn tá kãtĩ?*
 Quem MS.PERG PRON.DEM **lá** vir

“Quem está vindo lá?” (elicitada)

108) *Ã nỹ fi rã jěnh tĩg.*
 2SG mãe MF **lá** estar em pé.FUT ir

“Vá lá ficar com sua mãe” (elicitada)

Em 109, ao pedir para a participante que traduziu a sentença “Ele mora lá longe”, ressaltamos que nesse momento esperávamos uma afirmação que fizesse referência à ideia de “mais longe que”. E em 110, ao falar da escola, ressaltamos que “essa escola é longe”. Em ambas as ocorrências, o emprego do *tá* não foi diferente e seguiu como uma posposição. Neles a localização é *in-* (dentro do

objeto) e, como não há uma ação do objeto, ele está estático, -*essivo*.

109) *Tūgja tá ti ěmã jě.*

Longe **lá** 3SG mora ASP

“Ele mora lá longe”

(elicitada)

110) *Escola tá aluno ag vỹ e nĩ.*

Escola **lá** aluno 3PL MS.TÓP haver muito ASP.sentado

“Lá na escola tem bastantes alunos”

(elicitada)

Na oração 111, o emprego da expressão *tã tá*, como expressão adverbial, delimitou a localização específica do que está longe, em que se pode ver uma a localização *in-* (dentro do objeto), e estático, -*inessivo*.

111) *jãvo ěg tóg tã tá vānh kāmĩ*

mas 1PL MS.AG **lá longe (localizado)** mato por dentro

mũg tĩ vě mỹr

fazendo HAB ASP.ERG verdade

“Vivemos sempre lá no mato”

(Anexo 1)

Ao longo das análises do *corpus* um exemplo com o emprego da palavra *kãtá* ocorreu não como um advérbio, mas em local de posposição.

112) *Ěn kãtá hã ag ěmān mũnh ke mũ*

DEM **onde** igual 3PL morar ir.FUT FUT ASP

“Eles vão se mudar para mais longe”

(elicitada)

Assim, pode-se ver que há uma modificação do emprego dos elementos adverbiais para posposição como uma hipótese recorrente nas questões de referência à localização no Kaingang falado na TI Apucarantina. Tal ideia pode ser mais bem analisada e explorada em trabalhos futuros.

Antes de encerrar a discussão, apresento alguns exemplos que foram coletados para o artigo “A locatividade em *Brilhos na floresta*” (SILVEIRA *et al.*, 2021, no prelo). Esses exemplos de posposições locativas demonstraram

distinção em seu emprego com relação à concordância de gênero com as metades clônicas Kaingang, designadas *Kamě* (*comprido*) e *Kanhru* (*redondo*).

Um desses exemplos é o uso do *kāki*, na oração 113. “No sintagma nominal *fi rene kāki*, há uma concordância entre a posposição *kāki* e o elemento a que ela se refere: *rene* (rede)”, isso porque uma rede fica com formato comprido quando há alguém deitado esticado nela, então é um elemento relacionado à metade *Kamě*.

113) *fi rene kāki*
 3sg.poss rede dentro.de (composto de *kā+ki*)
 “na rede dela” (SILVEIRA *et al.*, 2021, no prelo)

Já, na oração 114, a posposição *kāki* se relaciona ao elemento *Kamě* de uma outra forma, só conhecida por causa das análises desse *corpus*, pela explicação pessoal dada por Felisbino: a posposição *kāki* concorda com o sujeito plural (coletivo) da oração, que são os cogumelos bioluminescentes.

114) *isóg kamrĩ tỹ grug tĩ ve vé (mijorumĩnĩsēte) Brasil kāki*
 1SG.MS cogumelo que brilhar HAB primeiro ver (bioluminescente) Brasil dentro.kamě
 “encontrei a primeira espécie de cogumelo que emite luz (bioluminescente)
 no Brasil” (SILVEIRA *et al.*, 2021, no prelo)

O exemplo 115 fica mais fácil de compreender com o cotejamento de duas orações, uma com sujeito no singular e outra com sujeito no plural, apresentadas nas orações 115 e 116.

115) *Brasil kāki ěg nỹtĩ*
 Brasil dentro.kamě 1PL nỹ+tĩ.(ASP.+ASP.)
 Brasil dentro.de.PL 1PL estar.sentado+HAB.PL
 “Nós estamos no Brasil” (SILVEIRA *et al.*, 2021, no prelo)

116) *Brasil kākā inh jě*
 Brasil dentro.kanhru 1SG ASP (estar.em.pé.SG)
 “Estou no Brasil” (SILVEIRA *et al.*, 2021, no prelo)

Quadro 14: Traços das posposições que indicam localização dos seres no espaço em Kaingang

	Posposição	Localização dos seres no espaço				
		movimento	plural	distante	animado	localizado
1	jagma	+	-	-	+	+
2	jo	+/-		+/-		+
3	kato	-	-	+	-	-
4	kākā	-	+/-	-	+/-	+
5	kāki	+	-	-	+/-	+
6	kāmĩ	-	+	-		+
7	kāra	+	+/-	-	+	+
8	kātá	+	+/-	+	+	-
9	ki	+	+/-	-	+	+
10	krēm	+/-	+/-	-	+/-	+
11	kri	+/-	+/-	-	+/-	+
12	krĩgmỹ	+	-	+/-	+	+
13	mĩ	+	+/-	-	+	+
15	nón	+	-	+	+	-
16	pāte	-	+/-	-	+	+
17	pénĩn	+/-	+	-	+	+
18	ra	+	+/-	-	+	+
19	rā	+	+/-	-	+	+
20	tá	+	+/-	+	+/-	-
21	to	+	-	+	+	-

Fonte: A autora.

Algumas das atribuições de traços foram mais fáceis de serem delimitadas para as posposições, mas em outros casos viu-se que os elementos atendiam em maior e menor grau ao traço.

Diante dos dados apresentados e da relação que algumas das posposições têm com as metades clônicas *kamẽ* e *kanhru*, essa é uma questão que será explorada em futuros estudos.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo desta dissertação sobre o emprego das expressões locativas na língua Kaingang falada na TI Apucarantina foram discutidas algumas ideias que cercam a língua culturalmente e refletem no seu uso.

Considerações sobre aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos foram apresentadas para que se pudesse chegar a uma compreensão acerca do emprego de verbos, advérbios e posposições na composição de expressões referentes à locatividade no Kaingang da TI Apucarantina, dialeto Paraná.

Buscou-se, com a pesquisa realizada, compreender como a língua Kaingang falada na TI Apucarantina faz referência às ideias de localização; devido à brevidade do trabalho, foi dado um foco maior aos advérbios e às posposições, que se mostraram relevantes para a ideia de localização. Foi realizada uma comparação com a menção de Wiesemann (2011) aos Circunstanciais e aos Indicadores de Circunstâncias, aqui compreendidos como posposições e advérbios, que, com base em dados extraídos da obra de Wiesemann (2011), somam 57 termos diferentes.

Levando em consideração o importante trabalho realizado pela linguista Ursula Wiesemann, pude perceber como algumas expressões deixaram de ser utilizadas ou foram adaptadas morfológicamente, como no caso dos advérbios referentes à palavra “dentro”, que se distinguem pelo emprego muito específico a depender do contexto da oração. Outros aparentam estar em desuso pelos falantes da TI Apucarantina, em relação ao que foi descrito por Wiesemann (2011), pois não ocorreram em nenhuma das sentenças coletadas nos dados dessa pesquisa, que além de narrativas são compostos por elicitções.

Esse desuso ressaltou que os falantes dessa TI podem estar em uma tendência de “economia” de palavras, visto que empregos que foram descritos de diferentes maneiras pela linguista se mostraram unidos em apenas uma expressão.

Ressalta-se também, como se pôde ver, que as questões culturais do povo influenciam claramente no emprego das palavras em algumas ideias específicas, como no emprego do verbo *carregar*. Assim, a relação entre o que é dito e o

contexto é de fundamental importância para a análise de algumas orações do texto. Essa ideia também foi apresentada no artigo mencionado ao longo do texto “A locatividade em *Brilhos na Floresta*” (SILVEIRA *et al.*, 2021, no prelo), em que se mostraram distintos os empregos de posposições em concordância com o gênero, *Kamě* e *Kanhru*.

Ademais, também é importante destacar o caráter descritivo da língua no sentido de explicar elementos mais específicos para o leitor, de modo que ele possa imaginar o que está acontecendo sem ver a cena, assim como acontece em um relato do dia a dia, por exemplo, em que as histórias contadas precisam, necessariamente, descrever a maior quantidade de aspectos possíveis, tanto para a compreensão da narração quanto para a fidedignidade da comunicação. Em Kaingang parece haver mais riqueza de detalhes em comparação com a língua portuguesa, que não se apresenta tão descritiva assim, pelo menos em relação aos detalhes da localização e posição do sujeito na oração.

Foram recorrentes casos de palavras descritas por Wiesemann com características de advérbios, mas que funcionaram como posposições locativas.

Portanto, este é um trabalho inicial acerca da descrição das expressões locativas na língua Kaingang e não teve a pretensão de esgotar tal discussão, mas abrir um leque de pontos que ainda carecem de investigação mais específica.

Kỹ hã vễ!
Então é isso!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jéssica Brandet. **Verbos copulativos em Kaingang**: um estudo na TI Apucarantina. 2021. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.
- BIGOT, Margot. **Apuntes de lingüística antropológica**. Centro Interdisciplinario de Ciencias Etnolingüísticas y Antropológico-sociales, 2010. Cap. 7, p. 143-452.
- CABRAL, Ana Suelly Arruda; MIRANDA, Maxwell Gomes; GAKRAN, Nanblá. Verbos posicionais em línguas da família Jê (tronco Macro-Jê). **Polifonia**, v. 25, n. 38.1, p. 13-38, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7269/pdf>. Acesso em: 23 ago. 2019.
- CANÇADO, Márcia. Argumentos: complementos e adjuntos. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 53, n. 1, p. 35-59, 2009.
- CRYSTAL, David. **A dictionary of Linguistics and Phonetics**. 6th ed. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2008.
- CORRÊA, Rosimeire; CANÇADO, Márcia. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático semântica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 371-404, 2006.
- COPEL. Companhia Paranaense de Energia Elétrica. **Usina Apucarantina**. Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.copel.com/hpcopel/root/nivel2.jsp?endereco=%2Fhpcopel%2Froot%2Fpagcopel2.nsf%2F044b34faa7cc1143032570bd0059aa29%2F90abd1ca771741e603257412004eb700>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. **LIAMES**, v. 4, p. 71-81, Primavera 2004.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Gênero em Kaingang? *In*: SANTOS, Ludoviko Carnascialli dos; PONTES, Ismael (org.). **Línguas Jê**: estudos vários. Londrina: Eduel, 2002. p. 215-242.
- DIK, Simon C. **The Theory of Functional Grammar** – Part 1: The Structure of the Clause. 2nd revised ed. Edited by Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIXON, Robert Malcolm Ward. Linguística de campo: um pequeno manual. Tradução de Marcelo Silveira, Luana Costa e Isabella Ferro. **Sprachtypologie und Universalienforschung (STUF)**, Berlin, v. 60, n. 1, 12-31, 2007 (não publicado em português).

DOMINGUES, G. **Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

DUARTE, Fábio Bonfim. Caso, função sintática e papéis temáticos. **Revista Duc In Altum**, Muriaé, v. 3, p. 22-31, 2006.

FERREIRA-SILVA, Marília de Nazaré. Descrição da incorporação nominal em Parkatêjê. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 81-90, 2011. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/767/803>. Acesso em: 05 fev. 2020.

FLEISCHMANN, Isabela. **Terrae Brasilis** – os primeiros da terra. Londrina: Folha de Londrina, 11 maio 2019. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/transmidia/terrae-brasilis---os-primeiros-da-terra-2952277e.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. 2. ed. revista. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GLEASON JR., Henry Allan. **Introdução à Lingüística Descritiva**. Tradução de João Pinguelo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

GONÇALVES, Solange Aparecida. **Tempo, aspecto e modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê)**. 2011. 294 p. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268993>. Acesso em: 19 ago. 2019.

GUERRA, Maria José; SILVEIRA, Marcelo. Reflexões sobre modelos teóricos e descrição das Línguas Macro-Jê - aspectos epistemológicos e gramaticais. *In*: SILVEIRA, Marcelo; GUERRA, Maria José; SANTOS, Ludoviko C. dos. (org.). **Macro-Jê: língua, cultura e reflexões**. 1ed.Londrina: Eduel, 2020, v.1 , p. 283-312.

HASPELMATH, Martin. Terminology of case. *In*: MALCHUKOV, Andrej; SPENCER, Andrew (ed.). **The Oxford Handbook of Case**. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 505-517.

ILARI, Rodolfo. A categoria advérbio na gramática do português falado. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 51, n. 1, p. 151-174, 2007.

ISHIKAWA, Noemia Kazue; IKEDA, Takehide; BANIWA, Aldevan; BRUNO, Ana Carla. **Brilhos na Floresta**. Manaus: INPA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.inpa.gov.br/handle/1/4659>. Acesso em: 19 jun. 2020.

ISHIKAWA, Noemia Kazue; IKEDA, Takehide; BANIWA, Aldevan; BRUNO, Ana Carla. **Vãnh kãmĩ grugru**. Tradução: Damaris Kanĩnsãnh Felisbino. Manaus:

INPA, 2020. Disponível em: http://etnolinguitica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aishikawa-2020-vanh/Ishikawa_2020_Vanh_Kami_Grugru.pdf. Acesso em: 7 jan. 2021. 20 jun. 2020.

KRACHT, Marcus. On the semantics of locatives. **Linguistics and philosophy**, v. 25, n. 2, p. 157-232, 2002.

MALCHUKOV, Andrej; SPENCER, Andrew. Introduction. *In*: MALCHUKOV, Andrej; SPENCER, Andrew (ed.). **The Oxford Handbook of Case**. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 1-10.

MEL'ČUK, Igor. **Aspects of the Theory of Morphology**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 09 jun. 2020.

NOGUEIRA, Raquel Marcondes. **Valores e funções dos advérbios locativos no português popular brasileiro**. 2007. Dissertação (Mestrado em . Universidade de São Paulo, 2007.

MIRANDA, Maxwell Gomes. **Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (família Jê, tronco Macro-Jê)**. 2014. 328 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17796/1/2014_MaxwellGomesMiranda.pdf. Acesso em: 06 fev. 2020.

MOTA, Lúcio Tadeu. A denominação Kaingang na literatura antropológica, histórica e linguística in TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004. p. 3-16

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico Nascentes**. Rio de Janeiro. 1955. p. 303.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo**: Sobre os kaingang, os ofaié-xavante e os índios do Pará. Organização e apresentação: Marco Antonio Gonçalves. Campinas: Unicamp, 1993.

NOGUEIRA, Raquel Marcondes. **Valores e funções dos advérbios locativos no português popular brasileiro**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2007.

PAYNE, Thomas Edward. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge University Press, 1997.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 338-342.

PITTNER, Karin; ELSNER, Daniela; BARTELD, Fabian (Ed.). *Adverbs: Functional and diachronic aspects*. John Benjamins Publishing Company, 2015.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993b.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **Ciência Hoje**, v. 16, n. 95, p. 20-26, 1993a.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. *In*: DIXON, Robert Malcolm Ward; AIKHENVALD, Alexandra (ed.). **The Amazonian Languages**. Cambridge University Press, 1999. p. 164-206.

RODRIGUES, Roana. **Análise contrastiva dos verbos locativos do português do Brasil e do português europeu**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2016.

SILVEIRA, Marcelo; FELISBINO, Damaris Kanĩnsãnh; FERRO, Isabella Medeiros; COSTA, Luana Camila. A locatividade em *Brilhos na Floresta*. *In*: ALTINO, Fabiane Cristina *et al.* *Homenagem aos 20 anos do PPGEL*. Londrina, 2021 (no prelo).

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo. **Veredas Atemática**, p. 19-35, 2012. Acesso em: 16 jun. 2020.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. *In*: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 87-102.

ANEXOS – Narrações de experiências pessoais (junho de 2019)

Anexo 1 – K67⁵²

Kófa fi⁵³, 67 anos, Ensino Fundamental I completo.

Ĕn kã ijóg tóg inh mÿ...

DEM dentro 1SG.POSS.pai MS.AG 1SG para

“Meu pai me dizia que naquele”

Kã ěg tóg sir vãnh kãmĩ nũgtĩ vĕ mÿr.

também 1PL MS.AG então mato por dentro fazendo HAB verdade

“Vivíamos sempre no mato”

Hãra ěg tóg sir kejĕn, sir tag mĩ

“Mas 1PL MS.AG então um dia então DEM dentro(se movendo)”

“mas um dia”

fóg ag ki kanhrãnrãn mÿr sir.

branco M.PL em conhecer.PL verdade então

“conhecemos os brancos.”

Kÿ ěg tóg sir

Então 1PL MS.AG então

“Então nós...”

Kÿ tag hã tóg sir ěg kanhrãnrãn mũ mÿr,

Então DEM igual MS.AG então 1PL ensinar.PL ASP verdade

“Então nós com isso aprendemos”

kÿ ěg tóg sir tag ti mũ mũ

Então 1PL MS.AG então DEM 3SG ir.PL ASP

“e por isso vivemos aqui”

⁵² As gravações constantes nesta seção foram realizadas em junho de 2019.

Os colaboradores participantes foram identificados por meio da letra “K” seguido de sua idade.

⁵³ *Kófa* é traduzido por *velho*, mas sem a conotação negativa que tem em português; ao contrário, é usado com afetividade. *Fi* é marcador de gênero feminino. Assim, *kófa fi* se trata de uma idosa.

jāvo jā ěg tóg tā tá vānh kāmī mŭg tī vē mŷr
 mas mas 1PL MS.AG lá longe mato por dentro fazer HAB ASP.ERG verdade
 “Vivemos sempre lá no mato”

Vāfy hā to jĕg mŭ ěn mŷr,
 Artesanato de sobreviver ASP DEM.ANAF verdade
 “sobrevivíamos com a venda de artesanatos”

ěg pijé fóg ag mŷ rānrāj mŭ mŷr.
 1PL de jeito nenhum branco M.PL para trabalhar ASP verdade
 “não trabalhávamos para os brancos”

Kŷ ěg tóg sir ěpŷ kŷ ekrān, kŷ tóg sir hā han,
 Então 1PL MS então roça então plantarentão MS então igual fazer
 “Então nós fazíamos roça e plantávamos,”

kŷ ěg tóg sir hā ko mŭgtī mŷr.
 então 1PL MS então igual comer ASP.HAB verdade
 “sobrevivíamos daquilo.”

Kŷ ěg tóg sir, ěg tŷ nén tag ti jĕ'ŷnŷn,
 Então 1PL MS então 1PL MS coisa DEM. 3SG.M criar.PL
 “Fazíamos cria dessas coisas”

garīnh, poroko jĕ'ŷn kŷ konh mŭ mŷr.
 galinha porco criar então comer.FUT ASP verdade
 “galinhas, porcos, com isso fazíamos a banha e comíamos.”

Kar kŷ ěg tóg sir vāfy kŷ, vāfyn vēne henh mŭ mŷr.
 Depois 1PL MS então artesanato então artesanato.PL vender.FUT ASP verdade
 “Depois fazíamos artesanatos e saíamos para vender,”

Kŷ ěg tóg vāhā sir kafén génh mŭ mŷr sir vāhā
 Então 1PL MS finalmente então café levar.FUT ASP verdade então finalmente
 “com isso comprávamos café”.

Isŷ sī jĕ mŭ kā nŷ.
 1SG.MS pequeno ASP ASP naquele momento
 “Na minha infância”

Javõ tóg sir ěg... vānh kāmĩ mũ kỹ
 mas MS então 1PL mato dentro ASP então
 “vivíamos no mato”

ěg tóg sir tá nén ů, nén konh mũ mỹr,
 nós MS então lá coisas coisas comer.FUT ASP verdade
 “nos alimentávamos dessas coisas”

nén nĩ tag ti mỹr, sēsĩ mỹr.
 coisas carne DEM 3SG verdade passarinhos verdade
 “carnes de aves.”

Kejĕn tóg sir ěg mỹ:
 às vezes ANÁF então 1PL para
 “Às vezes, ele dizia:”

“Ajag mỹ inh ěkrénh tĩg mũ ha”, henh mũ mỹr.
 2PL para 1SG caçar ir ASP agora dizer.FUT ASP verdade
 “‘Vou sair para caçar para vocês’, dizia.”

Tānh kỹ vakātĩ henh mũ...
 Matar então trazer ASP.FUT ASP
 “Ele matava e trazia”

ěg tỹ kāsir nỹtĩ mũ ti kã rỹ.
 1PL MS pequena existir ASP 3SG naquele momento
 “isso quando eu era pequena.”

Anexo 2 – K19

Jovem, masculino, 19 anos, Ensino Médio em curso

K19

Samano kã ag tóg inh mý: “mora hé jé” he mũ.

Sábado dentro 3PL MS 1SG para bola jogar IMP dizer ASP

“Naquele sábado eles me disseram: ‘vamos jogar bola’”

Kỹ isóg... Inhĩmĩ tágtũ ag tóg inh mý ke vě,

então 1SG.MS times três 3PL MS 1PL para dizer ASP

“Então eu...três times tinham me dito”

hára isóg sir Chelsea ag mré inh kenh ke mũ, hẽ mũ.

mas 1SG.MS daí Chelsea M.PL com 1SG fazer.FUT ASP dizer ASP

“mas eu disse que iria jogar com o Chelsea”

Kỹ kusãg ki, inh tivo vỹ iso RG kanẽnh jé tĩg,

Então manhã em 1SG.POSS tio MS 1SG.para RG procurar para ir

“Então de manhã o meu tio foi procurar meu RG para mim,”

kỹ isóg sir kanẽ kỹ ti mý ním mũ.

Então 1SG.MS daí procurar então 3SG para dar ASP

“então eu procurei e entreguei para ele”

Kỹ inh ne ti mré tĩ mũ gé, inh titija fi ãn ra.

Então 1SG MS ele com ir ASP também, 1SG titia F.SG casa para

“Então fui com ele para a casa da minha tia...”

Kỹ ti ne sir inh mý:

Então 3SG.M MS daí dizer para

“Então ele disse para mim:”

“ũn tỹtá fag tỹ mora he venh mũ jé”, he mũ.

meninas F.PL MS bola jogar ver.FUT ir.PL FUT dizer ASP

“Vamos descer para assistir ao jogo das meninas”

Samano ěn kã mÿr.

Sábado aquele em certamente

“Certamente naquele sábado.”

Kÿ ěg tóg sir ra mũ mũ.

Então 1PL MS daí para ir.PL ASP

“Então descemos para lá”

Hãra tóg krũjũ tóg, tÿ 10 óra ra.

Mas MS cerração MS EXIS 10 horas para

“Mas tinha cerração, às 10 horas.”

Kÿ ěg ne sir ra re mũ, kÿpu ra.

então 1PL MS daí para sair ir campo para

Então descemos para lá, para o campo.

Kÿ ěg ne tá fag vë sÿ han...

Então 1PL MS lá 3PL.F ver um pouco fazer

“Então nós assistimos um pouco elas”

Hã kÿ ti ne inh mÿ:

Igual então 3SG.M MS 1SG para

“Por isso que ele me perguntou:”

“ã mÿ ěg hã mré kenh ke mũ?”, he mũ he vë, Luÿ,

2SG INT 1PL igual com jogar FUT ASP dizer ASP dizer ASP Luan

“você vai jogar com nós?” ele disse, o Luan.”

Hãra isóg tagki, inh Chelsea ag mré kenh ke mũ ver...

Mas 1SG.MS este-em 1SG Chelsea M.PL com jogar FUT ASP ainda

“Mas eu nele, eu vou jogar com o [neste] Chelsea ainda...”

Ag mré inh ki rãnh ke mũ”, he inh.

3PL.M com 1SG por dentro entrar FUT ASP dizer 1SG

“vou entrar com eles, disse isso”

Kÿ inh hë nẽ ri ke gé rÿ vá... kÿ inh sir kãfÿg.

Então 1SG também ASP igual também ANAF homem.VOC então 1SG daí voltar

“Então, o que eu fiz também, cara? Então, eu voltei”

Kỹ inh TV ki mrasiv ag tỹ mora he vég nĩgtĩ gé sir.
 Então 1SG TV em Brasil M.PL MS bola dizer ver.FUT ASP.HAB também daí
 “Então também fiquei assistindo o Brasil jogando na TV.”

K23

“samano ki mẽ?”
 sábado em INT
 “no sábado, né?”

K19

“hỹ’ỹ... Kusāg ki ũn tỹtá fag vỹ ke nỹtĩ fag mỹr.”
 Sim cedo em menina F.SG MS dizer ASP 3PL.F verdade
 “Sim, as meninas estavam jogando cedo, elas disseram.”

K28

“Nomĩgo tũ mỹ?”
 Domingo não INT
 “não era domingo?”

K34

Nomĩgo ki ke vễ mỹr.
 Domingo em certamente
 “verdade, foi no domingo.”

K23

Nomĩgo vễ mỹr.
 Domingo certamente
 “verdade, domingo.”

K19

Nomĩgo kã ke mỹ hãmẽ.
 Domingo certamente
 “verdade, foi no domingo.”

K34*hỹ'y*

sim

“sim.”

K19*kỹ inh ne sir fag vég nĩ nĩ.*

Então 1SG MS daí 3PL.F assistir ASP ASP

“então, estava assistindo elas,”

K19*He mũ ra sir ge ra ijỹ fag tóg:*

Dizer ASP lá daí também LOC 1SG.POSS. 3PL.F MS

“mas, mais ou menos assim meus pais [casal] disseram”

“Sãru ra ag mré moro konh mũ jé”, he mũ.

Salão lá 3PL.M com bolo comer ir.FUT dizer ASP

“vamos para o salão, comer bolo com eles’, disse”

Kỹ hỹn ge ra sir hẽn ri ke mũn.

Então provavelmente mesmo assim talvez

“Então, era mais ou menos nesse mesmo horário.”

Kỹ hã vễ ha.”

então igual ASP agora

“Então, é isso.”

Anexo 3 – K34

Jovem, masculino, cerca de 34 anos, Ensino Médio completo

Vāsý ěg tóg mŭn e tĩ,
Faz tempo 1PL MS mover muito ASP.HAB
“Faz muito tempo, nós andávamos”

ón kŷ, tag mĩ ěprŷ jagma, kygrŭ ag.
à toa DEM por estrada indo (ao longo de) jovem M.PL
“pela estrada, os jovens.”

Hāra ěg tóg kejĕn jykřén mŭ sir, escola tá,
Mas 1PL MS às vezes pensar ASP então escola lá
“Mas um dia pensamos, na escola,”

tā tá křĩ tá escola jĕ ěn.
lá longe em cima lá escola ASP DEM
“naquela escola que fica lá em cima.”

Kŷ ěg tóg sir nĩgnĩ kŷ vĕmén kŷ ěg tóg
então 1PL MS então sentar então falar então 1PL MS
“Então sentamos e conversamos e dissemos:

“mŭ nŷ tŷgtŷnh jé, tŷgtŷnh jé” he ěg tóg.
Vamos.PL cantar.PL FUT. cantar FUT. dizer nós MS
“‘vamos cantar, cantar’, dissemos.”

Kŷ ěg tóg sir aluno ag mré vĕmén kŷ sir
então 1PL MS então aluno 3PL.M com falar então assim
“Então conversamos com os alunos e falamos para eles”

“mŭ nŷ tag han jé”
vamos DEM fazer FUT
“vamos fazer isso”

kŷ ěg tóg sir ag vinvin mŭ sir.
Então 1PL MS assim 3PL.M colocar.PL começar a.PL assim
“então começamos a colocar eles.”

Kỹ ěg tóg sir týtýtñh ke to věnh jykrén mũ,
 Então 1PL MS então fazer rituais.PL FUT. em si mesmo pensar começar a
 “Então começamos a pensar em fazer rituais,”

kỹ ěg tóg sir kejěn festa do pãri to věnh jykrén mũ gé sir,
 Então 1PL MS então às vezes festa pãri em si mesmo pensar começar a também assim
 “também pensamos em fazer a festa do pãri,”

kỹ ěg tóg sir, han mũ sir.
 Então 1PL MS assim fazer ir.PL assim
 “e então fizemos.”

Tag ti vỹ tóg tỹ 2013 kã ke nĩ, 2012 kã ag tóg começan.
 DEM M.SG MS ANÁF em 2013 em fazer ASP 2012 dentro 3PL.M MS começamos
 “Isto foi em 2013, começaram em 2012.”

Kỹ ěg tóg sir 2013 kã ěg tóg sir vin há han mũ sir.
 Então 1PL MS assim 2013 em 1PL MS assim colocar bem fazer ir.PL assim
 Então em 2013 nós nos formamos.

Kỹ ěg tóg vãhã sir tag tá, kãgnó tá,
 Então 1PL MS finalmente então DEM lá baixada lá
 “Então fizemos lá, lá embaixo,”

Tibagi tá sir festa do pãri han jé re mũ sir.
 Tibagi lá assim festa pãri fazer para descemos ir.PL então
 “no Tibaji, descemos para fazer a festa do pãri.”

Kỹ ěg tóg sir grupo han mũ mỹr sir,
 Então 1PL MS então grupo fazer ir.PL verdade assim
 “Então fizemos o grupo,”

kỹ ěg tóg sir tá han há han mũ,
 então 1PL MS assim lá fazer bem fazer ASP
 “então lá arrumamos bem,”

ěg tỹ tá festa do pãri han ken kỹ.
 1PL MS lá festa pãri fazer fazer.FUT
 “para fazer a festa do pãri por lá.”

Kỹ ẽg tóg sir ra re mũ sir, aluno ag,
 Então 1PL MS assim para descer ASP assim aluno 3PL.M
 “Então descemos os alunos,”

aluno ag tóg sir ra re mũ mỷr sir.
 Aluno 3PL.M MS assim para descer ASP verdade assim
 “os alunos desceram.”

Kỹ ẽg tóg sir tá tỹgtỹnh mũ sir,
 Então 1PL MS assim lá fazer rituais.PL ASP assim
 “Então fazemos o ritual,”

kỹ ẽg tóg sir tỹgtỹnh mũ,
 então 1PL ms assim fazer rituais.PL ASP
 “então fizemos o ritual,”

kỹ ẽg tóg sir ẽg jẽn pẽ ko mũ sir.
 então 1PL MS assim 1PL comer muito comer ASP assim
 “então comemos as nossas comidas.”

Kỹ ẽg tóg sir vễjẽn pẽ hynhan tĩ gé,
 Então 1PL MS assim comida muito fazer.PL HAB também
 “Então fazemos as nossas comidas também,”

kanhgág ag jẽn mỷr...
 Kaingang 3PL.M comer verdade
 “as comidas dos Kaingang”

ẽgóro, ẽmĩ kar kỹ sir
 verdura do mato pão de milho depois assim
 “Êgóro, ẽmĩ e também”

vãhã vãnh kãmĩ misu tag ag ko ẽg tóg mũ hamẽ sir
 agora mato em bicho DEM 3PL.M comer 1PL MS ASP então assim
 “comemos esses bichos que existem no mato...”

tatu mỷr kar kỹ ógsã ag.
 tatu verdade depois cateto 3PL.M
 “Tatu e também catetos.”

Kỹ ãg tóg sir tá festa tag ti han sir,
 Então 1PL MS assim lá festa DEM 3SG.M fazer assim
 “Então lá fizemos a festa,”

kỹ ãg tóg sir kurã ù nĩm
 Então 1PL MS assim um dia deixar.KAMĚ
 “então deixamos um dia”

kỹ ãg tóg sir tá pãri sãg mũ gé sir
 então 1PL MS assim lá pari colocar ASP também assim
 “para também colocar o pãri.”

Kỹ ãg tóg sir tỹgtỹnh mũ sir.
 Então 1PL MS assim fazer rituais.PL ASP assim
 “Então fizemos o ritual.”

Kỹ ãg tóg sir tá semỹnỹ han mũ hamě sir,
 Então 1PL MS assim lá semana fazer ASP escuta assim
 “Então fizemos uma semana por lá,”

tá mũ ki, festa do pãri han mũ ki hamě,
 lá fazendo por dentro festa do pari fazer ASP em escuta
 “fazendo a festa do pãri,”

tag ti vỹ tóg tỹ 2013 kã ke nĩ.
 DEM 3SG.M MS ANÁF 2013 em fazer ASP
 “isto foi em 2013.”

Hã ki ãg tóg sir kejẽn jãpryějg hamě sir,
 igual em 1PL MS então às vezes subir.PL escuta assim
 “Foi nisso que um dia subimos,”

kỹ ãg tóg “ge nỹ mũ há” he mũ
 então 1PL MS continuar fazendo ir.PL bem dizer ASP
 “então dissemos: ‘vamos continuar’ dissemos.”

kỹ ãg tóg sir tãmĩ evento mũ mũg tĩ hamě sir.
 então 1PL MS assim lá longe evento para ir.PL.FUT HAB escuta assim
 “Então sempre vamos para os eventos,”

escola mĩ ěg tóg sir apresentação hynhan mũ tĩ hamě sir ěg,
 escola para 1PL MS assim apresentação fazer.PL ir.PL HAB escuta assim 1PL
 “fazemos apresentações nas escolas,”

ěg grupo tag tí.
 1PL grupo DEM 3SG.M
 “esse nosso grupo.”

Kar kỹ ěg tóg sir, ki ěg tóg sir...
 Depois 1PL MS assim em 1PL MS então
 “Depois nós, nós assim...”

2013 kã ěg mỹ jãvo Brasília ra mũjěg hamě? 14...??
 2013 em 1PL para mas Brasília para ir.PL escuta 14
 “em 2013, Depois fomos para Brasília escuta? 14”

Kỹ ěg tóg sir ki, ki ěg tóg sir 2014 ki ěg tóg sir
 Então nós MS então em em 1PL MS assim 2014 em 1PL MS assim
 “Então nós assim, então daí em 2014”

Brasília ra mũ hamě sir, ATL to hamě...
 Brasília para fazer ação única assim ATL para escuta
 “fomos para Brasília, para ATL”

Acampamento Terra Livre ěn to ěg tóg mũ tĩ hamě sir.
 Acampamento Terra Livre DEM para nós MS ir.PL hab escuta assim
 “Então nós vamos para aquele Acampamento Terra Livre.”

Kỹ ěg tóg sir ki jãpry han mũ hamě sir,
 Então 1PL MS assim em subir fazer ASP escuta assim
 “Então subimos mais,”

jãpry han kỹ ěg tóg sir tãmĩ,
 subir fazer então 1PL MS assim lá longe
 “subimos ainda mais,”

Brasil kãmĩ ěg tóg sir vãhã sir conhecido ěg tóg hamě sir.
 Brasil em 1PL MS assim finalmente assim conhecido 1PL MS escuta assim
 “e fomos por aí no Brasil, assim ficamos conhecidos.”

Kỹ ěg tóg ũri jāpry kỹ nĩgtĩ hamě.
 Então nós MS agora subir então ASP.HAB escuta
 “Então hoje subimos,”

Kỹ ěg tóg ge mũgtĩ hamě,
 então 1PL MS fazer ASP.HAB escuta
 “então fazemos isso”

ěg tỹ, tagki Apucaraninha ki grupo han
 1PL MS aqui Apucaraninha em grupo fazer
 “o grupo que fazemos no Apucaraninha”

ja tag tóg sir tãpry han kỹ nĩgtĩ hamě.
 terminado DEM MS assim subir fazer então ASP.HAB escuta
 “subiu muito hoje.”

Kỹ ěg tóg tãmĩ ki kanhró tĩgtĩ hamě.
 então 1PL MS lá longe conhecer ASP.HAB escuta
 “Então conhecemos lugares.”

UEL ti ra ěg tóg, ag evento ũ to kenh mũ e gé mỹr,
 UEL M para1PL MS 3PL.M.POSS evento alguém para FUT.FUT ir.PL muito também verdade
 “Fomos também para UEL, para o evento deles”

kar kỹ ěg tóg sir tã ra ěg tóg Maringá ra, tag ra ěg tóg...
 depois 1PL MS assim para longe 1PL MS Maringá para, DEM para 1PL MS
 “e também fomos para Maringá, para lá...”

tãmĩ ěg mũ tĩ ha, tỹ ke
 lá longe 1PL andar HAB ASP, aquele
 “Andamos por aí,”

Rio Grande do Sul, Santa Catarina ra ěg mũ tĩ hamě
 Rio Grande do Sul, Santa Catarina para 1PL ir.PL HAB escuta
 “para Rio Grande do Sul, Santa Catarina, vamos para lá”

kar kỹ ěg tóg sir Paraná kãmĩ mũ kãn tĩ gé hamě sir.
 depois 1PL MS assim Paraná por dentro andar.PL acabar HAB também escuta assim
 “e também andamos por todo o Paraná.”

Kar ěg tóg sir vāhā São Paulo ra mũ tĩ gé hamě sir,
 depois 1PL MS assim finalmente São Paulo para ir.PLHAB também escuta assim
 “Então também vamos para São Paulo,”

ěg jykre ven ti jé hamě sir, tāmĩ fóg ag mỹ hamě.
 1PL.POSS costume mostrar 3SG.M para escuta assim lá longe branco M.PL para escuta
 “para mostrar a nossa vida, por aí, para os brancos.”

Kỹ ěg tóg sir... tỹgtỹnh tĩ hamě sir.
 Então 1PL MS assim... cantar.PL. HAB escuta assim
 “Então nós assim... Cantamos.”

Kỹ ěg tóg sir ěg tỹ, ěg jykre ven mũ kỹ ěg tóg sir,
 então 1PL MS assim 1PL MS 1PL costume mostrar andar.PL então 1P MS assim
 “Então nós assim, quando andamos mostrando a nossa vida,”

ag mỹ sĩnvĩ nỹtĩg tĩ hamě sir.
 3PL.M para bonito ASP.HAB HAB escuta assim
 “nós assim, somos bonitos para eles.”

Kỹ ũ ag tóg sir... tāmĩ indígena ũ ag tóg sir, ěg jykre ve
 então alguém M.PL MS assim lá longe indígena outro M.PL MS assim 1PL costume ver
 “Então outros assim... Outros indígenas por aí, vendo o nosso jeito,”

kỹ ag tóg sir ěg kóm ké,
 Então 3PL.M MS assim 1PL o mesmo
 “eles também fizeram o mesmo,”

kỹ ěg tóg sir ag jāgfyn gé mỹr sir.
 então 1PL MS assim 3PL.M subir de nível também verdade assim
 “também fazemos eles subirem.”

Kỹ ũ ag tóg sir tỹgtỹnh tĩ hamě sir, tāmĩ aldeia ũ ag hamě.
 então outro M.PL MS assim cantar.PL HAB escuta assim lá longe aldeia outro M.PL escuta
 “Então outros também cantam por aí, em outras aldeias.”

Kỹ ěg tóg sir ge mũgtĩ hamě.
 então 1PL MS assim fazer ASP.HAB escuta
 “Então fazemos isto.”

Ĕg tŷ tāmĩ ge mũ kŷ Ĕg tóg sir Ĕg mŷ há tĩgtĩ,
 1PL MS lá longe fazer ASP então 1PL MS assim 1PL para bem ASP.HAB
 “Quando fazemos isto por aí, ficamos felizes,”

ken jé Ĕg cultura vĕ mŷr hamĕ, Ĕg tŷ tŷgtŷnh e ti, hamĕ... ti hamĕ,
 porque para 1PL cultura asp verdade escuta 1PL MS cantar.FUT muito 3SG.M escuta
 “porque é a nossa cultura, quando cantamos.”

kŷ Ĕg tóg to vāsānsān tĩ hamĕ sir.
 então 1PL MS para esforçar-se.PL HAB escuta assim
 “Então nos esforçamos.”

Kŷ sóg ājag mŷ tag hā tó mũ...
 então 1SG.MS 2PL para DEM verdade falar ASP
 “Então estou falando isso para vocês,”

Hāra sóg ājag mŷ sĭn kŷ tó mũ hamĕ,
 mas 1SG.MS 2PL para pouco então falar ASP escuta
 “mas estou falando pouco,”

kar kŷ nŷ to tó mǎn.
 depois ASP para falar de novo
 “depois falamos de novo.”

Anexo 4 – K28

Adulta, 28 anos, pós-graduação *latu sensu* em curso

Manu inh mré tónh jé kãtĩg.

Manu 1SG com contar para vir

“Manu, venha contar para mim.”

Hỹ mỹ hamě? Samano ka inh hě ri ké?

verdade INT isso sábado dentro 1SG o que

“É sério isso? O que eu fiz no sábado?”

“Hě ra inh vyr vě?”

para onde 1SG ir ASP

‘Onde eu fui?’”

He sóg mũ... Nỹ ke ma to jykrén... Samano kã? inh... há.

Dizer 1SG.MS ASP deixar em pensar sábado em 1SG não sei

“Estou dizendo... Deixa eu pensar sobre... No sábado? eu.... não sei.”

Měmỹ inh jun tũ nĩ. Samano... nỹ hamě?

parecer 1SG chegar não ASP sábado MS não é?

“Parece que eu não cheguei, no sábado...”

Sexta, samano ka inh, inh regre fi ãn ra vyr,

sexta sábado em 1SG 1SG irmã F.SG casa para ir

“na sexta e sábado eu, eu fui para a casa da minha irmã,”

inh régre fi ãn ra.

1SG irmã F.SG casa para

“para a casa da minha irmã.”

Kỹ ěg tóg ta ũn e fag vigvé, inh kankã fag.

Então 1PL MS lá meninas muito F.PL PL.ver 1SG.POSS primas F.PL.

“Então encontramos muitas meninas, minhas primas.”

Hāra ěg tóg sir, rāké e kŷ ěg tóg kutyg
 Mas 1PL MS daí tarde muito então 1PL MS escurecer

kŷ greja mĩ kāmũ mũ gé,
 então igreja LOC chegar ASP também
 “Mas entardeceu e fomos também para igreja”

greja mĩ, ěg tŷ jānjān jé.
 igreja em (se movendo) 1PL MS cantar para
 “na igreja, para cantarmos.”

Hāra ěg tóg sir jānjān kar kŷ,
 Mas 1PL MS daí cantar depois
 “Depois de cantarmos,”

ag tŷ jānjān kar kŷ ěg tóg sir mũ mũ.
 3PL.M MS cantar depois 1PL MS daí ir.PL ASP
 “depois que eles terminaram de cantar, então nós fomos”

Kutŷ kāmĩ ěg tóg mũg tĩ. Hāra ěg tóg sir...
 noite por dentro 1PL MS andar ASP então 1PL MS daí
 “Andamos na noite...Então nós...”

mũ ki kurāgrāg, mũ ki ěg kurāgrāg.
 andar em amanhecer andar em 1PL amanhecer
 “Andamos até amanhecer, andamos até amanhecer”

Hāra tóg sir ěg mŷ sér tĩgĩ,
 Mas ANÁF daí 1PL para feliz ASP
 “Mas é porque ficamos felizes,”

ěg tŷ jagně mré mũ kar nĩ kŷ.
 1PL MS juntos com andar todos ASP então
 “quando andamos todas juntas”

Kŷ inh kurā ra hā jun.
 então 1SG manhã para realmente chegar
 “Então eu cheguei de manhã.”

Kỹ hã về ha.

Então igual ASP agora

“Então é isso.”

Anexo 5 – K23

Jovem, masculino, 23 anos, Ensino Fundamental I incompleto

Kỹ ěg tóg, samano ěn kã,
Então 1PL MS sábado aquele dentro
“Então, naquele sábado,”

mora he jé kãmũjěg gé mÿr, kÿpeonãto to.
bola jogar para vir.PL também verdade campeonato para
“viemos para jogar bola, no campeonato”

Meio dia e quarenta e cinco ki ěg tóg comesan.
meio-dia e quarenta e cinco em 1PL MS começar
“Começou ao meio-dia e quarenta e cinco.”

Hãra ěg tóg...
mas 1PL MS
“mas nós...”

Hãra inh régré tóg inh kato mora he gé.
mas 1SG.POSS irmão MS 1SG no outro lado bola jogar também
“Mas meu irmão jogou contra mim”

Ha ěg tóg vĕnhmãg nĩ ěg tóg ke gé vĕ,
agora 1PL MS ganhar asp 1PL MS também ASP
“Estávamos ganhando,”

hãra ag tóg ěg mré patan, patan e gé.
mas 3PL.M MS 1PL com empatar empatar fazer também
“mas eles empataram, empataram”

Kỹ ěg quatro a quatro ki patan gé, jogo ti.
então 1PL quatro a quatro em empatar também jogo 3MSG
“Então empatamos de quatro a quatro.”

Ěg tỹ quatro a três kã nĩ ra,
 1PL MS quatro a três estar em
 “Estávamos de quatro a três,”

inh régre tóg sir ag mỹ patan gé sir,
 1SG irmão MS daí 3PL.M para empatar também daí
 “meu irmão empatou para eles,”

kỹ ag tóg ěg mré patan sir.
 Então 3PL.M MS 1PL com empatar daí
 “então eles empataram com nós”

Kỹ ěg tóg sir jãpry kỹ sir,
 Então 1PL MS daí caminho então daí
 “Então subimos,”

ěg time ag hã to jũgjũ tĩ gé sir,
 1PL time M.PL contra bravos ASP também daí
 “e nós brigamos com o nosso time”

“ke kórég tavĩ ãjag nỹtĩ mỹr” he kỹ.
 fazer feio muito mesmo 2PL saber verdade dizer então
 “‘vocês não sabem jogar bola’, dissemos”

Kỹ hã vễ.
 Então igual ASP
 “Então é isso.”

Anexo 6 – K33

Jovem, masculino, 33 anos, Ensino Fundamental II incompleto

Ha mẽ, sỹ tagki rãnrāj ke mũ kã,
 escuta 1SG.MS aqui trabalhar FUT ASP dentro
 “Escuta, quando trabalhei aqui,”

sỹ ki rãnrāj ke ki isóg kagtĩg isóg vễ.
 1SG.MS em trabalhar FUT em 1SG.MS vir 1SG.MS ASP
 “não sabia que eu iria trabalhar aqui.”

Ha ra ki inh rãnrāj tóg inh mỹ han sér tĩgtĩ
 Mas em 1SG trabalhar MS 1SG para fazer feliz ASP
 “Mas trabalhar aqui é bom”

ũ tỹ... sỹ nén tugrĩn ki rãnrāj ja ti...
 alguém MS 1SG.MS coisa por causa de em trabalhar terminado 3SG.M
 “Quando alguém...o motivo de ter trabalhado aqui”

tag ti ki ěg tóg e nĩgtĩ mỹn comunidade ag,
 DEM. 3SG.M em 1PL MS muito existir verdade comunidade 3PL.M
 “é que a comunidade é muito,”

kanhgág ag tóg e tĩgtĩ mỹn sir
 Kaingang M.PL MS muito ASP.HAB verdade então
 “tem muitos Kaingang”

vẻnhgrun ěg tóg ha mỹn ũn ri...
 multiplicar-se 1PL MS agora verdade agora
 “estamos crescendo.”

Kỹ sir inh rãnrāj tag tóg inh mỹ han sér tĩgtĩ,
 Então assim 1SG trabalhar DEM MS 1SG para fazer feliz ASP.HAB
 “Então certamente gosto de fazer esse meu trabalho..”

inh rãnrāj tag tóg inh mỹ há nãgtĩ.
 Eu trabalhar DEM. MS 1SG para bem ASP.HAB
 “esse meu trabalho é bom para mim.”

Inh jé hỹnỹ ỹ ve kỹ vễnh mỹ e tũg,
 1SG FUT provavelmente alguém parecer então ruim causar NEG
 “Eu penso em não desfazer de ninguém,”

inh jé hỹnỹ vễnh kar to há nĩ sór e sóg tĩ mỹn.
 1SG FUT provavelmente alguém todos em direção bem ASP querer causar 1SG.AG ASP.HAB verdade
 “tento ficar bem com todas as pessoas”

Sir ég rãnrāj hã vễgtĩ mỹn tag ti,
 Então 1PL trabalho igual ASP.HAB verdade DEM 3SG.M
 “porque é o nosso trabalho”

ki agente de saúde ki sóg sir,
 em agente de saúde em 1SG.AG então
 “de agente de saúde,”

tỹ isóg agente de saúde jễgtĩ mỹn.
 MS 1SG.MS agente de saúde ASP.HAB verdade
 “eu sou agente de saúde.”

Kỹ isóg sir inh jé hỹnỹ vĩ há jễg,
 Então 1SG.MS assim 1SG para provavelmente falar bem ASP.FUT
 “Aí eu penso em ficar bem,”

Inh jé hỹnỹ vễnh mỹ e tũg e tĩ mỹn,
 1SG para provavelmente ruim causar NEG muito HAB verdade
 “não desfazer de ninguém,”

ha si nén tỹ hén ri ke tóg si ẽg tỹ vễnh mỹ e han sór tĩ mỹn.
 mas velho coisa MS fazer que MS velho 1PL MS ruim causar fazer querer HAB verdade
 “mas tem muitas coisas que fazem com que a gente não fique de bem.”

Ha isóg sir inh jé hỹnỹ ha ra tag ti tỹ tán tá fón sór
 Mas 1SG.MS então 1SG para às vezes agora para DEM 3SG.M MS bem longe jogar fora querer
 “Mas eu disse: vou deixar isso pra lá”

e sóg tĩ, kỹ inh jé hỹnỹ véké há jễg.
 fazer 1SG.MS HAB então 1SG para de certo em vão bom ASP.FUT
 “e ficar bem”

Ken jé ũn tỹ hēn ri ag vỹ tóg sir há tũ nãĩgtĩ mỹn,
 Porque para alguém MS como 1PL.M MS ANÁF então bem NEG ASP.HAB verdade
 “Porque há alguns que não estão bem,”

ũ ag kaga nãĩgtĩ mỹn...
 alguém m.PL doentes ASP.HAB verdade
 “há uns que são doentes,”

ũ ag vỹ sir tag ki, ag tỹ postnhĩnh mĩ
 alguém m.PL MS então DEM em 1PL.M MS postinho dentro(se movendo)
 “outros que têm que vir para este postinho,”

kãmũnh ke mũ hãra ag sir, ũ ag kuvar há nỹĩ mỹn sir.
 vir.FUT FUT. ASP. mas 1PL.M então alguém 1PL afastado bem ASP.HAB verdade então
 “mas moram longe,”

Kỹ ag sir kurã kar ki mĩ kãmũ tũ
 Então 1PL.M então dia todos em dentro(se movendo) chegar não
 “então eles não vêm todo dia aqui,”

nĩgtĩ mỹn tag mĩ.
 ASP.HAB verdade DEM dentro
 “mesmo estando doentes”

Ajag kaga mũ ra sir ajag ĩn tá nĩ nĩ e tĩ mỹn,
 3PL.M doente senão então 3PL.M casa lá ASP ASP muito HAB verdade
 “outros, mesmo doentes, ficam em suas casas,”

ũn sanh há tag ag mỹn sir.
 Alguém adultos bem 3MSG 1PL verdade então
 “esses mais velhos.”

Kỹ ěg tóg si tag...visitan só tĩgtĩ tag ag tỹ tag mĩ
 então 1PL MS velho DEM visitar 1SG.MS ASP.HAB DEM 1PL.M MS DEM dentro (se movendo)
 “Então faço visitas a esses mais velhos”

kãmũnh ke tóg ag mĩ jagy nỹgtĩ mỹn sisi,
 vir.PL FUT MS 1PL dentro (se movendo) difícil ASP.HAB verdade velho.PL
 “os mais velhos, quando moram longe, para eles virem aqui é muito difícil,”

kỹ ãg tóg sir kejẽn ãg tỹ ag venh mũ
 Então 1PL MS então às vezes 1PL com 3PL.M visitar.PL
 “então quando vamos visitar eles,”

kỹ ag tỹ ãg tỹ visita han mũ
 então 3PL.M para nós MS visita fazer ir.PL
 “então quando vamos fazer visita para eles,”

kỹ... isỹ visita han tĩ kỹ isóg sir,
 então 1SG.MS visita fazer ir então 1SG.MS então
 “então quando vou fazer visita,”

ag tỹ hẽ ri ke ãnẽn⁵⁴ vé,
 3PL.M com igual como fut. DEM.PL ver.
 “vejo o que está acontecendo com eles,”

kỹ isóg sir inh kãtig kỹ sir fag mỹ pasan tĩ mỹn sir,
 então 1SG.MS então 1SG chegar então assim 3PL.F para passar HAB verdade então
 “quando eu faço visitas e passo para os que estão na frente,”

ijo nỹtĩ fag mỹ sir, enfermeira fag mỹ, doutora fi mỹ sir
 chefe ASP.HAB 3PL.F para então enfermeira 3PL.F para doutora F para então
 “para as enfermeiras, para a doutora.”

Tag tóg inh mỹ há nỹgti, inh rãnrãj tag ti mỹn sir.
 3MSG MS 1SG para bem ter 1SG trabalho 3MSG com verdade então
 “Então isso é bom para mim, este meu trabalho.”

Kar kỹ gĩr ag mỹn sir.
 Então criança 1PL verdade então
 “Também tem as crianças,”

Gĩr ag tóg si nỹtigtĩ gé.
 Criança 1PL MS velho ASP.HAB também
 “tem as crianças também.”

⁵⁴ Na escrita, a forma plural de ãn (demonstrativo) é ãn ag.

Kỹ isóg sir... ũn ri kanhgág ag tóg sir
 Então 1SG.MS então agora Kaingang 1PL.M MS então
 “Hoje tem alguns Kaingang que”

kejên vãnh ki rĩr ã nỹtĩ sór tĩ mỹn.
 às vezes de si mesmo cuidar NEG ASP.HAB querer ir verdade
 “não se cuidam e falam para irmos atrás deles.”

Kỹ ag tóg sir kejên, ěg mỹ
 Então 3PL.M MS então às vezes 1PL para
 “Então não ficamos só aqui, não ficamos aqui”

Ěg to kãmũjěg he ti mỹn sir, tag ki
 1PL em direção chegar.PL dizer 3SG.M verdade então aqui

ěg tóg si nỹtĩ tũ nĩgtĩ mỹn,
 1PL MS velho ASP.HAB não ASP.HAB verdade
 “Então não ficamos só aqui”

mũ ěg ti mỹn sir, isũn ki.
 ir.PL 1PL nós verdade então 1SG. em
 “mas andamos, no meu (caso).”

Ge hỹnỹ he sóg.
 Então provavelmente dizer 1SG.AG
 “É isso.”

Kỹ tóg inh mỹ sér tĩgtĩ, inh rãnhraj ti.
 Então ANÁF 1SG para feliz ASP.HAB 1SG trabalho 3SG.M
 “Então é bom para mim, o meu trabalho.”